



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DAVIDSON MATHEUS FÉLIX PEREIRA

**REESTRUTURAÇÃO ESPACIAL E PRODUTIVA NA INDÚSTRIA
DE CALÇADOS DE CAMPINA GRANDE-PB: ESPAÇO E
TRABALHO NO REGIME DE ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL**

João Pessoa/ PB
Agosto de 2021

DAVIDSON MATHEUS FÉLIX PEREIRA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TERRITÓRIO, TRABALHO E AMBIENTE
LINHA I- CIDADE E CAMPO: ESPAÇO E TRABALHO

Orientadora: Dra. Arlete Moysés Rodrigues
Co orientador: Dr. Alexandre Sabino do Nascimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Cidade e Campo: Espaço e Trabalho.

João Pessoa/ PB
Agosto de 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P436r Pereira, Davidson Matheus Félix.

Reestruturação espacial e produtiva na indústria de calçados de Campina Grande-PB : espaço e trabalho no regime de acumulação flexível / Davidson Matheus Félix Pereira. - João Pessoa, 2021.
121 f. : il.

Orientação: Arlete Moysés Rodrigues.
Coorientação: Alexandre Sabino do Nascimento.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN.

1. Indústria de calçados - Campina Grande (PB). 2. Sistema industrial. 3. Indústria calçadista. 4. Flexibilização do trabalho. 5. Reestruturação produtiva. I. Rodrigues, Arlete Moysés. II. Nascimento, Alexandre Sabino do. III. Título.

UFPB/BC

CDU 685.34(813.3)(043)

"Reestruturação Espacial e Produtiva na Indústria de Calçados de Campina Grande-Pb: Espaço e Trabalho no Regime de Acumulação Flexível"

Por

Davidson Matheus Félix Pereira

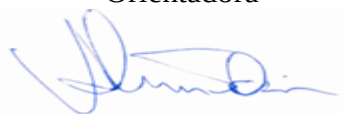
Dissertação de Mestrado apresentada ao Corpo Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia do CCEN-UFPB, como requisito total para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Território,

trabalho e Ambiente. Aprovado por:



Prof^a. Dr^a. Arlete Moysés Rodrigues (PPGG/UFPB/UNICAMP)
Orientadora



Prof. Dr. Alexandre Sabino Do Nascimento (PPGG/UFPB)
Coorientador



Prof. Dr. Edilson Alves Pereira Júnior (PROP GEO/UECE)
Examinador externo



Prof. Dr. Floriano José Godinho De Oliveira (PPFH/UERJ)
Examinador externo

**Universidade Federal da Paraíba Centro de
Ciências Exatas e da Natureza Programa de
Pós-graduação em Geografia
Cursos de Mestrado e Doutorado em**

Geografia Agosto/2021.

À todas e todos os trabalhadores que lutaram e ainda lutam por uma sociedade livre de exploração e dominação.

À minha mãe Edilma Félix da Silva que sofreu por não se ajoelhar, mas me ensinou a lutar pela liberdade e igualdade.

À Minha tia Genilda.

Ao meu pai Fábio de Lima Pereira que me ensinou o valor da reflexão e da profundidade (in memoriam).

Na natureza, tudo é movimento e ação, ser não significa nada além de fazer (...) disto resulta que toda coisa só é real enquanto se manifesta, enquanto age. (MIKHAIL BAKUNIN, 1870)

AGRADECIMENTOS

Devo iniciar os meus agradecimentos como o materialista que sou, portanto, agradeço aos trabalhadores e trabalhadoras brasileiras, os quais financiaram os últimos 18 meses da pesquisa, através da CAPES. Sou grato a todos os trabalhadores das universidades públicas que tem resistido aos desmontes sistemáticos do ensino superior brasileiro.

Quero deixar aqui meus agradecimentos a minha orientadora Arlete Moysés Rodrigues. Obrigado por ter acreditado na minha pesquisa no momento em que nem eu mais acreditava. Obrigado por ser o exemplo de simplicidade, em um ambiente universitário cada vez mais tomado pelos valores burgueses. Obrigado por me ensinar que o mais importante não é ter respostas prontas, mas sim, saber refletir a partir das perguntas corretas. Como já lhe disse em outro momento, se um dia eu me tornar um bom pesquisador, estarei devendo em grande parte a senhora. Por isso, sem demagogia, é uma honra tê-la como orientadora.

Agradeço por ter me segurado quando quis “voar muito”, assim como, por ter respeitado minha autonomia. As eventuais falhas de análise e incongruências presentes nesse trabalho, atribuo única e exclusivamente a mim mesmo.

Agradeço Também ao meu coorientador Alexandre Sabino do Nascimento por ter me apresentado tantas leituras, em especial, o debate acerca da escola da regulação. Você acreditou em mim desde o início, eu que era um aluno sem bolsa, vindo de outra cidade e sem orientador. Nunca vou esquecer de quando me ofereceu estadia para ajudar nos meus estudos, apesar de não ter se concretizado, esse gesto me ajudou determinantemente.

Agradeço à “seu Daniel”, por ter me cedido sua casa em João Pessoa e pelas suas palavras amigas.

Querida Dirce Suertegaray, foi uma honra ter sido seu aluno. Nunca vou esquecer do abraço que a senhora me deu uma vez, você não sabe, mas aquele havia sido o dia em que mais me senti só nessa vida.

À professora Maria Franco Garcia. Obrigado por me fazer refletir sobre o patriarcado, isso mudou minha visão enquanto geógrafo, mas principalmente, enquanto homem. Agradeço também por abraçar minhas inquietações sobre a teoria social anarquista e a Geografia.

A todos os meus colegas da pós, em especial: Antônio, Juliana, Inocência, Igor, Matheus, Renata, Dayane e Sérgio, minha gratidão.

Agradeço à professora Doralice por dividir seu conhecimento. E ao professor Rafael Faleiros de Pádua, por ter me permitido assistir as aulas de Teoria e Método como ouvinte. A partir disso conheci pessoas que levarei para a vida, como Kathiuscia e Irece.

Ao professor Edilson Pereira, cuja contribuições na qualificação e conversas, ajudaram a reorientar positivamente a pesquisa.

Aos amigos do LACAM, em especial ao Flávio, Leiane, Paula, Florência, Jhon, Mayra. Considero, com toda sinceridade o aprendizado do LACAM como meu segundo mestrado.

Aos meus amigos Amaro, Madureira e Gustavo, os quais me ajudaram a preparar para a seleção, nossas discussões sempre me fizeram repensar minha prática.

Aos meus amigos Alison, Johell e Marquin, pela ajuda e pelos momentos de descontração da Nihill e que juntos a Helton, Josy, Karlla e Kauêzin foram fundamentais.

Aos moradores da ocupação Luiz Gomes, aos ocupantes da Feira Sudoeste e aos moradores da “Invasão do Distrito dos Mecânicos”. A luta de vocês me inspirou nessa trajetória. Aos operários e ex-operários da indústria de Campina Grande que dividiram suas histórias e suas penas comigo, foi essencial para entender a dimensão do trabalho.

Aos meus amigos Rafinha, Nicolas, Dafne e Danilo do Coletivo Anarquista Primeiro de Maio, pelo apoio, carinho e pelas discussões no Parque da Liberdade sobre o Estado e o Capitalismo, de alguma forma, elas estão impressas nesse trabalho.

Ao Danilo “peupeu” que agora nos deixa apenas boas lembranças, você é luz. À Carlos pela ajuda com a reforma e à Raiff. Ao Rodrigo “Pivetxe”, Pedro, Janduí e Felipe.

Aos meus irmãos de outras mães, Washington e Breno, obrigado pelas palavras de conforto e pelos abraços que me permitiram encontrar forças para continuar, amo vocês. Também agradeço pelo carinho de Iza, Horkídea e Adriel.

Aos meus familiares, especialmente, Alan, tia Mininha, tia Manú e, sobretudo, minha avó Gizélia que me ouviu quando mais precisei e me deu forças. Amo vocês.

À minha companheira Ana, “minha menina”, que entrou no meio dessa caminhada para deixar tudo mais leve. O livro da “Rago” me ajudou muito. Te amo!

Ao meu irmão Vinícius, você sempre esteve comigo, eu te amo. À “Seu Ferreira” pela compreensão e toda ajuda.

Por fim, agradeço a Edilma Félix da Silva, minha mãe, sem a senhora eu não teria chegado aqui. Você, mais do que ninguém, sabe o que eu passei, e, mais do que ninguém, soube como me ajudar. Obrigado por ter sido tudo na minha vida. Te amo do fundo da minha alma.

RESUMO

A presente pesquisa, apresenta uma análise da relação entre a indústria e o espaço urbano, revisitando o debate acerca das concentrações industriais em uma perspectiva histórica e espacial, centrada nas relações de poder. Desse modo, analisamos as transformações da indústria calçadista em Campina Grande e a sua configuração espacial produtiva atual. Considerando a expansão da indústria de calçados após a reestruturação produtiva em decorrência desde os anos 1990 e o crescente impacto desse na economia e no espaço urbano do município. A pesquisa centra-se em investigar, a partir dos marcos do regime de acumulação flexível, a reestruturação produtiva no Sistema Industrial Localizado de Calçados em Campina Grande, bem como, a reconfiguração do espaço produtivo da cidade e as transformações nas relações de trabalho. Destacamos a importância das condições gerais de produção geradas na cidade pela indústria têxtil e metalomecânica entre os anos 1930 e 1970. Subsequentemente, observamos a ocorrência de dois processos de reestruturação no sistema industrial localizado de calçados de Campina Grande: o primeiro teria ocorrido nos anos 1983-1990 pela inserção do grande capital. O segundo estaria ocorrendo desde os anos 1990 até os dias atuais, através da expansão da produção do grande capital e da reconfiguração dos aglomerados produtivos de pequeno capital. Além disso, a partir de dados da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, realizamos uma análise espacial dos aglomerados produtivos existentes, levando em conta as diferentes atividades existentes no subsetor. Essa investigação permitiu identificar dois modelos produtivos na cidade: o do grande capital, de base fordista e outro de base semiartesanal, ligado às micro e pequenas empresas. Assim, verificamos que a flexibilização da produção se processa de forma diferente nos dois modelos. Ressaltamos a influência dos órgãos e instituições na coordenação do sistema industrial localizado de calçados de Campina Grande, como fomentadores de processos de aprendizagem coletiva e de disciplina dos trabalhadores. Além disso, refletimos sobre o papel do Estado capitalista como agente promotor do processo de valorização e acumulação, sobretudo do grande capital.

Palavras-Chave: Reestruturação produtiva; Sistema Industrial Localizado; Indústria Calçadista; Flexibilização do trabalho; Campina Grande.

ABSTRACT

This research presents an analysis of the relationship between industry and urban space, revisiting the debate about industrial concentrations in a historical and spatial perspective, centered on power relations. Thus, we analyze the transformations of the footwear industry in Campina Grande and its current productive spatial configuration. Considering the expansion of the footwear industry after the productive restructuring that has taken place since the 1990s and its growing impact on the economy and urban space of the municipality. The research focuses on investigating, from the framework of the flexible accumulation regime, the productive restructuring in the Industrial System Located of the footwear in Campina Grande, as well as the reconfiguration of the city's productive space and the transformations in labor relations. We point out the importance of the general conditions of production generated in the city by the textile and metal mechanics industry between the 1930s and 1970s. Subsequently, we observed the occurrence of two restructuring processes in the localized industrial system for footwear in Campina Grande: the first would have occurred in the years 1983-1990 by the insertion of big business. The second would be taking place from the 1990s to the present day, through the expansion of big business production and the reconfiguration of low capital productive clusters. Furthermore, based on data from the Federation of Industries of the State of Paraíba, we carried out a spatial analysis of the existing productive clusters, taking into account the different activities existing in the sub-sector. This investigation allowed the identification of two productive models in the city: that of big business, with a Fordist base, and another with a semi-handmade base, linked to micro and small businesses. Thus, we verified that the production flexibility is processed differently in the two models. We emphasize the influence of bodies and institutions in coordinating the localized industrial system for footwear in Campina Grande, as promoters of collective learning processes and discipline of workers. In addition, we reflect on the role of the capitalist state as a promoter of the process of valorization and accumulation, especially of big capital.

Key-words: Productive Restructuring; Industrial System Located; Footwear Industry; Flexibilization of Labour; Campina Grande.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1: Localização da cidade de Campina Grande-PB	19
MAPA 2: Arranjo Populacional de Campina Grande-PB.....	20
MAPA 3: A Espacialização das Empresas de Fabricação de Calçados de Material Sintético em Campina Grande-PB (2020).....	79
MAPA 4: Espacialização das Empresas de Fabricação de Partes Para Calçados de Qualquer Material em Campina Grande-PB (2020).....	81
MAPA 5 : Espacialização das Empresas de Fabricação de Calçados de Fabricação de Calçados de Couro em Campina Grande-PB (2020).....	85
MAPA 6: Espacialização das Empresas de Fabricação de Calçados de Materiais Não Especificados Anteriormente em Campina Grande-PB (2020).....	87
MAPA 7: Espacialização e Configuração Produtiva do Sistema Industrial Localizado (SIL) de Calçados de Campina Grande-PB (2020)	92

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Espacialização dos Fluxos de vendas das Empresas calçadistas em Campina Grande-PB por Porte e Número de empresas (2020)	90
FIGURA 2: Aglomerado Industrial Calçadista Leste.....	94
FIGURA 3: Pequena Zona Industrial Calçadista Oeste	96
FIGURA 4: Aglomerado Industrial das Grandes empresas Calçadistas na Zona Industrial Principal da Cidade.....	97

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: População Residente no Município de Campina Grande-PB	43
TABELA 2: Nº total de Estabelecimentos ou Unidades Locais da Indústria em Campina Grande-PB	44
TABELA 3: Números de Estabelecimentos industriais da transformação com relação aos demais setores em percentual	61
TABELA 4: Taxa de Pessoal Ocupado na Indústria da Transformação com relação aos demais setores.....	62
TABELA 5: Número de estabelecimentos da indústria de calçados no Município de Campina Grande-PB por porte de empresa (1990 e 2019).....	64
TABELA 6– Estoque de empregos formais na indústria de calçados no Município de Campina Grande-PB por porte de empresa (1990 e 2019).....	65
TABELA 7: Destino da Produção das empresas de fabricação de calçados sintéticos por número de empresas (2020).....	78
TABELA 8: Destino da Produção das empresas de Fabricação de Partes Para Calçados de Qualquer Material por Número de Empresas (2020).....	80
TABELA 9: Destino da Produção das empresas de Fabricação de Calçados de Couro por Número de Empresas (2020)	82
TABELA 10: Destino da Produção das empresas de Fabricação de Calçados de Qualquer Material não Especificado Anteriormente por número de empresas (2020)	86
TABELA 11: Destino Principal das Vendas das Médias, Pequenas e Micro Empresas de Calçados	89

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Isenções dadas pelo Estado da Paraíba à Alpargatas S.A entre 2008-2018.	60
GRÁFICO 2: Evolução do pessoal Ocupado por setores em Campina Grande-PB	62
GRÁFICO 3: Salário Médio Mensal em Reais por setor em Campina Grande-PB	63

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABICALÇADOS- Associação Brasileira das Indústrias de Calçados

APL- Arranjo Produtivo Local

ASSOMAC- Associação Italiana de Fabricantes de Máquinas da Cadeia de produção do Couro e do Calçado

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

BNDES- Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CAGED-Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

CINEP- Companhia de Desenvolvimento da Paraíba

CTCC- Centro de Tecnologia do Couro e do Calçado Albano Franco

FIEP- Federação das Indústrias do Estado da Paraíba

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS- Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

IEL- Instituto Euvaldo Lodi

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MPES- Micro e Pequenas Empresas

MTE- Ministério do Trabalho e Emprego

PISIE- Politécnico Internacional de Desenvolvimento Internacional e Econômico

RAIS- Relação Anual de Informações Sociais

REGIC- Região de Influência das Cidades

SANBRA- Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAI- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SIL- Sistema Industrial Localizado

SINDICALÇADOS/PB- Sindicato da Indústria de Calçados do Estado da Paraíba

SUDENE- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UFCG- Universidade Federal de Campina Grande

UFPB- Universidade Federal da Paraíba

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	17
1.1 Apresentação	17
1.2 Os agentes, os sujeitos e o espaço da pesquisa	18
1.3 Procedimentos metodológicos.....	23
1.4 A Pandemia do COVID-19: Algumas observações sobre o ramo calçadista campinense	25
1.5 O percurso teórico	28
1.5.1 A necessidade de recolocar o capital industrial na análise geográfica	28
1.5.2 A Reestruturação produtiva e o regime de acumulação flexível	30
1.5.3 Coesão estruturada e a ideologia neoliberal: O controle da cidade e dos trabalhadores calçadistas.....	34
1.6 Estrutura da dissertação	35
CAPÍTULO 2: GÊNESE, DESENVOLVIMENTO e REESTRUTURAÇÕES DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE CAMPINA GRANDE	37
2.1 A Gênese da indústria atual: inserção e expansão das relações capitalistas de produção	38
2.2 As metamorfoses da indústria calçadista campinense: Forças produtivas, contradições e reestruturações.	45
2.2.1 A primeira reestruturação produtiva: A inserção do grande capital e de novas formas de dominação (1983-1990)	46
2.2.2 A nova rodada de reestruturação produtiva: expansão do grande capital e um novo planejamento para o pequeno capital (1990-2019).....	52
2.3 A Reestruturação do mercado de trabalho na indústria do município	61
2.3.1 A expansão e exploração no mercado de trabalho da indústria calçadista	63
CAPÍTULO 3: A ATUAL CONFIGURAÇÃO ESPACIAL E PRODUTIVA DO SISTEMA INDUSTRIAL LOCALIZADO DE CALÇADOS EM CAMPINA GRANDE (2020)	68
3.1 Considerações acerca do conceito de Sistema Industrial Localizado	68
3.1.1 A Conjunção entre o planejamento para o grande e o pequeno capital calçadista	71

3.1.2 Dois subsistemas produtivos: o grande e o pequeno Capital e as implicações geográficas na rotação do capital.	74
3.2 As diferentes atividades do subsetor e suas correspondentes rotações e composições orgânicas de capitais	76
3.2.1 As empresas de fabricação de calçados sintéticos	77
3.2.2 As empresas de fabricação de partes para calçados de qualquer material	80
3.2.3 As empresas de fabricação de calçados de couro	82
3.2.4 As empresas de fabricação de calçados de materiais diversos.....	85
3.2.5 As empresas de fabricação de tênis de qualquer material.....	88
3.3 Configuração Produtiva do SIL: Rotação do Capital, Organização e Produção do Espaço Produtivo Calçadista.....	88
3.3.1 A espacialização do subsistema de baixa composição orgânica de capitais.....	93
3.3.2 A espacialização do subsistema de alta composição de capitais	97
3.4. Considerações preliminares sobre o SIL calçadista: Organização espacial e o controle sobre a força de trabalho	98
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	116

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como ponto de partida entender como o subsetor industrial calçadista se estrutura em Campina Grande. Entendemos que o subsetor tem passado por intensas transformações nos seus processos produtivos, com rebatimentos importantes na dinâmica do trabalho e na configuração espacial produtiva do ramo calçadista na cidade e sua região circunvizinha.

1.1 Apresentação

As preocupações sobre a relação entre indústria e mercado de trabalho foram postas após realizarmos um estudo sobre a periferização e a expansão do pequeno comércio nos conjuntos habitacionais da Alça-Sudoeste da cidade de Campina Grande-PB. A proximidade dessa área ao espaço produtivo da cidade, nos chamou a atenção para o processo de reestruturação espacial que ocorria na Zona Industrial do município¹.

A partir disso, decidimos estudar o uso e ocupação do solo no espaço industrial campinense. Contudo, durante a pesquisa, observarmos a importância da maior indústria da cidade, a empresa calçadista Alpargatas S.A. Entendendo o papel dessa empresa na reestruturação espacial que ocorrera na zona industrial e a relação que essa tinha com o mercado de trabalho regional, reorientamos o nosso objeto de estudo. Assim sendo, nos debruçamos em entender a influência dessa empresa na cidade.

A essa altura, percebemos a importância que o subsetor calçadista como um todo possuía na cidade e na região circunvizinha, bem como, as diferenças espaciais e de poder existentes entre o grande e o pequeno capital, com relação a influência sobre a política municipal e estadual, mas também as diferentes capacidades de acesso a mão de obra e os diferentes processos produtivos empregados. Da mesma forma percebemos que as variadas aglomerações produtivas do ramo calçadista, interferiam de formas particulares na reestruturação espacial da cidade e sua região.

Desse modo, a pesquisa passou a seguir 3 eixos principais de análise: a) O desenvolvimento das forças produtivas na cidade e seus efeitos na estruturação do subsetor como um todo com relação ao uso da força de trabalho e as condições gerais de produção devidas. b) Os fatores que impeliram na instalação do grande capital calçadista na cidade, seu desenvolvimento e sua atual configuração socioespacial com suas

¹ Ver PEREIRA (2018).

correspondentes divisões técnicas e espaciais do trabalho. c) O desenvolvimento do pequeno capital calçadista na cidade, seu desenvolvimento e d) sua atual configuração socioespacial e suas correspondentes divisões técnicas e espaciais do trabalho.

1.2. Os agentes, os sujeitos e o espaço da pesquisa

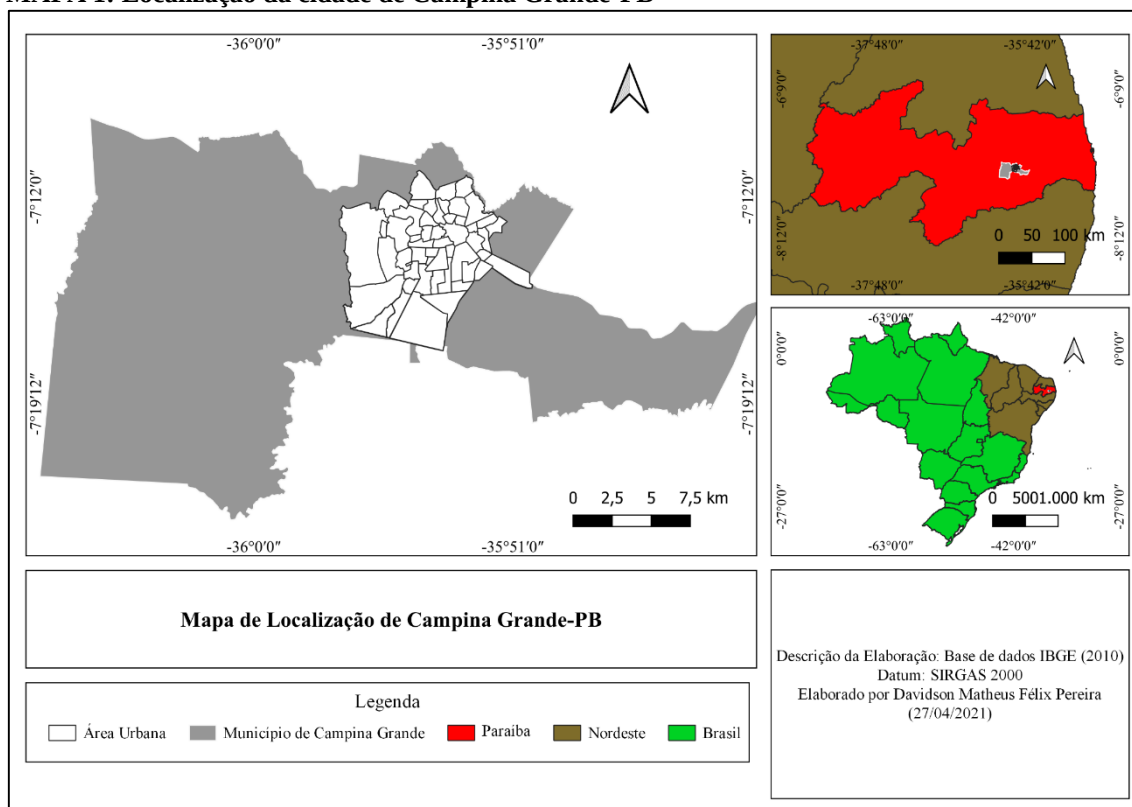
Nesse caminho passamos a enxergar a necessidade de estudar de maneira integrada o desenvolvimento industrial e desenvolvimento urbano, dado a complementariedade e o papel central que esses dois processos impelem a organização espacial da produção e da vida. Nesse sentido, entendemos que o trabalho se define enquanto um processo social mediador desses fenômenos, sendo o espaço, inclusive o produtivo, um produto do trabalho coletivo, realizado por gerações de trabalhadores e trabalhadoras (KROPOTKIN, 2011, p.85).

Isso nos dá uma importante chave para elucidar os novos fatores estruturantes do capitalismo contemporâneo brasileiro, podendo se resumir a uma simples pergunta: o que o urbano nos diz sobre a indústria e o que a indústria nos diz sobre o urbano atualmente? Em outras palavras, como as forças produtivas e o trabalho tem agido sob o espaço e como esses espaços tem condicionado as diferentes formas de produzir e o tipo de capital existente? Nesse sentido, a cidade deve ser tomada enquanto um espaço de concentração industrial, e da sua distribuição (RODRIGUES, 1988) e ao mesmo tempo de um mercado de trabalho espacialmente concentrado.

Ora, para que a produção industrial e a acumulação de capital sejam possíveis é preciso que haja mão-de-obra disponível, ou seja, que se considere que a população está dividida em classes sociais, sendo uma delas aquela que essencialmente vende a sua força de trabalho. (RODRIGUES, 1988, p.35).

Desse modo, a concentração de mão de obra no espaço urbano de Campina Grande² (ver Mapa 1) é um elemento que deve ser levado em conta nesse novo processo de concentração de capitais industriais. Contudo, o interesse do capital não se restringe apenas a quantidade de trabalhadores disponíveis em um mercado de trabalho urbano, mas também às condições imateriais específicas.

² Campina Grande, é um município do interior paraibano, o mesmo município possui uma população estimada em 409.731 habitantes (IBGE, 2020), localizada no Brejo do Estado da Paraíba, na região Intermediária de Campina Grande, que compreende 72 municípios.

MAPA 1: Localização da cidade de Campina Grande-PB

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2010).

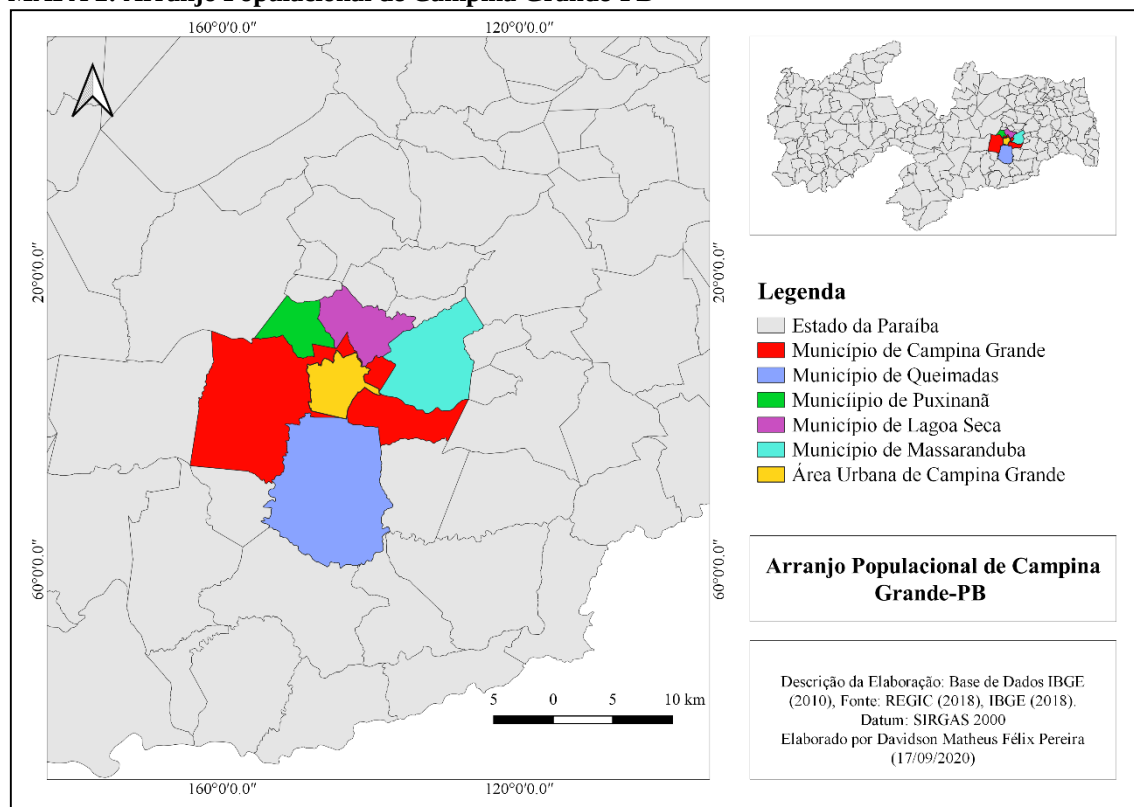
Assim, é importante para a reprodução dessas relações de produção que no “espaço urbano todos cuidem para que todos permaneçam no mesmo lugar” (RODRIGUES, 1988, 33). Observamos que a racionalidade do operariado campinense, mas também do trabalhador dessa cidade em geral, cada vez mais se inscreve em um sistema de significados competitivo, onde o mérito (nas grandes indústrias) e a ideia de empreendedorismo (nas pequenas empresas) se exacerbam, diminuindo os laços de solidariedade entre os trabalhadores. Mas como e por que esse processo vem se dando em Campina Grande?

Tomando como exemplo a minha experiência de vida, aos 9 anos meu sonho era trabalhar na Alpargatas S.A. Mas por quê? As razões para a produção dessa subjetividade não são claras, o que demonstra a necessidade reconstruirmos minimamente a história desse capital na produção desse urbano e a história desse urbano na construção desse capital. Podemos dizer que o capital, toma a cidade como um meio para capturar os sentidos de viver na cidade, cria representações e imagens que tornam a empresa um agente familiar ao cidadão campinense. Mas de que forma se chegou até aqui?

O poder político das grandes indústrias em Campina Grande, sobretudo, as ligadas a produção calçadista, ao que parece funcionam no espaço urbano e regional (Mapa 2)

desse município, enquanto “mecanismos de poder” cada vez mais dissimulados e disseminados de modo a garantir a “produtividade geral na cidade” (RODRIGUES, 1988, p.33). Como uma espécie de modo de regulação interno a cidade, essas empresas, interferem tanto na rede de transportes, no regime de tributação, na cultura do operariado, na cultura da cidade, no pequeno capital, na rede de fornecedores, ou seja, nos fixos e fluxos da produção e para além da produção.

MAPA 2: Arranjo Populacional de Campina Grande-PB



Fonte: Elaborado por Davidson Matheus Félix Pereira a partir de base de dados do IBGE (2010), e pesquisa da REGIC 2018, IBGE (2018).

Portanto, esse trabalho contribui para a reflexão acerca das formas pelas quais o capital industrial atualmente se reproduz em Campina Grande a partir de um controle da força de trabalho e de um ordenamento espacial mediado pelo Estado capitalista e os demais agentes e instituições. Na mesma medida em que, põe luz a forma com que os diferentes conjuntos de capitais podem ser acumulados de forma ampliada, a partir de condições espaciais específicas e da dominação sobre os trabalhadores através do espaço.

O ponto de partida para se chegar a essa problemática, tem relação com a importância que o ramo industrial de calçados vem adquirindo no processo de reestruturação espacial da cidade (MAIA et al, 2013) e de sua região. O desenvolvimento econômico e urbano, impelido pelo grande capital, tem apresentado transformações nos

processos produtivos nas indústrias de modelos fordistas e nas semiartesanaís. Processos esses que vem repercutindo de variadas formas na produção e reprodução do espaço urbano de Campina Grande e no sistema de signos e símbolos dessa cidade.

Essa reconfiguração do espaço da cidade, como essa pesquisa busca apontar, vem sendo acompanhado por uma reestruturação produtiva no subsetor calçadista em sua totalidade, mas que possui particularidades quando analisamos as diferentes frações de capitais, ou seja, das grandes empresas e pequenos capitalistas.

Portanto, pode vir a indicar uma crescente redefinição nos fluxos e nas redes (SANTOS, 1997) que perpassam e estruturam o espaço urbano regional de Campina Grande através do desenvolvimento do subsetor calçadista. Como observaremos a produção e o circuito de vendas desse ramo tem criado nexos importantes de produção e da comercialização. Observa-se tanto a forte integração regional, a partir da produção e comércio de calçados das pequenas empresas, quanto uma integração territorial e mesmo global, ligada as grandes empresas e seus circuitos espaciais³, esses inserem a cidade de Campina Grande em uma rede associada ao mercado nacional e global.

Nesses termos, destaca-se a ação de alguns agentes: 1) a Alpargatas S.A, que produz as sandálias da marca Havaianas, instalada na cidade desde os anos 1985, atualmente (2019) contando em sua produção com cerca de 8.000 trabalhadores; 2) a TESS Indústria e Comércio LTDA, que produz sandálias da marca Kenner, instalada desde os anos 2009, contando atualmente (2019) com cerca de 1300 trabalhadores⁴ na produção; 3) as micro, pequenas e médias empresas de calçados, que produzem uma grande variedade de calçados e artigos de couro, que totalizam cerca de 87 empresas em 2020, contando com cerca de 1500 trabalhadores.

Contudo, o ramo calçadista nem sempre possuiu um papel central no arranjo do território do município e região. É um movimento relativamente recente que se inicia em meados dos anos 1985 e guarda relações com transformações no núcleo do capitalismo global (HARVEY 1996; 2005), nas formas de regulação do território nacional

³O estudo de FERREIRA (2018), sobre o circuito espacial da produção da Alpargatas S.A é bastante elucidativo quanto a dimensão da produção dessa empresa em Campina Grande e o destino de suas vendas, também aponta para alguns elementos importantes para entender o controle corporativo da empresa sobre o território paraibano, nacional e mesmo internacional, desse modo a nossa pesquisa buscará contribuir para a análise do seu controle sobre o espaço urbano e sua região.

⁴ SINE de Campina Grande e Tess promovem capacitação para trabalhadores. Codecom/CG, Publicado em 24 de abril de 2019. Disponível em: <https://paraibaonline.com.br/2019/04/sine-de-campina-grande-e-tess-promovem-capacitacao-para-trabalhadores/>, Acessado em 01/07/2021.

(BRANDÃO 2016), mas também com a reestruturação econômica e produtiva (LENCIONE 2006; 2015).

Assim, procuramos entender de que forma o processo de reindustrialização local e regional e as inovações tecnológicas, refletiram nos processos de aprendizagem coletiva (PEREIRA JÚNIOR, 2020, p.357). Além de averiguar como esses mesmos rearticularam e redefiniram as relações socioespaciais das aglomerações produtivas de calçados em Campina Grande. E a partir daí apontar algumas possibilidades para compreender algumas dinâmicas do mercado de trabalho urbano regional.

A presente pesquisa também destaca a influência da cidade enquanto força produtiva na conformação de certos processos produtivos e na acumulação ampliada e reprodução desses capitais. Nesse sentido a aglomeração de empresas deve ser entendida como uma centralização geográfica, como apontamos no cap.3, na medida que essas aglomerações surgem quando diferentes capitais se encontram reunidos em um espaço e podem dividir infraestruturas, instalações e acesso a mão de obra especializada (HARVEY, 2016, p.141).

Observamos, como será apresentado no cap.2, que a produção das empresas de grandes e de pequenos capitais se transformaram e concomitantemente transformaram o espaço urbano de Campina Grande a partir de processos particulares. Cada conjunto de capitais, demonstrou possuir estratégias espaciais e políticas diferentes para manterem a sua produção. Um dos esforços analíticos dessa pesquisa é demonstrar como esses processos específicos possuíram relações com as mudanças estruturais que vem ocorrendo no Brasil, sobretudo, a partir dos anos 1990, com a neoliberalização da economia e da política brasileira.

Por isso se faz importante, demarcar minimamente os principais eventos que ocorreram ao longo do desenvolvimento industrial de Campina Grande e de que forma essa análise nos auxilia a entender os processos sociais que se dão na e a partir da cidade contemporânea, como apontamos no cap.2, assim como, entender as atuais formas de dominação e exploração próprias na produção propriamente dita.

Nesse sentido, buscamos resgatar uma história do desenvolvimento das relações de produção nessa cidade e sua região, com o intuito de compreender a geografia do desenvolvimento das forças produtivas que sedimentaram as condições para o desenvolvimento desse subsector. Consequentemente, a partir disso, foi possível entender o seu desenvolvimento e suas contradições, até chegarmos a compreensão de sua configuração socioespacial atual.

Assim sendo, esse estudo tem como centro de análise a intersecção entre o capital industrial e o urbano, considerando-os enquanto dimensões consubstanciadas para se entender o fenômeno da produção do espaço e da reprodução da vida na cidade contemporânea. Ao mesmo tempo procura destrinchar como vem se dando a valorização do capital em detrimento da exploração e dominação da força de trabalho no mercado de trabalho urbano.

1.3 Procedimentos metodológicos

Nesses conformes, um tratamento prático e teórico da reestruturação produtiva e sua relação com a reestruturação socioespacial, requer considerar a dialética existente entre as diferentes funções existentes na cidade, o modo como essas funções se complementam, se relacionam, ou se contradizem. Essa relação multicausal é o que vai permitir desvendarmos a espacialidade desse fenômeno, através de três dimensões chave: 1) Como as formas espaciais do ramo calçadista foram produzidas em Campina Grande pelo movimento de valorização e reprodução, mediado pelo Estado e o suporte das instituições e da cultura local; 2) De que forma as condições gerais de produção na cidade e na região influem nas taxas de lucro e no acesso ao mercado de trabalho das diferentes frações do capital do ramo calçadista; 3) Quais são as configurações espaciais produtivas do ramo calçadista em Campina Grande e, 4) Como estas instituições, o Estado e o Capital determinam e condicionam as formas de se trabalhar, o modo de vida e o cotidiano dos trabalhadores e da cidade. Essas são questões que permeiam o texto aqui apresentado.

Outras questões se desdobram a partir desses objetivos: De que forma as empresas empregam? Há alguma competição entre essas sobre a força de trabalho? Há diferenças de qualificação da força de trabalho a depender do grau de investimento das empresas? Quais são as estratégias de controle da mão de obra adotadas atualmente? Há articulação entre os sistemas produtivos do pequeno e do grande capital? Existe algum controle político e econômico das grandes empresas sobre as pequenas empresas? De que formas essas empresas interferem na política do Estado em suas variadas escalas? De que modo os processos de terceirização, subcontratação se dão em cada subsistema produtivo? Quais os impactos que esse Sistema Industrial Localizado possui sobre o espaço de Campina Grande e região? Qual política industrial tem se dado com relação ao subsetor? Quais os limites estruturais do desenvolvimento endógeno? Qual é a influência da

ideologia neoliberal na subjetividade do trabalhador, na política econômica adotada na Paraíba e na consciência coletiva dos campinenses?

Para responder essas perguntas, optamos por fazer uma análise expositiva-analítica com pesquisa bibliográfica sobre os temas concernentes, coleta de dados secundários e pesquisa de campo, quando foi possível. Em primeiro lugar, visitamos alguns trabalhos clássicos da teoria socioespacial e da industrialização brasileira partindo de conceitos basilares. Entre os trabalhos pesquisados quais ressaltamos: LENCIONI (1998); (1997); (2007), LEFFEBVRE (1973), HARVEY, (2005); (2017) e SOJA (1993), ajudaram a entender os fatores de industrialização do espaço urbano. Concomitantemente, fizemos uma revisão bibliográfica acerca do processo de industrialização da cidade, tais como: ANDRADE (1973), CARDOSO (1963) e OLIVEIRA; RODRIGUES (2009); a reestruturação espacial e produtiva ocorrida nos anos 1990 (PEREIRA, 2016); seguido por uma revisão acerca dos estudos de caso sobre o subsetor calçadista campinense OLIVEIRA; NETO (2009), ANDRADE (2011), AQUINO; PINHEIRO (2006) SANTOS (2009), LEMOS (2003), SANTOS; CÂNDIDO (2013) e ALMEIDA (2011).

Como parte da pesquisa de campo entrevistamos alguns ex-operários das duas grandes empresas calçadistas, e um ex-diretor de uma das empresas, assim como alguns pequenos empresários do ramo de calçados. Utilizamos pesquisa documental, realizada em sites das empresas, jornais eletrônicos, de órgãos governamentais e etc. Realizamos alguns estudos de campo⁵, buscando uma descrição qualitativa da Zona Industrial, da cidade. Por fim, analisamos algumas imagens de satélite do Google Earth para caracterizarmos o espaço produtivo da cidade e sua região de influência.

Para compreender a dinâmica das relações de trabalho fizemos pesquisa e análise sobre o pessoal ocupado por setores em Campina Grande, a partir de dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE (2018), bem como, um breve exame da evolução do número de empregos industriais desde a década de 90, através de dados da RAIS (MTE/RAIS, 2021). Por fim, o recurso metodológico mais importante, se deu a partir dos dados obtidos no Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba –FIEP.

Os dados da FIEP apesar de serem menos precisos que o da RAIS/MTE, permitiram demonstrar a localização exata das empresas na cidade. Portanto, essa foi uma operação metodológica importante para entendermos a espacialização e concentração fabril do ramo calçadista, além disso, o cadastro nos ofereceu informações

⁵ Os estudos de campo programados para serem realizados nos bairros José Pinheiro, Monte Castelo e Bodocongó foram inviabilizados em função da pandemia do Novo Corona vírus.

sobre o destino de vendas (apesar de não ser preciso) das empresas, o porte e a subclasse de atividade, assim foi possível fazer uma análise relativamente aproximada entre o tipo e o quantitativo de capital, quantidade de trabalhadores empregados e a localização.

Dessa forma, partimos para a construção de um banco de dados, seguido de um georeferenciamento e reajuste de algumas localizações com o auxílio do Google Earth e por fim, classificamos cada empresa. Com isso pudemos confeccionar os mapas que subsidiaram a representação da espacialização do subsetor calçadista em consideração as principais vias que concentram tais atividades, e a aglomeração na intersecção de alguns bairros, nos dando uma dimensão mais próxima da relação desse subsetor com as condições gerais de produção específicas e a real dimensão das economias de aglomeração geradas em cada configuração espacial produtiva.

1.4 A Pandemia do COVID-19: Algumas observações sobre o ramo calçadista campinense

Cabe esclarecer que iniciamos a pesquisa antes da pandemia do Coronavírus a qual colocou entraves para a concretização da pesquisa de campo inicialmente programada. Não faremos análise das condições de trabalho durante a pandemia pois foge ao escopo da pesquisa, porém alguns acontecimentos recentes nos proporcionaram elementos para analisar a influência da indústria e da Pandemia na vida dos campinenses.

É importante ressaltar que a produção da Alpargatas, e da TESS Indústria e Comércio e as relacionadas a elas não foram interrompidas, inclusive a Alpargatas teve crescimento nas vendas na ordem de 5% no último trimestre de 2020 com relação ao mesmo período em 2019, assim como também expandiu sua produção⁶.

Alguns trabalhadores, segundo notícias de jornais, defendiam a continuidade da produção durante a pandemia por receio de serem demitidos, mas é possível pensar que a maior parte dos trabalhadores tenha sido obrigada a se submeter as condições de risco exigidas pela produção durante a pandemia. Como foi noticiado na imprensa local, ocorreu um protesto no dia 19 de maio de 2020⁷, organizado pelo Comitê em Defesa dos

⁶ COMO, a Havaianas, da Alpargatas, bateu recorde de vendas no 4º trimestre, apesar da pandemia. Por Anderson Figo, em 1 de março de 2021, Infomoney. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/como-a-havaianas-da-alpargatas-bateu-recorde-de-vendas-no-4o-trimestre-apesar-da-pandemia/>. Acessado em 29/06/2021.

⁷ DENÚNCIA, – Guaraves e Alpargatas de CG na mira da Covid-19, 19 de maio de 2020, ADUFCG. Disponível em: <https://adufcg.org.br/denuncia-guaraves-e-alpargatas-de-cg-na-mira-da-covid-19/>. Acessado em 29/06/2021.

Direitos dos Trabalhadores e das Liberdades Democráticas, com pouca adesão dos trabalhadores da Alpargatas. Deduz-se, assim, que muitos trabalhadores estavam com medo de serem demitidos, visto que em 2017 a empresa já havia punido vários trabalhadores, por terem aderido à greve contra a reforma trabalhista, da previdência e da terceirização irrestrita do trabalho⁸.

Na cidade, muitos setores da sociedade apoiaram a atitude da empresa, tanto em 2017 durante a reforma, quanto em 2020 durante a pandemia, mas por que? Acreditamos que uma análise da cidade, tomando por base as relações sociais de produção existentes nesse ramo, pode nos ajudar a entender melhor essa dimensão.

Em parte o receio dos trabalhadores se explica pelo risco da empresa deixar a cidade. Com o aumento da competição intercapitalista, acentuado pelos imperativos da globalização, a Alpargatas cada vez mais tem reestruturado sua cadeia produtiva no território (FERREIRA, 2018). Essa dinâmica, fica evidente ao observarmos o fechamento de uma fábrica em 2017 no estado vizinho, Rio Grande do Norte. A fábrica localizada na cidade de Nova Cruz, foi a última a fechar no estado do Rio Grande do Norte, demitindo 375 funcionários. Em menos de uma década, a empresa fechou outras quatro fábricas, totalizando o encerramento de cerca de 3 mil postos de trabalho⁹.

A empresa desse modo se aproveita, do poder que possui sobre a cidade e os trabalhadores, ao mesmo tempo, assim como todas as indústrias que comandam a produção de um lugar, essa cria um símbolo, que passa a representar o desenvolvimento em geral. Esse símbolo se imbrica ao cotidiano, se encrusta nos espaços, nas escolas, a partir dos projetos sociais capitaneados por essa empresa¹⁰. A empresa se torna quase insuspeita de exploração, esvazia-se a dimensão concreta das relações de produção capitalista. Prostram-se a essa empresa, os políticos locais¹¹, a mídia local, as associações patronais e os sindicatos de trabalhadores, comerciantes e etc. Por esses fatores, devemos

⁸ CAMPINA GRANDE, Alpargatas pune trabalhadores por adesão à Greve Geral. Redação CNTRV, Publicado em: 24/05/2017. Disponível em: <http://www.cntvcut.org.br/noticias/campina-grande-alpargatas-pune-trabalhadores-por-adesao-a-greve-geral-059d/>

⁹ ALPARGATAS fecha fábrica e encerra produção no RN, Tribuna do Norte, Rio Grande do Norte, 02/09/17, Acessado em 02/04/20 disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/alpargatas-fecha-fabrica-e-encerra-producao-a-o-no-rn/391037>

¹⁰ PREFEITURA de Campina Grande e Instituto Alpargatas renovam parceria e entregam prêmios do Educador Nota 10 a quatro professoras do Município. PMCG. 22 de abril de 2021. Disponível em: <https://campinagrande.pb.gov.br/prefeitura-de-campina-grande-e-instituto-alpargatas-renovam-parceria-e-entregam-premios-do-educador-nota-10-a-quatro-professoras-do-municipio/>. Acessado em: 02/07/2021.

¹¹ A Alpargatas S.A foi a empresa que mais injetou recursos nas três candidaturas ao governo do Estado em 2014, somente para a campanha de Pedro Cunha Lima (PSDB) Para deputado Federal foram R\$ 300.000,00 mil, (MONTEIRO, 2015).

entender que o controle e disciplina da força de trabalho não se dá apenas na fábrica, mas também no espaço urbano de Campina Grande.

Assim, esses trabalhadores, sentem-se de algum modo, pertencentes a empresa, mas ao mesmo tempo, fetichizam essa relação ao ponto de acreditarem que em alguma medida parte da empresa também lhes pertence. Na verdade, tudo estava dito e arquitetado antes da pandemia, de maneira implícita no cotidiano do trabalho, através das "normas da hierarquia industrial" (RAGO, 2014), no adestramento no chão de fábrica, não por acaso, relata-se¹² que na cultura fabril da Alpargatas em Campina Grande, cada trabalhador é "dono de sua máquina". Logo, a medida que o trabalho vivo (do trabalhador) se amalgama ao trabalho morto (da máquina), no inconsciente desse trabalhador, se torna cada vez mais difícil entender sua vida separada dessa ideia fetichizada da realidade.

Uma parte dos trabalhadores dessa empresa, acreditam que o papel desempenhado na produção é de algum modo o sentido de sua vida na cidade. O trabalhador da Alpargatas, em Campina Grande, é tido como o "homem de bem" por excelência, aquele que mais se sacrifica, que produz realmente valor na cidade. É o trabalhador que, nas periferias principalmente, tem o respeito e admiração dos demais. O seu salário e toda a disciplina, sua constituição familiar, seu gosto pela privacidade, são considerados valores positivos pelos demais.

Isso explica como o espaço urbano de Campina grande e como as redes de fluxos entre outras parcelas desse espaço e de sua região podem ser coordenadas. Na verdade, a Geografia tem dado uma grande importância as técnicas e as infraestruturas para explicarem os fluxos materiais e imateriais, mas o que esse estudo pode vir a apontar, é que para serem realizados os fluxos materiais, é preciso, antes de mais nada, controlar a força de trabalho, criar condições de reprodução específicas e controladas e, para isso, é necessário tempo investido na construção de uma organização espacial eficiente, ou seja, uma organização espacial controlada.

Nesse sentido, os fluxos são ao mesmo tempo um produto ideológico em alguma medida. Se isso não for verdade, o que explicaria os trabalhadores saírem de seus municípios em um ônibus fretados pela empresa, para trabalharem em um regime de trabalho altamente desgastante, culminando no desenvolvimento de problemas de saúde como lesão por esforço repetitivo aos 50 anos? O que explicaria um trabalhador, acreditar

¹² Entrevista realizada à H.P, ex-operário da Alpargatas S.A em 25/11/2019.

que mesmo tendo adquirido esse problema físico e uma série de problemas psicológicos, ter sua casa própria e um carro de uso corrente seria uma compensação devida?

Obviamente, as condições materiais de reprodução da vida pesam de forma determinante na necessidade de venda da força de trabalho por parte do trabalhador, mas existe aqui uma dimensão ideológica, a produção de uma cultura e de um imaginário coletivo local e regional. Talvez seja apenas a partir disso que seja possível orquestrar os processos produtivos fordistas em Campina Grande, e conseqüentemente as relações de exploração específicas. Em síntese, a partir de um controle simultâneo da fábrica e do espaço urbano e regional.

Por outro lado, o subsetor calçadista de Campina Grande não é formado apenas por empresas de grande capital. As micro e pequenas empresas de calçados representam uma notável configuração produtiva na paisagem dessa cidade e acrescentam a economia urbanas importantes divisas e rendas. Contudo, durante a pandemia essas empresas foram drasticamente afetadas pela falta de insumos, deixando um quantitativo de trabalhadores, muitas vezes já desassegurados e sem vínculo legal, muitas vezes trabalhando por conta própria, com as fontes de renda comprometidas.

1.5. O percurso teórico

1.5.1 A necessidade de entender o capital industrial na análise geográfica

O capital industrial é ainda um fator de produção do espaço brasileiro (BOTELHO, 2000), contudo, ao que parece, atualmente esse capital específico tem realizado um papel importante enquanto um fator reestruturador na região Nordeste, especialmente após a reestruturação produtiva e subsequente desconcentração industrial que ocorre no Sudeste.

Se faz necessário recolocarmos a discussão sobre a indústria nas análises geográficas a partir de um novo arcabouço teórico, mas também de uma nova orientação teórico-metodológica, de modo a assimilar criticamente as categorias Estado, classes sociais, propriedade privada, considerando os elementos históricos e, principalmente, a forma-conteúdo da industrialização, ou seja, sua real espacialização, com seus desdobramentos específicos em cada lugar, região e subespaço do território nacional.

Nesse sentido, o debate trazido por alguns economistas e apropriado por alguns geógrafos acerca da desindustrialização, são importantes, na medida que demonstram

uma mudança no padrão de acumulação do território, cada vez mais pautado no terciário, na reprimarização da economia e no controle econômico a partir do mercado financeiro. Contudo essas análises podem encobrir a relevância e o controle que o setor industrial ainda possui sob a economia e, sobre os espaços regionais e principalmente na organização e produção do espaço urbano e regional brasileiro, como observamos em nosso estudo sobre a realidade de Campina Grande.

As pesquisas na Geografia podem ter passado por um momento de inflexão, onde passou-se a privilegiar nas análises o setor terciário e a menosprezar o setor produtivo propriamente dito, invertendo a centralidade da produção pela circulação e consumo. Em nosso ponto de vista isso é um grande equívoco, visto que a produção, circulação, distribuição e consumo são momentos de um mesmo processo, ou seja, da realização e valorização do capital (MARX, 2014).

Na verdade, segundo Sandra Lencione, o Brasil não enfrenta uma desindustrialização, mas sim, uma progressiva diminuição da posição central da indústria em detrimento do setor de serviços, paralela a perda de dinamicidade do setor industrial e uma reprimarização da economia (LENCIONE, 2015, p.31). Apesar de concordarmos com a autora, não entraremos nesse debate, apenas queremos destacar a importância desse setor para as análises geográficas. Disso, destacamos a mudança no padrão de desenvolvimento econômico brasileiro e uma reorientação do setor de transformação para ramos menos dinâmicos (LENCIONE, 2015).

Segundo Edilson Pereira Júnior, a política econômica e industrial adotada atualmente no Brasil, tem respondido a um projeto industrial específico, em resumo pautado na a) diminuição nos custos de realocização industrial, salários, encargos previdenciários e na flexibilização das relações de trabalho. b) Expansão da acumulação via desoneração tributária, contribuindo para a “guerra fiscal” entre diferentes estados. c) “uma complementaridade ao capital produtivo internacional, atuando domesticamente em atividades subordinadas a maquila” e d) A expansão da produção industrial associada a extração e processamento de recursos naturais. Esse projeto industrial, atrelado a diminuição da autonomia inovativa e do desenvolvimento tecnológico de base nacional, tem subordinado cada vez mais a indústria brasileira aos agentes hegemônicos (PEREIRA, JÚNIOR 2020, p.370-1).

1.5.2 A Reestruturação produtiva e o regime de acumulação flexível

Essa mudança no projeto industrial brasileiro guarda relações com a transição de um regime de acumulação fordista (apesar de periférico no caso brasileiro), pautado na estabilidade dos lucros e expansão do mercado de capital e de bens de consumo, correspondente a uma ampliação dos salários (LIPIETZ, 1991, p. 105) para um regime de acumulação pós-fordista, de base instável e flexível (MASCARO, 2013), que traz consigo um núcleo ideológico, pautado na defesa do individualismo, empreendedorismo, privatização e competitividade (HARVEY, 2005; 1996), (JESSOP, 2008). O atual regime de acumulação se estrutura através de estratégias de extração de mais-valia e lucros (MASCARO, 2013) que representam mudanças significativas nos processos produtivos, cada vez mais pautados na inovação e flexibilidade (JESSOP, 2008, p.123).

Nesse novo padrão de acumulação mundial, observamos a inserção de um novo modo de regulação no Brasil, marcado pela liberalização da economia, que já vinha ocorrendo desde o governo Fernando Collor de Mello (1990-1992). Disso decorre um processo contínuo de descolamento territorial de algumas indústrias calçadistas, principalmente em direção ao Nordeste, com preferência as aglomerações metropolitanas de menor porte ou cidades médias ou locais, aproveitando-se dos menores custos de produção (PEREIRA JÚNIOR, 2015a, p.155).

Contudo, essa reestruturação territorial/produtiva do subsetor calçadista para o Nordeste foi seletiva, do ponto de vista da cadeia como um todo visto que, o Rio Grande do Sul continua a concentrar o Know How, a indústria de maquinário e componentes, enquanto o Sudeste, o comando do capital e da gestão (PEREIRA JÚNIOR, 2015a, p.154-6). Por que então, essas indústrias calçadistas que necessitavam de mão de obra intensiva buscaram o Nordeste e nesse caso particular Campina Grande?

De acordo com Edilson Pereira Júnior, dois motivos principais estavam atrelados a essa transformação na estrutura territorial/produtiva do ramo, a) O aumento da competição com relação as empresas dos países asiáticos, tornando os custos relativos de produção maiores, principalmente mão-de-obra; b) as transformações tecnológicas e organizacionais, que passaram a empregar uma produção mais flexível fundada em novas formas de contratação e subcontratação. Nesse contexto houve uma alteração significativa da importância no contexto nacional dos estados da Paraíba, Ceará e Bahia, especialmente no período de 1990 a 2011 (PEREIRA JÚNIOR 2015a, p.157-8).

Esse movimento do capital do Sudeste para o Nordeste, se imbrica em grande medida às determinações político-econômico-culturais do regime de acumulação atual, apontadas por Harvey (1996). As empresas fordistas¹³, no regime de acumulação flexível tal como as grandes empresas calçadistas em Campina Grande, tem a possibilidade de se servirem de novos processos produtivos e de novos aparatos tecnológicos. Assim, podem superar a suposta rigidez dos modelos fordistas, a partir de um maior controle do trabalho, da assimilação e internalização da lógica de subcontratação e terceirização. Essas estratégias de competição e de adaptação rápida as crises, podem estar associadas as novas técnicas de dominação herdadas pelo novo regime de acumulação. Em que as empresas, passaram também a produzir em pequenos lotes, ou em função da demanda (HARVEY, 1996, p.148).

Assim, os processos produtivos têm sido redefinidos a partir de uma flexibilização extensiva nos regimes de contratos e na produção em si, cada vez mais pautada na demanda, ou seja, o aumento da produtividade implicado nessa flexibilização do trabalho e da produção, levou ao aumento da exploração, pois, como afirma Kropotkin:

Em nossas sociedades atuais, embasadas no individualismo capitalista burguês e na exploração do operário, o crescimento prodigioso da produtividade do trabalho torna-se uma arma a mais para a manutenção da exploração (KROPOTKIN, 2021, p. 147).

Visto que a medida que o trabalhador se torna mais produtivo, os capitalistas se tornam mais capazes de controlar e explorar essa produtividade. Na Alpargatas em Campina Grande, por exemplo, esse processo se demonstra bastante presente, onde os trabalhadores relatam o aumento nas horas e, principalmente, no ritmo de trabalho em períodos de pico de demanda, compensados pela redução do ritmo e tempo de trabalho conforme a diminuição da mesma. Essa prática tem se tornado cada vez mais comum, no modo de produção atual como nos informa (HARVEY, 1996, p.143), com a reestruturação do mercado de trabalho que se deu pelo enfraquecimento do poder sindical, o aumento da mão de obra excedente e da competição intercapitalista, a partir do agravamento da tendência a queda das taxas de lucro. Desse modo, apesar de transfigurados, os sistemas de produção fordistas continuam tendo uma importância no atual regime de acumulação flexível (HARVEY, 1996), como apontamos no cap. 3.

¹³ O fordismo enquanto uma forma de organização do trabalho equivale ao taylorismo acrescido da mecanização, ou seja, uma separação entre concepção e produção do produto com execução padronizada e prescritas de tarefas a nível de fábrica (LIPIETZ 1991, p.104).

Essa reconfiguração tem sido possível através de uma crescente (re) regulação¹⁴ do trabalho em função da diminuição de direitos e seguridade, estabelecidos pelo aprofundamento do modo de regulação neoliberal (MASCARO, 2013, p.113). Desse modo, observa-se que o atual regime de acumulação flexível, se baseia na recombinação de duas estratégias de obtenção da mais-valia: A mais-valia absoluta, com a extensão da jornada de trabalho e a transferência de capital de regiões de altos salários, para regiões de baixos salários (HARVEY, 1996, p. 174), combinado ao aumento da extração de mais-valia relativa, por meio das inovações tecnológicas e uma mão de obra altamente especializada, capaz de operar esses novos padrões de inovação tecnológica no processo produtivo.

Esses processos mais gerais, tem implicações na configuração produtiva de Campina Grande, principalmente após o reordenamento do espaço que vem ocorrendo desde 1990, concatenado a reestruturação econômica¹⁵ do município. Esse processo culminou em transformações importantes na espacialidade do mercado de trabalho urbano e regional, em especial ao estrato ligado a produção industrial, como iremos apontar ao longo da pesquisa. Isso demonstra que o modo como a paisagem geográfica é construída e evolui, afeta tanto nas condições de acumulação do capital, quanto nas formas com que se dão as contradições do capital no espaço. (HARVEY, 2016, p.139).

A exacerbação da exploração da força de trabalho na produção calçadista campinense tem relações diretas com o processo de reestruturação, no setor calçadista brasileiro. A abertura econômica ocorrida nos anos 1990 e a necessidade de competição com as economias asiáticas (PEREIRA JÚNIOR; SAMPAIO, 2020, p.79), culminou entre outras coisas, na diminuição nas taxas de lucro desse subsetor e, na reorientação dos interesses desse grupo de capitalistas em adotar estratégias mais flexíveis. Tornando esse modo de regulação neoliberal, um imperativo para o setor calçadista brasileiro poder competir com os países que se aproveitavam de uma mão de obra mais barata.

Essa nova configuração produtiva tem rebatimentos importantes no espaço produtivo e na cidade, visto que os modelos de produção fordistas tendem a coordenar

¹⁴ (re) regulação, pois, se a regulação do capitalismo, se dá por meio de formas (sociais e políticas) incontornáveis, como o Estado. O neoliberalismo seria uma fase, onde ao contrário do que se pensa, o Estado não estaria ausente, mas sim, presente de uma forma específica, muitas vezes desregulando as normas que garantiam os direitos dos trabalhadores e estipulando uma nova norma, ou seja, novos modos de regular o trabalho e o capital de modo a favorecer os capitalistas (MASCARO, 2013, 118).

¹⁵ Tomamos aqui o sentido de transformação na importância de determinados setores econômicos. No caso de Campina Grande, é notável o aumento da preponderância do setor de serviços (incluindo educação e saúde), em detrimento do industrial.

um mercado de trabalho urbano bastante importante, como podemos ver em Campina Grande e sua região e, portanto, demandam um grande contingente de mão de obra.

Contudo, não foram apenas as empresas hegemônicas que se reestruturaram nesse processo, a abertura econômica também tornou o mercado mais competitivo para as pequenas empresas calçadistas da cidade. Essas, cada vez mais precisam se adaptar aos novos imperativos do mercado, apesar de já estarem estruturadas em processos produtivos altamente flexíveis, mesmo antes da transição para o atual regime. Nesse sentido, também observamos uma mudança no padrão de consumo, consequente do “efeito demonstração”¹⁶ em que o conhecimento de novos produtos e métodos de consumo, levaram a uma diminuição da demanda pela produção local de pequena dimensão (SANTOS, 1979).

Assim, as pequenas empresas de calçados em Campina Grande tiveram que se adaptar as novas demandas, readaptando seus processos produtivos e produtos. Observamos cada vez mais o processo de “imitação” das mercadorias utilizadas de forma corrente, bem como a necessidade de refazer constantemente o portfólio de produtos. Isso implicou em mudanças na relação contratual das empresas não hegemônicas desse ramo, visto que, a permanência das empresas nesse mercado, se deu através do aumento da terceirização como estratégia de diversificação da oferta, com o objetivo de se antecipar as mudanças repentinas na demanda.

Sendo assim, a informação também se torna um ponto chave para a adaptação rápida dos processos produtivos às demandas, ditando novas formas de aprendizagem na produção das empresas não-hegemônicas. Do mesmo modo, a lógica empreendedora da ordem neoliberal é totalmente assimilada, o trabalho por conta própria e nas “fábricas de quintal”, são normalizadas e o sentido da condição de trabalhador é esvaziada.

Esse tipo de produção também toma uma forma espacial específica na cidade, muitas vezes, tendo como condição para reprodução uma aglomeração entre várias empresas do mesmo ramo. Servindo-se, tanto de um mercado consumidor comum, quanto de uma mão de obra não qualificada localmente posicionada.

¹⁶ Em linhas gerais, esse efeito se dá a partir da inserção de novos bens e novos métodos de consumo em um determinado espaço. De modo geral, esse efeito acaba por gerar uma diminuição da demanda de produtos locais, fabricados com um mínimo de dependência externa. (SANTOS, 1979, p.28).

1.5.3 Coesão estruturada e a ideologia neoliberal: O controle da cidade e dos trabalhadores calçadistas

Dessa forma, as transformações na produção e no espaço não se dão apenas em sua base material, em Campina Grande, temos observado a diminuição da organização do trabalho e o avanço do conservadorismo nas classes trabalhadoras a partir do controle das grandes empresas e instituições de ensino. Isso nos indica que o capital também se reproduz a partir de uma base imaterial, sendo “essencial que haja controle ideológico sobre o fluxo de conhecimento e informação, além do ensino de ideias corretas que apoiem o capital e seus requisitos de reprodução” (HARVEY, 2016, p.123-124), por esse motivo, não é difícil encontrarmos trabalhadores que se orgulham do papel desempenhado pelo seu trabalho, em função de uma identidade.

Obviamente, não podemos deixar de enfatizar o peso que a alienação possui sob essa conformidade, no entanto, a cidade em si, como observamos em Campina Grande, possui um papel importante para a formação desse orgulho pela condição de trabalhador nesses termos. É no espaço onde as relações de poder se materializam e, é por meio dele que os grupos e classes hegemônicas podem fazer valer seus interesses em função da classe trabalhadora, daí a importância de criar as condições subjetivas para a reprodução das relações capitalistas de produção.

Desse modo, para que os capitalistas consigam aproveitar-se de “configurações espaciais produtivas” (PEREIRA JÚNIOR, 2020) que permitam a acumulação, muitas vezes lhes interessa buscar regiões onde já exista, ou que se crie por meio do Estado¹⁷, uma “coerência estruturada”. Ou seja, a articulação no espaço dos elementos políticos, culturais, de crenças, que concedem um caráter específico a atividade política e econômica de uma região (HARVEY, 2016, p. 142). De certa forma, essa coerência estruturada pode ser encontrada em Campina Grande no tocante a sua configuração produtiva de calçados, mas não só, também poderíamos citar o aparato de produção tecnológica e mesmo outros como o de comércio e serviços.

Essas configurações espaciais produtivas também têm como característica a relação estabelecida entre proximidade e descontinuidade geográfica, que demarca as divisões entre sistemas políticos regulatórios, intensidade das tecnologias, vantagens

¹⁷ Aqui entendemos o Estado enquanto um emaranhado de relações de classe contraditórias que se estrutura a partir de uma diversidade de componentes sociais que competem entre si e estabelecem relações próprias de classe, onde cada componente, aparelho, ou esfera dessa estrutura estatal pode vir a representar os anseios de uma classe ou de outra (HIRSCH, 2005, p.170).

competitivas, propostas de governança, ação de agentes econômicos etc., sendo a verdadeira responsável pela delimitação dos diferentes recortes espaciais consolidados pelas atividades industriais (PEREIRA JÚNIOR, 2020, p. 369).

Todos esses elementos combinados em um arranjo espacial coerentemente estruturado (pelo Estado e o capital) implicam na produção de um conjunto de economias ou deseconomias relacionados a aglomeração. Disso decorre uma concentração de determinados processos produtivos, que possuem dinâmicas espaciais específicas a depender da forma como se inserem nesse arranjo, mas também, em função das diferentes composições orgânicas de capitais, como discutiremos no capítulo 3. Entretanto, a criação de dessa configuração produtiva, se dá em um processo histórico de desenvolvimento geral das forças produtivas. Assim, observaremos no próximo capítulo (Capítulo 2), como se deu a gênese do subsetor calçadista e do setor de transformação em Campina Grande.

1.6 Estrutura da dissertação

Nesse primeiro capítulo, apresentamos nosso objeto de estudo e as principais problemáticas acerca das transformações no ramo calçadista campinense e sua relação com o modo de regulação e regime de acumulação no território brasileiro.

Em vista disso, no segundo capítulo apresentamos o desenvolvimento do setor industrial campinense, tendo em consideração as condições gerais de produção geradas desde a economia algodoeira e a cultura do gado. Discutimos o desenvolvimento da indústria fordista na cidade e a consolidação do setor calçadista tradicional como fatores importantes para a criação de condições gerais de produção, que levaram ao desenvolvimento da grande indústria calçadista em Campina Grande. Além disso, pontuamos as transformações nas condições gerais de produção no território brasileiro como um todo, mas principalmente no Sudeste, para explicar o processo de desconcentração do capital calçadista dessa região para Campina Grande. Ainda nesse capítulo, trouxemos alguns elementos para entendermos o mundo do trabalho no ramo calçadista campinense e as recentes transformações nos aglomerados produtivos. E por fim, analisamos o atual setor de transformação e o subsetor calçadista em Campina Grande.

No terceiro capítulo caracterizamos e analisamos a configuração espacial produtiva do ramo calçadista no município e a sua influência na região. Inicialmente

discutimos a influência do planejamento estatal paraibano na consolidação do Sistema Industrial Localizado de Campina Grande. Subsequentemente, tecemos uma crítica ao desenvolvimento endógeno, tal como vem sendo colocado nas pesquisas e no planejamento estatal das últimas décadas. A partir disso, analisamos os diferentes tipos de atividades do ramo calçadista, levando em conta a desigualdade de capitais que compõe o ramo calçadista e sua espacialidade na cidade. Procurando entender a relação entre o tipo de capital, as diferentes aglomerações produtivas existentes, o acesso ao mercado consumidor e ao mercado de trabalho. Por fim, examinamos de forma integrada esses processos, fazendo algumas considerações preliminares acerca da organização desse espaço, o aumento da exploração do trabalhador e as relações de poder que permeiam a cidade e essa configuração produtiva.

Por último, no quarto capítulo, tecemos as considerações finais sintetizando as principais questões e apontando as novas pesquisas a serem realizadas.

CAPÍTULO 2: GÊNESE, DESENVOLVIMENTO E REESTRUTURAÇÕES DA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE CAMPINA GRANDE

Há cidades que vemos, segundo o funcionamento normal ou patológico dado às indústrias locais, que elas desenvolvam-se em condições de paz, de igualdade relativa e de tolerância mútua, ou, então, que elas sejam arrastadas pelo turbilhão de uma furiosa concorrência, de uma especulação caótica e de uma exploração feroz da classe dos proletários. (RECLUS, O Homem e A Terra, 1905)

O ramo calçadista possuiu uma importância durante toda a história recente do município de Campina Grande. O seu desenvolvimento foi marcado por contradições, por crises e reestruturações, que não se deram apenas na ordem da produção propriamente dita, mas também do espaço produtivo. O espaço foi condição para esse desenvolvimento, mas também para o de outras relações de produção. Esse conjunto de diferentes ramos produtivos, relações de trabalho, capitais, se desenvolveram ao longo do tempo na cidade de forma complementar ou contraditória, de modo que a acumulação de capitais e de infraestruturas permitiu conformar o substrato socioespacial, que atualmente é condição para a produção industrial presente na cidade.

O presente capítulo pretende pôr a luz os principais agentes do processo de industrialização na cidade, sobretudo do setor industrial. O leitor observará que nesse capítulo será privilegiado em nossa análise os fatores históricos, com o objetivo de explicar o desenvolvimento do processo que culminou com a espacialidade atual da indústria calçadista. Por esse motivo, não podemos deixar de analisar de forma relacional, o desenvolvimento do subsetor calçadista e o próprio desenvolvimento do setor industrial como um todo. Ou seja, tentaremos captar, as principais transformações no espaço produtivo da cidade.

Buscaremos também, analisar os principais fatores socioespaciais que permitiram o desenvolvimento do setor calçadista, e como esses mesmos fatores socioespaciais (que são também fatores produtivos) se desenvolveram através do próprio processo de valorização desses capitais na cidade. Esperamos com isso elucidarmos os motivos da

importância que o subsetor calçadista possui para economia do município e como esse mesmo afetou a dinâmica espacial e econômica de Campina Grande.

2.1. A Gênese da indústria atual: inserção e expansão das relações capitalistas de produção

Campina Grande teve sua formação socioespacial definida pela sua localização próxima aos "caminhos de penetração" para o Sertão, que permitiram sua conformação enquanto um centro de comércio de gado (ANDRADE, 1973, p.149-150). Apenas no século XIX o cultivo de algodão vai se tornar uma atividade importante. Na verdade, a indústria de beneficiamento exigia um menor investimento de capital que aquela da cana de açúcar, o que permitiu, segundo Manuel Correia de Andrade, uma industrialização mais “barata e mais democrática”, que envolvia também os pequenos produtores.

Esse processo contribuiu para o desenvolvimento da vida urbana no Agreste nordestino. A partir dessas novas condições tornou-se possível a penetração das relações comerciais, integrando os processos produtivos desde o campo, com a produção da matéria prima, até a cidade, a partir do beneficiamento do algodão e comercialização desse mesmo. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento das forças produtivas nessas cidades, atraíram um contingente de trabalhadores e estabeleceu de maneira definitiva o trabalho assalariado (ANDRADE, 1973, p. 151).

Assim, as condições climáticas que permitiam o desenvolvimento da cultura algodoeira no Agreste paraibano facilmente pôde se imbricar a pecuária bovina, na medida que a produção de gado e de algodão na mesma propriedade era complementar (inclusive pelo uso da palha de algodão como alimento para o gado). A industrialização decorrente desse processo, permitiu também a ascensão social de uma camada da sociedade antes despossuída (ANDRADE, 1973, p.152), mas também deve ter contribuído para o desenvolvimento de outros ramos produtivos, em função das demandas criadas pelo aumento da renda global da população. Talvez o ramo calçadista tenha se desenvolvido em função desse movimento.

Assim, um importante desenvolvimento industrial se deu em Campina Grande a partir dos anos 1940. A situação geográfica permitia aos comerciantes e industriais do município obterem uma conexão direta com o sertão paraibano. Isso conferiu condições de crescimento tanto para a economia algodoeira, através da absorção do produto de

outras regiões, quanto para a gênese de uma indústria calçadista nascente de bases semiartesaniais, via acesso ao mercado coureiro.

Portanto, a industrialização da cidade se dá inicialmente com o desenvolvimento do ramo têxtil. O processo produtivo, era sobretudo pautado no beneficiamento e prensagem de algodão, imprimido, especialmente após a instalação da SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A), em 1935, mas também, das empresas Anderson Clayton e a Zé Marques de Almeida. As economias geradas por essas empresas, criam as condições gerais de produção¹⁸ para a alavancagem de outros subsetores, como o calçadista (ALVES, 2013, p. 83).

O subsetor calçadista nasce em Campina Grande na década de 1930, com a instalação dos curtumes de Manoel Motta e de Vilarim Meira. A importância de Campina Grande como principal produtora de calçados na época, era tão clara que, entre o período de 1937 a 1945, a cidade já contava com mais de 30 novas indústrias calçadistas. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p 29).

Com efeito, o nascente ramo calçadista entra em crise nos anos 40, após o encarecimento dos insumos. Essa crise apenas virá a ser superada na entrada da década de 1950 (ano em que se instala a primeira unidade do SENAI-Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial na cidade). Nesse período introduz-se o couro sintético nos processos produtivos, consequentemente diminuindo os custos de produção (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p.30). Esse é um ponto importante a se analisar, pois, indica que a dependência com relação aos insumos do Sertão paraibano se encerra, dando lugar a uma maior dependência com relação às outras regiões.

Além do mais, a capacidade dos produtores adquirirem mais insumos, pode ter vindo a contribuir para o aumento da produção e até mesmo de capital, permitindo o crescente investimento em capital fixo (maquinário, móveis e imóveis), e, uma maior composição tecnológica nos processos produtivos. Do ponto de vista da força de trabalho, também é provável que as transformações na estrutura produtiva, exigiram uma nova divisão técnica do trabalho, posto que, é nesse período que se instala a primeira unidade do Serviço Nacional da Indústria - SENAI – na cidade, com cursos de metalmecânica.

¹⁸Sandra Lencioni define dois conjuntos de condições gerais de produção 1. Meio de circulação em conexão direta com o processo de produção: Bancos, Redes de circulação material (rodovias, hidrovias, redes de circulação imaterial (telecomunicação, informática) 2. Meios de consumo coletivos em conexão indireta com o processo de produção (hospitais, escolas, centros de lazer, esportivos) (LENCIONI, 2007).

Possivelmente, será a partir dessa transformação que se dará as bases para o desenvolvimento da indústria calçadista moderna da cidade, nesses termos os anos 1960 estabelecem um novo padrão de acumulação na cidade, cada vez mais ligado ao setor industrial. Nesse período, o capital industrial era sobretudo advindo da própria cidade e região, em 1960, 9 das 12 empresas com mais de 50 operários eram de capital local. Uma vez que, os capitalistas do setor comercial na cidade, passavam cada vez mais a investir na indústria, acompanhado pelos investimentos do próprio operariado nascente na indústria de beneficiamento de algodão. Nesse sentido, o capital industrial passou a estruturar a vida urbana em Campina Grande, ao passo que as indústrias alimentícias e químicas (para produção de produtos de higiene) encontraram uma demanda local considerável (CARDOSO, 1963, p. 426).

Contudo, esse novo padrão de acumulação local e o correspondente aumento do proletariado urbano, criaram as condições gerais de produção para a transformação das relações de produção existentes no setor industrial da cidade. Sendo assim, nos anos 1965, tem-se a instalação da indústria de metal-mecânica Wallig Nordeste, oriunda da cidade de Porto Alegre-RS, fabricante de fogões a gás. Podemos dizer que a instalação dessa empresa, transforma totalmente o espaço produtivo na cidade e as configurações das relações capital-trabalho, principalmente, através da generalização do assalariamento na cidade e a constituição de uma configuração espacial produtiva mais ampla. Vale lembrar, que a instalação dessa empresa, gerou a abertura de uma certa cadeia produtiva na cidade, que passou a servir essa grande indústria.

Esse fenômeno, nesse período, não pode ser considerado como uma reestruturação produtiva, mas sim, uma desconcentração fabril, para subsequente captura de um novo mercado consumidor. Nesse período a empresa justificava que, para além da mão de obra barata e “dócil”, havia um número crescente de casamentos nas cidades nordestinas, e que por esse motivo a demanda por fogões a gás na região seria altíssima. Portanto, uma unidade fabril na região facilitaria a distribuição da mesma para esse novo centro consumidor (WALLIG NORDESTE, 1963). Nesse sentido, as mudanças na cultura e na vida cotidiana do trabalhador e trabalhadora do Nordeste abriu espaço para uma nova etapa e forma de produção e reprodução do capital.

Além desses fatores demográficos e culturais, Campina Grande estava no raio de atuação da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), e se apresentava como “centro de irradiação” em função de sua proximidade às capitais nordestinas e ao interior. Além disso, era considerada “a capital econômica do estado”, dispondo de uma

rede bancária extensa, que facilitava a comercialização na própria região. No entanto, segundo Maria José Oliveira, essa comercialização na região era resultante de um discurso que encobria alguns fatos, como o de que a maior parte da produção era destinada ao mercado externo e que os insumos da produção eram advindos do Sul, assim como, o corpo técnico (OLIVEIRA, 2005, p.65-6).

Outro fator considerado benéfico para a instalação dessa empresa era a existência de oficinas mecânicas e fundições e do SENAI, que ofereceriam economias externas, mas também uma mão de obra “semiespecializada” e “não-especializada”, que era a principal a ser empregada. Além do mais, após instalação foi produzida uma usina para produção de chapas, gerando uma cadeia de produção local.

O regime de trabalho da empresa era de 8 horas/dia ,270 dias/ano, com produção de 6.600 fogões/ano, mas com capacidade de produção de 19.800. A produção inicialmente se deu em um turno de 16 horas/dia, 300 dias/ano. Nesse sentido, a empresa participa do processo de industrialização e modernização de parte do espaço produtivo da cidade.

Por outro lado, nesse movimento de acumulação de capital, o ramo calçadista também passou por mudanças e também se desenvolve a partir do desenvolvimento industrial em geral. Se até os anos 1960 o ramo calçadista estava relativamente atrelado as bases semiartesaniais, com uma estrutura produtiva pautada em pequenas e microempresas, após meados dessa mesma década, ele passa a apresentar um novo conteúdo. Em 14 de dezembro de 1966, instala-se no Distrito Industrial da cidade uma unidade fabril da recifense, BESA – Borracha Esponjosa S.A Indústria e Comércio, através de incentivos oferecidos pela SUDENE. Essa indústria representaria uma reviravolta nas formas de produzir do setor dessa cidade, produzindo a sandália estilo japonesa, da marca “Dupé”.

A empresa já demonstrava ser uma das principais da cidade no ramo na época, reafirmando sua posição em 1971, em que há uma alavancagem de sua produção a partir de um novo incentivo da SUDENE (BESA, 1972). Esses incentivos permitiram a diversificação e ampliação de sua linha de produção, com a produção de placas micro porosas “Dupelite”, saltos e solados de borracha compactos e vulcanizados. A essa altura a indústria produzia 3.041.280 sandálias ao ano em um regime de trabalho de 20 horas/dia ,300 dias/ano, mantendo um considerável crescimento. Nesse mesmo ano, é fundado por Sebastião Severino Acioli, o Sindicalçados/PB -Sindicato da Indústria de Calçados do Estado da Paraíba.

Dessa forma, é evidente a importância dos incentivos da SUDENE para a consolidação do subsetor, que só vai se dar por meio do processo de modernização do ramo coureiro-calçadista com a vinda não só da Besa, mas também da Azaleia S/A e Parc, transformando assim, o município no principal produtor de calçados da Paraíba na época. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p 29)

Dessa forma, a medida que a cultura industrial na cidade cada vez mais se consolidava, o capital exigia maior qualificação da mão de obra. Nesse contexto, os grupos hegemônicos presentes na cidade, articularam a construção do núcleo regional do Instituto Euvaldo Lodi – (IEL), em 1969, tendo como primeiro diretor regional o mesmo Agostinho Velloso da Silveira¹⁹.

A principal intenção do Instituto no estado era de viabilizar a transferência de tecnologia e capacitação em gestão, além de oferecer estágios, promovendo a "interação entre alunado e empresa" especialmente na área de gestão (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p 138). Essa instituição, provavelmente veio a influir no processo de organização das empresas calçadistas, fortalecendo a “cultura patronal” na cidade. Devemos ressaltar também, a importância da criação do Curso Superior de Couros e Tanantes da UFPB (hoje UFCG). Criado em 1970, a partir de esforços de agentes locais, que buscavam consolidar o polo calçadista campinense (LEMOS, 2003, p.42).

Ainda assim, o setor de comércio continuava a ter um papel central na economia do município. Nos anos 1970, esses fatores conferiam a Campina Grande um grande papel de centralidade na rede urbana nordestina, até mesmo na rede urbana brasileira (CARDOSO, 1963, p.435), principalmente através do comércio atacadista. Contudo, com a integração dos transportes e o desenvolvimento de outros centros regionais no sertão Nordeste, a influência de Campina Grande se viu diminuída. Por outro lado, a industrialização na cidade tornou-se mais pujante, o que nos leva a considerar a hipótese de um possível deslocamento de parte do capital comercial para o setor industrial, onde as empresas passaram a se aproveitar do crescimento populacional herdado pela cultura algodoeira, mas também, pelo fato de Campina Grande em 1958 ter deixado de ser "ponta de trilho", ao se ligar à rede ferroviária de Recife.

Esse movimento foi paralelo a generalização do modal rodoviário e dos caminhões que permitiram a circulação de mercadorias e nesse caso, principalmente de insumos, portanto, oferecendo as condições ao desenvolvimento industrial de ramos antes

¹⁹ Esse é um ator importante no processo de articulação para a construção do CTCC-Centro de Tecnologia do Couro e do Calçado "Albano Franco".

inviáveis. Não trabalharemos essa questão nesse trabalho, mas acreditamos que essa dimensão mereça um aprofundamento. Visto que, essa mudança qualitativa nas relações de produção na cidade podem ter influído em uma reconfiguração da estrutura urbano-regional, onde a ligação entre a cidade e sua região intermediária se tornou mais intensa, em função do emprego oferecido pelo aparato produtivo que passou a se diversificar e a atrair investimentos externos.

Esse processo guarda relações com a revolução do meio técnico científico (SANTOS, 1997), em que a tecnificação e inserção de métodos científicos na agricultura, associado a integração do sistema de transportes no território nacional, permitiu a o aumento populacional no município de Campina Grande. Para melhor ilustrarmos esse argumento, observemos que nos anos 1970 sucede-se a inversão populacional no município, característico da virada urbana no Brasil (SANTOS, 2013, p.31). Nos anos 1970, como pode ser visto na Tabela 1, há uma queda de cerca de 79% da população rural do município e um aumento de 57,2% de população urbana, ou seja, uma taxa de urbanização de 85,6% que contrasta com a taxa de 34,9% nos anos 1960.

TABELA 1: População Residente no Município de Campina Grande-PB

	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
População Total	173.206	204.583	195.303	247.827	326.307	355.331	385.213
Rural	91.874	132.999	27.968	19.645	18.839	17.847	18.004
Urbano	81.332	71.584	167.335	228.182	307.468	337.484	367.209

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEA e IBGE (2010), em <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> acessados em 09/07/2020.

Essa virada urbana resulta em primeiro lugar da integração do mercado nacional a partir dos anos 1940-50 e paralelamente um processo de industrialização que impulsiona a infraestruturação e integração de Campina Grande ao território nacional, porém, a industrialização na cidade possuiu um papel distintivo, visto a relativa grande dimensão que toma em uma cidade do interior nordestino. Nos anos 1960 o setor de transformação empregava apenas 3.006 operários²⁰, em 1970 passa para 4.466 operários empregados²¹ (majoritariamente nos setores de metalurgia e têxtil), onde no mesmo ano 4.573 trabalhadores do setor de comércio também eram empregados²². Nos anos 1980 o número

²⁰ IBGE. Censo Industrial de 1960.

²¹ IBGE, Censo Industrial de 1970.

²² IPEA, Pessoal ocupado-Comércio, Fonte: IBGE. (2011) Acessado em 22/09/2020, Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>

de trabalhadores na indústria chega a 7.824²³, contrastando com 7.289 trabalhadores do comércio²⁴. Esse quadro irá se modificar após o declínio do setor industrial do município nos anos 1980 na cidade e principalmente através da reestruturação econômica gerada pela inserção progressiva do comércio de amplo consumo e o setor de serviços.

Da mesma forma o setor industrial aumenta crescentemente o número de empresas na cidade como pode ser visto na Tabela 2, indicando em algum grau que a urbanização de Campina Grande, esteve bastante imbricada com a industrialização, como pode ser visto na tabela 1.

TABELA 2: N° total de Estabelecimentos ou Unidades Locais da Indústria em Campina Grande-PB

	1960	1970	1980	1995	2006	2017	2018
Número de estab.	212	294	420	803	789	832	771

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados do IPEA, Censo Industrial do IBGE-1960 e do IBGE- Cadastro Central de Empresas (2018), em <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> e <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/6449#resultado>, acesso em 09/07/2020.

Portanto, o crescimento urbano e populacional, operaram como fatores importantes no processo de industrialização que ocorreu entre os anos 1960 e 1970, visto que a crescente oferta de mão de obra e a infraestruturação do espaço urbano serviram como condições para a reprodução e expansão do capital produtivo que viera a se instalar na cidade, sobretudo com o subsetor calçadista. Em 1975 a cidade contava com 263 empreendimentos industriais, tendo como maior exemplo do desenvolvimento a Wallig Nordeste que chega a empregar em seu auge cerca de 2000 operários (CARVALHO, 2017, p.62).

Entretanto, o desenvolvimento industrial e o crescimento econômico do município passam por um momento de inflexão, no final da década de 1970, principalmente após a falência da Wallig Nordeste em 1979, gerando a demissão compulsória de 1.500 trabalhadores campinenses.

Esse contexto de grande desmobilização da mão de obra na cidade, tornam os anos 80 bastante difíceis para a classe trabalhadora campinense, que viu postos de trabalho serem fechados, tanto no comércio, em função da liberalização econômica e arrefecimento da indústria local, quanto nas empresas industriais que no período de 1979-1982 passam de 444 para 329.²⁵ O desemprego, altíssimo, atrelado ao crescimento urbano

²³ IBGE. Censo Industrial de 1980.

²⁴ IPEA, Pessoal Ocupado-Comércio, Fonte: IBGE. (2011) Acessado em 22/09/2020, Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>

²⁵ CAMPINA GRANDE, Prefeitura Municipal. Mensagem do Executivo Municipal à Câmara. Campina Grande: Gabinete do Prefeito/ COPLAN, 1983. Fonte: CARVALHO (2017, p.64).

gerado pela industrialização, desemborcou num processo de “favelização” da cidade de ocupação habitacional no próprio Distrito Industrial (CARVALHO, 2017, p.66).

No entanto, esse processo de desestruturação do espaço industrial gerado pela crise econômica, foi apenas uma etapa da consolidação do espaço produtivo hegemônico na cidade. Os capitais que não puderam se adaptar as novas condições econômicas de fluidez do capital, que se davam no início da crise econômica de 1980 — Como foi o caso da Wallig — foram destruídos ou deslocados de Campina Grande. Por outro lado, essa mesma condição de fluidez, permitiram a instalação de outras empresas, como foi o caso da Azaléia S/A em 1983 e da Alpargatas S.A em 1985, como veremos a seguir. Assim, esse período é marcado por mudanças tanto no espaço e no tipo de capital empregado, quanto nas relações sociais de produção na cidade, será a partir daqui que observaremos um processo de reestruturação do subsetor calçadista em Campina Grande, onde o mesmo passa a se tornar o principal ramo do setor de transformação do município.

2.2. As metamorfoses da indústria calçadista campinense: Forças produtivas, contradições e reestruturações.

O mercado de trabalho urbano, passa então por uma importante transformação, o comércio que também empregava um grande contingente de trabalhadores e trabalhadoras também sofre uma desagregação, contribuindo para a criação de um grande excedente de mão de obra. A desarticulação de todo o subsetor industrial de metal mecânica, desmobilizou uma grande parte do capital industrial, mas também, liberou considerável força de trabalho semiespecializada. O subsetor calçadista, que até então, estava consolidado e passara pela crise, com relativo sucesso, estava em condições de continuar seu desenvolvimento nesse espaço, inclusive pela grande quantidade de mão de obra agora disponível. Isso se explica, pelo fato de que, a crise econômica nos anos 1980, afetara de forma mais contundente os subsetores que produziam bens duráveis e de maior composição orgânica de capital.

Apesar do pequeno capital do subsetor calçadista provavelmente ter sofrido com o arrefecimento do consumo (em função de sua dependência com o mercado local), as médias e grandes empresas possuíam uma maior capacidade de competir com o mercado externo. Talvez essa seja uma chave para entender a expansão do grande capital nesse subsetor na cidade. Esse período irá definir a importância que o setor calçadista irá adquirir para a economia urbana de Campina Grande e de sua região.

2.2.1. A primeira reestruturação produtiva: A inserção do grande capital e de novas formas de dominação (1983-1990)

Em meados da década de 1980, o setor calçadista de Campina Grande ganha ainda mais importância no estado da Paraíba. Em 1983, através dos incentivos fiscais oferecidos, a Azaléia S/A, empresa do Rio Grande do Sul, se instala na cidade e passa a produzir sandálias femininas (LEMOS, 2003, p.36).

A partir disso, temos um marco importante, na estrutura produtiva calçadista, nessa altura, no ano de 1985, a Alpargatas S.A compra a empresa BESA - Borracha Esponjosa S.A que fabricava as sandálias da marca Dupé. Com isso, além de adquirir um poder de monopólio sobre o mercado consumidor — visto que ambas eram concorrentes—, a Alpargatas passa a empregar a mão-de-obra pré-qualificada, e explorando a fácil assimilação dos trabalhadores, em função de semelhanças entre a linha de produção adotada e a anterior, assim como, da infraestrutura fabril preexistente, trazendo apenas alguns poucos profissionais de São Paulo e de Recife para ajustar o processo produtivo²⁶.

A vinda da empresa está atrelada a um movimento do capital e a um processo de (re)regulação do Estado nacional. A transição dos anos 1980 para os 1990 definem um processo de reforma do Estado nacional, paralelo a permanência do pacto territorial de vulnerabilidade externa e dominação interna (BRANDÃO, 2007, p. 147). A abertura econômica ocorrida nos anos 1980, levou ao decréscimo dos setores mais dinâmicos e de produção de bens duráveis. O aumento das importações, gerou a falência da empresa Wallig Nordeste e o fechamento de sua indústria em Campina Grande, em 1979, demitindo mais de 1500 trabalhadores e gerando uma crise econômica no município sem precedentes.

Ao mesmo tempo, esse período marcou o maior desenvolvimento de setores menos dinâmicos (BRANDÃO, 2007, p.157) como é o caso do setor calçadista. A reestruturação produtiva decorrente disso, fortaleceu a indústria baseada em economias de escala, energia e principalmente, em mão-de-obra intensiva, como é o caso da Alpargatas S.A.

²⁶ Entrevista realizada com ex-diretor da Alpargatas.

Nesses conformes, Sandra Lencioni observa a ocorrência na diminuição dos postos de trabalho na indústria brasileira, associada a um “rearranjo na distribuição territorial da indústria” caracterizada em grande parte pela desconcentração de empresas com maior presença de capital nacional, sobretudo, as dos ramos têxtil em direção ao Norte e Nordeste do Brasil (LENCIONI, 2006, p.108), mas também calçadistas (PEREIRA JÚNIOR, 2015a).

A partir de então, a indústria calçadista brasileira, passa por um processo intenso processo de reestruturação (PEREIRA JUNIOR, 2015a), mediado pela expansão geográfica do capital dessas empresas. A produção que antes se concentrava nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, é expandida e transferida para a região Nordeste do Brasil, a partir de novos nexos com as redes e aglomerações existentes (ou produzidas a partir desse processo) nessa região (PEREIRA JUNIOR, 2015b, p. 4799).

Para podermos explicar esse processo com relação a concentração desse grande capital do setor calçadista em Campina Grande, devemos considerar o espaço desse capital, ou seja, as condições gerais de produção, em que se dava a produção das indústrias da Alpargatas e da Azaléia. Para compreendermos melhor como as condições gerais de produção se transformaram no Brasil e em especial em Campina Grande, é necessário observar as mudanças estruturais que ocorreram após a crise econômica dos anos 1980. No âmbito global têm-se uma reestruturação econômica em bases mais flexíveis, que provocaram uma reestruturação econômica no país, em especial no centro econômico desse território (São Paulo). A inserção das transnacionais, o desenvolvimento de P&D e o nível de desenvolvimento tecnológico passaram a determinar o status das economias globais, logo, o fordismo periférico do Brasil se transformou em favor das novas demandas de "velocidade em encontrar respostas locais às mudanças globais" (LENCIONI, 1998, p.28).

Assim, tanto a Azaléia, quanto a Alpargatas buscaram se desvencilhar da organização sindical que havia no Sudeste-Sul e, ao mesmo tempo, diminuïrem os custos de produção, principalmente através dos incentivos fiscais cedidos pelos estados e Sudene. Além do mais, o capital dessas empresas passou a ser cada vez mais subordinado ao mercado financeiro. Disso, resultou o interesse desses capitais por estruturas produtivas mais flexíveis, pautadas em novas formas de organização da produção e novos regimes de contratação e de subcontratação. Logo, as fábricas passaram a se deslocar das capitais gaúcha e paulista, para se instalarem no Nordeste, onde as vantagens

comparativas permitiam essas grandes empresas competirem com um mercado cada vez mais globalizado (PEREIRA JUNIOR, 2015b, p. 4801).

Além da reestruturação econômica a nível nacional, também devemos observar as transformações ocorridas no espaço metropolitano onde essas empresas se localizavam. Na verdade, um fator importante para a desconcentração industrial para o Nordeste, tem ligação direta com o adensamento das condições gerais de produção e a geração de deseconomias de escala. A concentração dessas forças produtivas tornaram esses espaços um território irreplicável e altamente valorizado, tendo por consequência: aumento no preço dos terrenos e aluguéis, congestionamentos e diminuição da oferta de serviços públicos, que levaram a desconcentração de várias empresas (LENCIONI, 1998, p.32), como foi o caso da empresa Alpargatas S.A em São Paulo.

Nesse novo quadro geográfico, essas condições gerais de produção específicas passam a ser determinantes no desenvolvimento de uma nova industrialização nas metrópoles e condicionantes a desconcentração industrial para cidades de outras regiões como a Nordeste (LENCIONI, 1998, p.28).

Sob esse ponto de vista, a redistribuição produtiva da Alpargatas S.A, que nos anos 80 concentrava maior parte do processo produtivo na cidade de São Paulo, não se dá em direção a região metropolitana, ao contrário da maior parte das indústrias da mesma, mas sim para a Paraíba. Portanto, o capital fixo dessa empresa calçadista, foi desmobilizado em função das novas condições que se estabeleciam em São Paulo e sua região, e direcionadas para municípios do Nordeste, principalmente da Paraíba. Nesse território a empresa encontrou as condições gerais de produção adequadas como: uma rede de transportes rodoviários relativamente integrado, instituições de treinamento, energia em abundância, uma mão de obra dócil, disciplinada e barata. Esses fatores produtivos possibilitaram a crescente extração de superlucros, mesmo em condições de menor concentração territorial de meios de produção coletivos, como era então o caso da cidade de Campina Grande-PB.

Nesse período, o país apontava para a saída da crise econômica, ainda dentro de uma “economia relativamente fechada” aos capitais estrangeiros, de caráter protecionista e de cunho nacional (BRANDÃO, 2007), portanto, não poderíamos afirmar que a empresa se instala em Campina Grande apenas por meio de uma competição intercapitalista, mas sim, por três principais fatores: 1) Suposto encarecimento do preço do solo urbano em sua sede São Paulo, que impedia a ampliação de suas unidades fabris em um contexto de volta ao crescimento da economia; 2) As vantagens locacionais, infra estruturais e um

ramo calçadistas já bem consolidado em Campina Grande. 3) os incentivos fiscais dados pela Sudene e pelo estado da Paraíba. Trata-se desse modo de um rearranjo produtivo que se desloca do Sudeste para o Nordeste.

Os calçados Produzidos eram consumidos prioritariamente no mercado interno. As Havaianas não eram ainda um produto de exportação e nem uma marca conhecida internacionalmente. Campina Grande, nesse caso, se apresentava como uma opção de desconcentração industrial, uma saída aos constrangimentos geográficos causados pela concentração em São Paulo e a competição com outras empresas pela mão de obra, em outros termos: uma resposta as deseconomias de escala mencionadas por Milton Santos (SANTOS, 2003, p.79).

Ainda sobre essa questão, Campina Grande já possuía nesse período centros técnicos de treinamento e uma mão de obra calçadista previamente formada, na esteira da indústria calçadista bem estabelecida principalmente após a instalação nos anos 1966 da fábrica da BESA, como já mencionamos anteriormente. Destacamos também a existência de cursos de metal mecânica, e superiores de engenharia mecânica de produção e de administração, dentre outros. Todas essas condições de produção do espaço produtivo propriamente dito já haviam sido criadas no período de desenvolvimento gerado pela indústria Têxtil nos anos 1940-50, e pela de metalomecânica nos anos 1960-1970.

No entanto, essa desconcentração industrial não representou uma descentralização do capital da empresa. A sede e seus escritórios permaneceram situados na cidade de São Paulo, uma das dinâmicas de transferência geográfica de valor²⁷ (SOJA, 1993, p.140) do Nordeste (Campina Grande) para o Sudeste (São Paulo). Mas esse mecanismo não era utilizado apenas pela Alpargatas, a Azaléia também mantinha sua sede no Rio Grande do Sul.

Nesse caso, como explica Doreen Massey, a estruturação espacial da organização das relações de produção atuais, são determinadas pela distribuição e separação da sede industrial e filial. Por sua vez, essa configuração, determina espacialmente a divisão espacial do trabalho, especialmente nos casos em que há a separação de P&D na sede e a produção direta realizada nas filiais (MASSEY, 2001, p.87).

Por isso é necessário considerar que a estrutura espacial está organizada dentro da divisão do trabalho mais ampla. Assim, o capital de regiões que exercem uma função de

²⁷ Segundo Edward Soja, a transferência geográfica de Valor "(...) é o mecanismo ou processo através do qual uma parte do valor produzido em dada localidade, área ou região é realizado em outra, somando-se à base de acumulação localizada da região receptora" (SOJA, 1993, p. 140).

comando sobre o trabalhador de outras (no caso de nosso estudo, o Capital das regiões Sudeste e Sul em relação a Nordeste), o fazem por meio da separação geográfica entre desenvolvimento e produção direta. Isso torna possível a multiplicação de seus negócios em detrimento das regiões subordinadas, ou seja, as funções de controle em determinadas filiais, podem de maneira mais geral, implicar em um controle geográfico de uma região sobre a outra (MASSEY, 2001, p.89), como transcorre do Sudeste em relação ao Nordeste.

Isso se agrava quando analisamos que as rendas acabam sendo multiplicadas na região de controle, enquanto na região controlada (que abriga as filiais) decorre uma situação de subordinação dos trabalhadores, justamente, ampliada pela própria estrutura espacial da organização das relações de produção. Desse modo, se torna ainda mais difícil o trabalhador ter contato com os altos escalões da gerência da estrutura produtiva principal, o que acaba diminuindo o poder de negociação dos trabalhadores (MASSEY, 2001, p.90).

Sendo assim, poderíamos dizer que a própria separação geográfica entre a sede e o processo produtivo se torna nesse contexto uma condição de produção. Em Campina Grande, nota-se que as empresas hegemônicas seguem essa mesma lógica de separação geográfica entre desenvolvimento e produção, de forma a permitir um isolamento dos trabalhadores, e conseqüentemente uma maior subordinação da mão-de-obra.

Destarte, as condições gerais de produção existentes em Campina Grande se tornaram, a partir da inserção da Nova Divisão do Trabalho, adequadas aos interesses de frações do capital industrial do Centro-Sul. Desse ponto de vista, a configuração de suas infraestruturas menos densa, se comparada as grandes metrópoles, favorece a inserção de certas relações de produção que dependem de uma mão-de-obra mais barata e ao mesmo tempo de uma infraestrutura para produção já consolidada.

Logo, o espaço industrial e a força de trabalho em Campina Grande, originaram uma organização particular do trabalho, que permitiu um processo de inovação contínuo dos processos produtivos. A separação entre sede e a produção propriamente dita só ocorreu com sucesso pela capacidade desse capital disciplinar e pelos fatores socioespaciais existentes em Campina Grande, que funcionaram como um dispositivo espacial de controle.²⁸

²⁸ Não nos aprofundaremos nessa questão no momento. Mas adiantamos que a competição entre os trabalhadores e a cultura do trabalho existente no operariado calçadista da cidade, criou um engajamento e

Dessa forma a instalação dessas duas grandes empresas calçadistas, significou uma reestruturação do setor calçadista no município, especialmente pelo importante aumento no valor da produção desse setor, além dos empregos gerados. No entanto alguns autores, afirmam que a expansão desse grande capital na cidade não correspondeu a uma mudança significativa da estrutura produtiva do setor como um todo. Segundo Pinhanez, (1998) apud Lemos (2003, p.37) é

Importante registrar, contudo, que o crescimento do arranjo em número de empresas a partir dos anos de 1980 não se deveu ao processo de realocização de empresas de outras regiões do país, nem mesmo a estímulos das grandes empresas que se estabeleceram em Campina Grande para a formação de redes de subcontratação ou fornecimento. Conforme salientado, o objetivo de estabelecimento de fábricas de fora no local se deveu exclusivamente ao aproveitamento de benefícios resultantes de incentivos fiscais e da mão-de-obra local. Observou-se, além disso, a quase inexistência de relações entre estas grandes empresas e as demais empresas do arranjo. A dinâmica do arranjo não foi alterada de forma substantiva com a instalação dessas fábricas, salientando-se apenas prática de salários maiores do que a média local e uma capacitação diferenciada, no que se refere especificamente à empresa produtora de calçados femininos, que fechou sua fábrica desempregando cerca de 500 trabalhadores (Pinhanez, 1998).

Essa é uma discussão importante e com implicações teóricas, pois, aqueles autores que estudaram essa questão na cidade, em geral, consideraram a influência direta que as grandes empresas possuíam sobre as pequenas e médias, mas não pudemos observar nenhuma menção as economias externas geradas pelo grande capital. Nesse sentido, se faz necessário precisar os efeitos da expansão do grande capital calçadista na recriação das condições gerais de produção. No entanto, não nos debruçaremos nessa discussão, nos restringindo apenas a buscar entender minimamente as transformações que se sucederam instalação das grandes indústrias calçadistas.

O desenvolvimento desse grande capital, toma outros contornos a partir dos anos 1990, com a expansão da produção da Azaléia S/A, mas sobretudo, da Alpargatas S/A. Em 1994 a Alpargatas volta a produzir as sandálias Havaianas (após a diminuição das vendas desde 1980 em função da crise econômica do país) e em 1997 o produto deixa de ser funcional e passa a ser objeto de moda. Com o aumento das vendas, a empresa aumenta significativamente sua produção na cidade.

Paralelamente a esse processo, o SENAI amplia seus projetos e investe em tecnologia e laboratórios nas áreas de eletroeletrônica, metal mecânica, informática e de

uma moralidade de autodisciplina entre os trabalhadores dessa cidade e um grande comprometimento com a exequibilidade dos processos produtivos, isso explica parte da expansão do capital da empresa.

tecnologia química. Nesse contexto, a partir de reivindicações do até então presidente da FIEP Agostinho Velloso da Silveira (empresário do ramo calçadista) é construído o Centro de Tecnologia do Couro e do Calçado "Albano Franco" (CTCC), em maio de 1994, oferecendo educação profissional e a nível superior, assistência técnica, informação tecnológica e pesquisa aplicada (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p.125).

Ao mesmo tempo, as pequenas e médias empresas também experimentavam um crescimento nos anos 1990. Percebe-se que nesse caso as instituições de educação profissional desempenharam um papel importante na consolidação do setor e da estrutura produtiva do município. A importância desse subsetor também se dará através da construção do Centro Tecnológico, proporcionando uma maior autonomia para a região produtora, visto que até então a Paraíba, assim como as regiões do Norte e Nordeste, eram atendidas pelo Centro Tecnológico de Curtimento, na cidade de Estância Velha-RS pertencentes ao SENAI do Rio Grande do Sul (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p. 126).

Essa instituição diminui assim os custos de atendimento ao setor e se distinguindo por agregar os dois segmentos: confecção de calçados e curtimento, ou seja, agindo para aumentar a eficiência do espaço produtivo. Isso explica a pressão exercida pelos agentes econômicos da cidade sobre o Estado, para a construção desse empreendimento, exercendo nesse sentido, um papel na produção desse espaço, mesmo que indiretamente.

Contudo, apesar de toda essa reorganização do espaço produtivo voltado ao ramo calçadista, ocorre o encerramento das atividades de uma das grandes indústrias calçadistas da cidade, a Azaléia, que era uma das maiores empresas de sandálias femininas do Brasil. Na cidade de Campina Grande, a produção dessa empresa era relativamente grande na época, considerando o contingente de trabalhadores empregados, estimado em 500. Essa produção envolvia tanto o uso de insumos de couro, quanto de materiais sintético (solados).

2.2.2. A nova rodada de reestruturação produtiva: expansão do grande capital e um novo planejamento para o pequeno capital (1990-2019)

No entanto, mesmo com a saída dessa grande empresa, a produção e a importância econômica desse setor calçadista cresce substancialmente no município. A participação do emprego formal industrial desse setor salta de 3,8% em 1985 para 25,1% em 2004, ou seja, ampliando mais de 900% o total de trabalhadores no subsetor (PEREIRA, 2016, p. 225-6). Há, portanto, uma ampliação do setor, conferindo uma maior importância.

A explicação para isso, está relacionada principalmente ao aumento contundente da produção da Alpargatas S/A. Esse aumento da produção, se dá através de uma nova rodada de desconcentração produtiva. A empresa desde os anos 1980 já vinha fechando unidades fabris em São Paulo, desempregando trabalhadores residentes nos bairros como o da Mooca em São Paulo. Assim, o processo de terceirização se tornou ainda maior, havendo a redução de 22 empresas para 10, e de 20 fábricas para 14, demitindo entre os anos 1998 e 1999 seus últimos 250 funcionários fabris em São Paulo, mas mantendo a sede e o polo de distribuição²⁹. O resultado foi uma redução de 55% dos custos fixos da empresa e uma maior concentração de capital fixo em fábricas específicas, como foi o caso de Campina Grande. Além disso a empresa obteve empréstimos do BNDES- Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, que nos anos 1996 financiou o projeto de realocação da empresa com R\$ 4 milhões³⁰.

Dessa maneira, o aumento da produção no setor calçadista em Campina Grande (e mesmo no estado da Paraíba), foi determinantemente condicionado a essa segunda rodada de desconcentração de capital da Alpargatas, ou poderíamos dizer, à uma segunda rodada de reestruturação produtiva. Dessa forma assimila-se na cidade outro tipo de relação de trabalho como resposta à crise do fordismo, aquilo que o Alain Lipietz chama de neotaylorismo, um velho paradigma travestido de novo. Definido essencialmente como uma “organização taylorista do processo de trabalho, sem as contrapartidas sociais da época áurea do fordismo.”, “associada a um controle hierárquico direto” da produção (LPIETZ, 1997, p.85).

Esse paradigma vem a se instalar no Nordeste brasileiro, pelas empresas calçadistas, em especial a Alpargatas em Campina Grande e sua região. Com uma fábrica matriz fundada em relações de trabalho fordistas tayloristas, mas com alguma relativa flexibilidade nos contratos salariais, (com controle dos sindicatos, pressão dos trabalhadores) seguido pela criação de fábricas satélites que pagavam salários mais baixos, e impondo relações de trabalho mais precarizadas.

Assim, nos anos 2000 eram mais de 400 empresas instaladas na Paraíba, produzindo 4 milhões de calçados por mês e gerando 14 mil empregos diretos e indiretos. Com quase 100 empresas associadas ao Sindicalçados. As empresas hegemônicas,

²⁹ ALPARGATAS fecha a última fábrica em SP. Folha de São Paulo, São Paulo. Sábado, 7 de novembro de 1998.. Acessado em 23/11/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi07119810.htm>

³⁰ NOVO endereço. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de setembro de 1996. Acessado em 23/11/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/20/dinheiro/1.html>

responsáveis por maior parte da produção, destinavam-na parte considerável para o exterior, já as médias e pequenas e microempresas, abasteciam principalmente as regiões Norte e Nordeste (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p.153).

No início dos anos 2000, o SIL — Sistema Industrial Localizado³¹ calçadista da Paraíba como um todo estava relativamente instituído nos conformes que atualmente se apresenta e já contava com mais dois outros polos, o Aglomerado Urbano de João Pessoa (compreendendo sua região metropolitana) e Patos. O fortalecimento das instituições como SEBRAE³², FIEP, CTCC, permitiram a consolidação do SIL de Campina Grande. Em 2001, esse município possuía 231 empresas, sendo 21 de pequeno porte, 2 médias e uma de grande porte (A Alpargatas), empregando um total de 4.703 trabalhadores, sendo 3.403 deles formalizados e 1308 não formalizados.³³ Nesse período, a Alpargatas já era responsável por maior parte do emprego no subsetor no município.

A Alpargatas inicia em 2001 uma estratégia de internacionalização, aumentando a produção para exportação. Campina Grande, era a única cidade na época a produzir o produto. Nos anos 2004, a empresa já exportava para 56 países e possuía um faturamento anual de R\$ 800 milhões³⁴, após construir um CD (Centro de Distribuição) em Campina Grande.

A instalação da Azaléia e da Alpargatas e sua expansão, contribuíram para a instalação de outras indústrias do ramo, como a Artecola, vinda do Vale dos Sinos do RS, especializada em produzir colas e adesivos para o setor. Além dela, consolidava-se nos anos 2000 a INJENOL, produtora de solados para calçados e cabides de exposição de sandálias Havaianas, empregava a época 50 pessoas, com produção para o nordeste. Ainda havia a empresa Emanuel Colagens Industriais Ltda, que à época era uma das 100 maiores empresas no estado em pagamento de ICMS. (AQUINO; PINHEIRO, 2006, p.82). Essas empresas, possivelmente podem ter vindo a contribuir para transformações

³¹ Discutimos a definição desse conceito no item 3.1, também explicamos sua escolha em detrimento do conceito de Arranjo Produtivo Local. Ressaltamos que a maior parte dos autores aqui citados utilizam o conceito de APL, a nossa análise portanto, buscará contribuir para um novo enfoque dessas questões, com ênfase nos fatores históricos, estruturais e culturais.

³² Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

³³ Fonte: SEBRAE- Polo de Couro e Calçados da Paraíba. João Pessoa, 2001.

³⁴ HAVAIANAS são exportadas para 56 países, entre eles Kuwait e Arábia Saudita, Publicado pela Agência de Notícias Brasil-Árabe, em 07 de janeiro de 2004. Acessado em 07/05/2021. Disponível em: <https://anba.com.br/havaianas-sao-exportadas-para-56-paises-entre-eles-kuwait-e-arabia-saudita/>

nas relações de produção das MPEs do ramo calçadista campinense. Acreditamos que essa é uma discussão que futuramente poderá merecer atenção.

Todavia, o segmento de insumos e componentes representava um quantitativo pequeno, gerando cerca de 140 empregos em 7 empresas. Dessa forma, segundo alguns autores, esses fatores não eram capazes de gerar um “círculo solidário” tão expressivo, não gerando uma cadeia produtiva completa do setor na cidade. (AQUINO; PINHEIRO, 2006, p.82). Concordamos, em parte, com essa afirmativa, visto que boa parte desses insumos e componentes advinham do Sul e não eram produzidos propriamente na cidade. No entanto, podemos inferir (com alguns riscos) que apesar de não haver uma cadeia produtiva mais ampla, desde a produção dos componentes e de alguns insumos, a instalação dessas empresas, por influência da instalação de empresas maiores, pode ter vindo a contribuir para a consolidação do setor calçadista como um todo — em graus diferentes para cada atividade específica—.

Assim, destacava-se na época o aparecimento do aumento da produção e do uso de solados de PVC, produzido com materiais reciclados, aproveitando-se do baixo capital empregado necessário e de emprego de tecnologia simples, preexistente na cidade (AQUINO; PINHEIRO, 2006, p.83).

Há também uma contribuição do PISIE (Politécnico Internacional de Desenvolvimento Internacional e Econômico), doador da Associação Italiana de Fabricantes de Máquinas da Cadeia de produção do Couro e do Calçado -ASSOMAC. Que organizaram a transferência de Know-how da Itália para o CTCC de Campina Grande. Um fator a época considerado negativo era a baixa capacitação em design de calçados no estado (AQUINO; PINHEIRO, 2006, p.83). Dessa forma, fica evidente, uma certa influência do modelo Italiano na tentativa de consolidar um Arranjo Produtivo Local³⁵ em Campina Grande, que ao nosso ver pode ter sido um fator de inviabilização, dado a estrutura econômica e regional da Paraíba ser totalmente diferente das condições de produção e distribuição dos moldes italianos.

Todo esse contexto, gerou uma expectativa de alavancamento das atividades produtivas, que culminou entre os anos 2003-2005, no processo de construção do Pólo Calçadista em Campina Grande localizado no bairro Bodocongó. Os galpões e terrenos começaram a serem entregues aos produtores, no entanto, houveram alguns problemas. Além da própria estrutura dos galpões e falta de assistência na instalação, relata-se³⁶ as

³⁵ Trabalharemos esse conceito no capítulo 3.

³⁶ Informações obtidas em entrevista a representante do SINDICALÇADOS/PB, em 16/03/2020.

vendas ilegais de terrenos e galpões cedidos a alguns empresários. Por isso, empresas de outros ramos, que não o calçadista, vieram a se instalar nesse novo polo calçadista, como: empresas de serralheria, borracharia, descaracterizando a funcionalidade planejada para esse espaço.

Nesse período, o SIL se caracterizava pela predominância de empresas informais, com pequenas produções semiartesaniais, de produção que oscilava em função da demanda dos agentes comerciais do setor, e mão-de-obra familiar. A estrutura produtiva era, em suma, baseada em microempresas, que até o ano de 2006, correspondiam a 89,8% do total paraibano (AQUINO; PINHEIRO, 2006, p.74).

Assim, as características distintivas desse subsetor, em meados dos anos 2000, seria a diversificação da produção, sendo produzidos sapatos masculinos e femininos, sandálias masculinas e femininas, tênis, chuteiras, calçados infantis, botas de segurança e sandálias Havaianas (AQUINO e PINHEIRO, 2006), gerando o interesse de alguns agentes para a consolidação desse polo a partir de algumas ações do poder público, AQUINO e PINHEIRO (2006, p.79). Destacam-se, entre as ações realizadas para tal: a criação do Curso Superior de Tecnologia Química Modalidade Couros e Tanantes/ UFCG o Centro Nacional de Tecnologia do Couro e do Calçado Albano Franco - CTCC/SENAI; o COMPETIR/ SENAI/SEBRAE/GTZ; o protocolo de intenções de 22/08/96, celebrado entre o Governo do Estado, o Sindicato das Indústrias de Curtume da Paraíba e o Banco do Nordeste; o Programa de ações Integradas para o Desenvolvimento do Governo do Estado.

Por outro lado, para alguns autores como Oliveira e Neto, um dos problemas do setor nesse período, estava relacionado à falta de "entusiasmo" dos micro empreendedores com relação a melhoria de seus produtos e uma "falta de atenção" dos pequenos aos problemas do setor produtivo local. A exceção teríamos as iniciativas do Polo Calçadista da Paraíba e, o "Fabricão". (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.72-3). Discordamos dessa afirmativa, pois, desvia a questão do cerne principal. Essa produção de pequeno capital, caracteriza-se justamente pelo baixo emprego de capital, ou seja, é inviável melhorar o produto, quando boa parte do lucro já está comprometido seja com a própria subsistência, seja com o pagamento de atravessadores, intermediários e etc. Além do mais, esses produtores precisavam, e ainda precisam, baixar os preços de seus produtos em função da concorrência com os produtos de alto valor agregado, com alto grau de utilização de capital fixo e utilização de couro, produzido em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

O Fabricão

O Fabricão foi uma iniciativa do Projeto Cidades de Porte Médio do Ministério do Interior, idealizado nos anos 1980. Tinha por objetivo, realizar ações que possibilitassem a geração de emprego e renda, sobretudo, no setor de movelaria e calçadista (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.73). Na prática, a ideia seria reunir trabalhadores do mesmo setor em um mesmo espaço, de forma a gerar economias de escala no processo de produção, considerando o compartilhamento dos meios de produção. O órgão que deveria fiscalizar seria a CINEP (Companhia de Desenvolvimento da Paraíba) e a Prefeitura, mas ao que tudo indica, essa fiscalização não se deu. O Fabricão, que fazia parte da estratégia de fortalecimento do polo calçadista em Campina Grande, tinha como iniciativa a socialização de algumas ferramentas e meios de produção, assim como do conhecimento do ofício calçadista. Acabou por se tornar um aglomerado de boxes individuais privatizados.

O Fabricão possuía 14 empresas instaladas, sendo 85% informais, produzia mais de 800 mil pares de calçados por ano, com o valor de R\$ 5, 6 milhões/ano, gerava 181 empregos diretos e 386 indiretos, segundo o até então gestor do programa de Couro e calçados do Sebrae na Paraíba (ROQUE apud OLIVEIRA; NETO, 2009, p.74).

Até 2005 a Prefeitura era a principal financiadora do projeto, cedendo o espaço físico e disponibilizando alguns equipamentos. A gerência era designada pela mesma, mas não possuía nenhum vínculo Estatal, uma gerência em situação *ad hoc*. O operador das máquinas de uso comum era pago pelos próprios empreendedores, sediados no Fabricão, segundo o gerente administrativo da época. Para além da Prefeitura, haviam outros parceiros como: o Banco do Brasil, a Fundação Banco do Brasil, destacava-se o BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento, por meio de financiamento a Fundo Perdido (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.75).

Mesmo assim, na prática a efetivação do projeto se deu com muitas dificuldades, principalmente, no tocante a organização da produção. O ritmo de produção de cada empreendimento variava, criando problemas para a organização coletiva dessa. Além do mais, havia grande pressão para a ampliação do projeto, cerca de 50 empresas estavam na lista de espera para transferir suas instalações (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.75).

Associado a parceria com o BID e a Agência Promos da câmara de Comércio de Milão, na Itália, o projeto possuía inspiração no conceito de Arranjo Produtivo Local, desenvolvido na UFRJ (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.76). A intenção do projeto — que

também era tocado nos anos 2002 no Pará e Rio de Janeiro —, era reestruturar o polo calçadista nos moldes dos distritos empresariais italianos. Em uma pesquisa realizada no começo dos anos 2000, constatou-se que haveriam 3 arranjos produtivos no setor calçadista do estado da Paraíba. (Campina Grande, Grande João Pessoa e Patos). Contudo, o projeto só atingiu 50 empresas, — um pequeno quantitativo, tendo em vista o grande número de pequenas e micro empresas no ramo —. Um destaque para a consolidação de micro e pequenas empresas em empreendimentos satélites das grandes plantas advindas do Sul e Sudeste do país (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.77).

A Criação do Centro de Couro Calçadista Manuel Raimundo Souto

Nesse mesmo período, é realizado um novo empreendimento, que irá desempenhar um papel importante nesse SIL. O Centro de Couro Calçadista Manuel Raimundo Souto, foi uma realização do Governo do estado e da Companhia de Industrialização da Paraíba (Cinep), junto aos parceiros SEBRAE na Paraíba, por meio do projeto Arranjo Produtivo Local de Calçados e Afins, Fiep /SENAI e Sindicalçados, inaugurado em Junho de 2007, destinado a instalação de 17 pequenas empresas. Contudo, há indícios de que o padrão da ação pública não diferiu, da efetivada no projeto do Fabricão, ou seja, não houve um ordenamento adequado por parte do estado (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.78):

(...) o que tem restado, por parte do poder público, são ações envolvendo poucos recursos, de caráter pontual, com evolução descontínua, desarticuladas entre si e em relação a outras ações públicas, dotadas de baixa institucionalidade, que as fazem pouco efetivas (social e economicamente) e de fácil captura por parte de práticas clientelistas. " (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.79).

Para a instituição desse cluster, representantes das instituições de desenvolvimento industrial da cidade participaram de um curso de desenvolvimento de distritos industriais na Itália (AQUINO; PINHEIRO, 2006, p.85), o que deve ter permitido também desenvolver as ações de descentralização da produção da Alpargatas na Paraíba, mas também podem ter influenciado na forma como foi idealizado esse cluster, ou seja, podemos afirmar que houve a inspiração por parte de algumas empresas calçadistas e de alguns agentes nas experiências realizadas ideias implantadas na chamada terceira Itália, para fomentar o SIL em Campina Grande.

A instalação da TESS Indústria e Comércio LTDA

Contudo, apesar de todos os investimentos para desenvolver um ambiente de cooperação e apoio às pequenas empresas, o que se efetivou no ramo calçadista, foi a expansão do grande capital, através da instalação da TESS na cidade. Nesse momento, o subsetor calçadista estava bem consolidado, a Alpargatas S.A cada vez mais direcionava a sua produção para exportação e aumentava o valor agregado de seu produto, através de variadas estratégias de Marketing. Em concorrência aberta com a marca da Kenner, produzida pela TESS, que possuía um preço de mercado bem maior em geral que a própria sandália Havaianas (BORELLI, 2012).

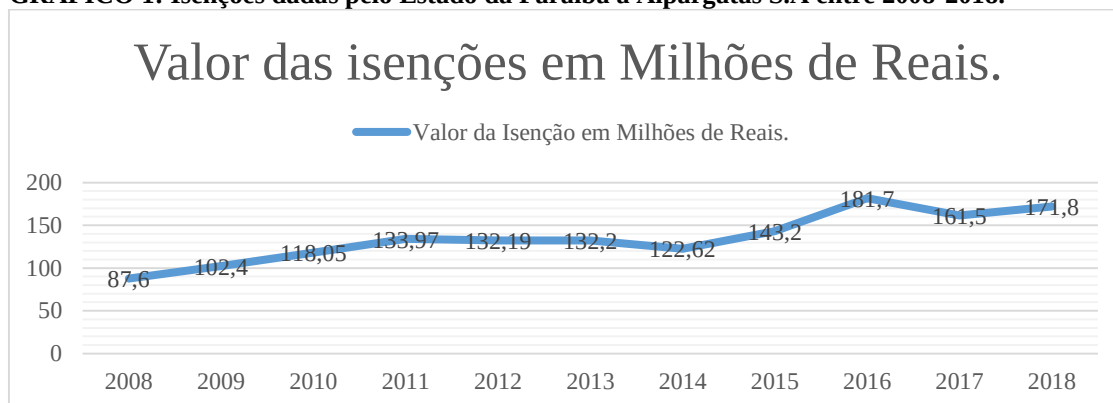
Nessa Com o intuito de absorver a demanda crescente no mercado Nordeste e também na região Norte (BORELLI, 2012), a TESS Indústria e Comércio LTDA, fabricante dos produtos da marca Kenner se desconcentra da capital do Rio de Janeiro para Campina Grande no ano de 2009. Além da TESS o grupo Kenner possui outras 3 empresas (Kelut, Fabor e Cell Soft) que continuaram instaladas no Rio de Janeiro. Em 2010, 80% da produção da sandália Kenner já era feita pela TESS em Campina Grande, os outros 20% continuavam sendo produzidos pela Cell Soft, no Rio de Janeiro (SANTOS, 2010, p.15). Essa última empresa, na época era responsável pela gerência das outras unidades fabris (Fabor e Kelut) e ainda era o núcleo de gestão empresarial do grupo.

Nesse caso, as condições eram totalmente diferentes daquelas que fizeram a Azaléia e a Alpargatas se instalarem na cidade. Os fatores como o custo da mão de obra, os incentivos fiscais, entre outros, pesavam, no entanto, um fator importante que não precisava ser considerado pela Alpargatas na época de sua instalação, era a questão do mercado consumidor. Nesse sentido a proximidade ao mercado consumidor e a facilidade logística e de distribuição também se adequam as condições gerais de produção com relação a TESS.

Contudo, as isenções fiscais dadas pelo estado da Paraíba, se confirmam enquanto um dos principais fatores para a manutenção das taxas de lucro de ambas as empresas. Para exemplificarmos isso, observemos que a Alpargatas é a empresa que mais recebe incentivos no estado da Paraíba. Onde cumpre-se um acordo entre o estado e a empresa, em que o primeiro é responsável por remanejar os incentivos e a segunda em proporcionar um salário base e uma produção em ascendente, de modo a permitir o emprego

progressivo dos trabalhadores (FERREIRA, 2018). Somente em 2018 foram cerca de 171,8 milhões de reais (Vide Gráfico 1) não arrecadas de ICMS da Alpargatas pelo Estado da Paraíba.

GRÁFICO 1: Isenções dadas pelo Estado da Paraíba à Alpargatas S.A entre 2008-2018.



Fonte: Elaboração própria, Fonte: Demonstrações Financeiras Alpargatas S.A (2010), (2012), (2013), (2015), (2016), (2019).

Contudo, além dos incentivos fiscais, a separação entre P&D e produção também se deu enquanto um fator produtivo necessário para as atividades da TESS. As decisões financeiras e o direcionamento do investimento, continuaram sendo operados a partir de sua sede no Rio de Janeiro (SANTOS, 2010, p.33). Dessa forma, um outro canal de transferência geográfica de valor foi instituída, agora, entre Campina Grande e Rio de Janeiro.

No entanto, a empresa também precisou adequar os seus processos produtivos à uma nova realidade, com uma cultura do trabalho diferente daquela desempenhada no Rio de Janeiro. Contudo, a mão de obra na cidade já havia passado por um processo de aprendizado coletivo de mais de quatro décadas. Esse fator pode ter pesado para a instalação da fábrica.

Assim, de forma antecipada à instalação da fábrica da TESS na cidade, o SENAI promovera o treinamento de 150 trabalhadores, incluindo trabalhadores administrativos, em 2 semanas 98 trabalhadores estavam aptos a trabalhar³⁷. Para termos dimensão da rapidez como a produção conseguiu se ajustar. Nos anos 2009, a fábrica contava com 200 operários, com uma capacidade de produzir 7000 mil pares por dia. Um ano depois a fábrica já empregava 1000 trabalhadores e trabalhadoras e uma capacidade produtiva de 18.500 pares por dia (SANTOS, 2010, p. 34-5).

³⁷ EMPRESA calçadista inicia produção em CG este mês e gera 250 empregos, 07.07.2009, acessado em 07/05/2021. Disponível em <<https://www.clickpb.com.br/economia/empresa-calcadista-inicia-producao-em-cg-este-mes-e-gera-250-empregos-55683.html>>

Assim sendo, o aumento no número de empregos da TESS e da Alpargats se insere no conjunto de transformações decorrentes dessa reestruturação produtiva. Nesse processo, em que há uma expansão do grande capital e o aumento da flexibilização, tem-se também uma reestruturação do mercado de trabalho do ramo de calçados.

2.3. A Reestruturação do mercado de trabalho na indústria do município

O mercado de trabalho do setor de transformação passa por significantes mudanças, com o aumento do emprego em função do aumento da produção e da chegada de outras empresas de grande capital setor de transformação em Campina Grande. Isso confere uma relevância importante para a economia do município, representando um número de estabelecimentos maior que a média estadual e nacional como pode ser visto na Tabela 3, mesmo apesar da diminuição na importância com relação aos outros setores.

TABELA 3: Números de Estabelecimentos industriais da transformação com relação aos demais setores em percentual

	2007	2009	2011	2013	2015	2017
Brasil	9,01	8,64	8,49	8,28	8,25	7,92
Nordeste	7,3	7,18	7,25	7,17	7,26	6,95
Paraíba	7,07	6,91	6,97	7,03	7,18	6,88
Campina Grande	11,18	11,36	11,07	11,8	10,52	9,84

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IBGE-Cadastro de empresas, Tabela 6449, (2020).

O setor da transformação que em 2007 representava cerca de 11,18 % de todas as empresas de Campina Grande, passa a representar 9,84% do total de empresas instaladas em 2017, em números absolutos 824 empresas de transformação (de empresas formais). Contudo, isso não representa uma diminuição da importância da indústria no município, mas sim, um crescimento no setor de serviços, ou seja uma reestruturação econômica do município, o que é uma tendência nacional como demonstra (LENCIONE, 2015). Os subsetores de calçados e têxtil, mas também da indústria de alimentos e de serviços públicos correspondem às principais atividades desse setor.

Assim, apesar da perda da importância do setor industrial para outros setores como o de comércio e serviços em Campina Grande, o número de estabelecimentos em funcionamento aumentou, de 790 em 2007 para 824 em 2017, ou seja, um saldo de 34 empresas, representando 4,3% a mais.

A taxa de pessoal ocupado na indústria de transformação também corresponde a uma relativa importância no mercado de trabalho de Campina Grande, representando cerca de 11,86% do total de pessoal ocupado no município (Tabela 4), ou seja, 11211 trabalhadores. Ressaltamos que na metodologia do IBGE apenas são considerados os trabalhadores com carteira assinada.

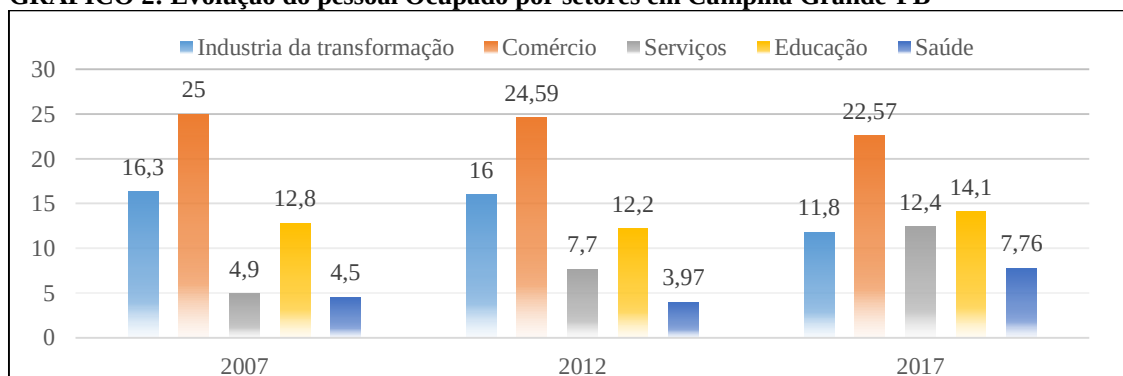
TABELA 4: Taxa de Pessoal Ocupado na Indústria da Transformação com relação aos demais setores

	2007		2009		2011		2013		2015		2017	
	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%
Campina Grande	9968	16,36	11025	15,3	13240	15,24	13231	15,01	12206	12,93	11211	11,86

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IBGE-Cadastro de Empresas, tabela 6449, (2020).

Dessa maneira, apesar do setor de transformação ter perdido importância do ponto de vista da ocupação em relação aos outros setores (Gráfico 2), passando de 16,36% de todos os postos de trabalho existentes em 2007, para 11,86% em 2017, os números absolutos de empregos no setor industrial apresenta um aumento de 1.243 entre os anos de 2007 e 2017, ou seja, 12,46% a mais.

GRÁFICO 2: Evolução do pessoal Ocupado por setores em Campina Grande-PB

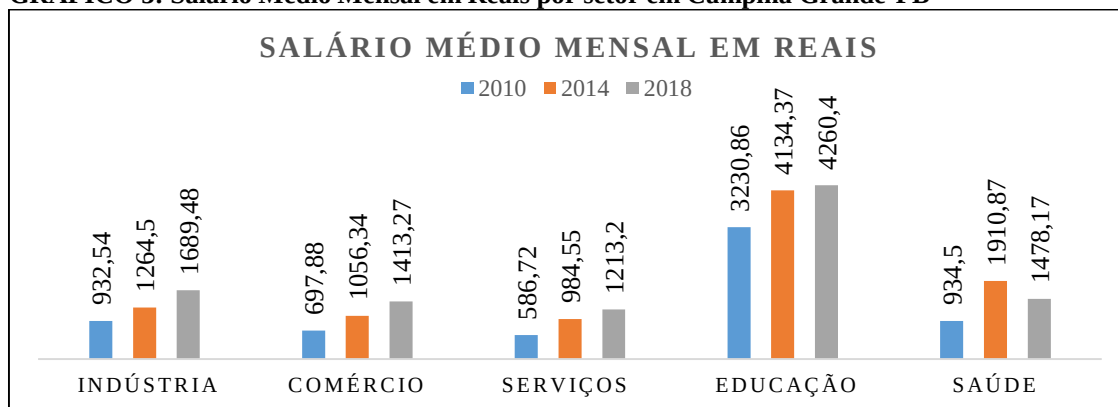


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE-Cadastro Central de Empresas, 2020.

No entanto, para entendermos a mudança que se dá na economia campinense não podemos nos ater apenas ao número de estabelecimentos e pessoal ocupado, mas também aos níveis salariais de cada setor. Observamos que tanto o setor de serviços, quanto o de comércio, possuem a média salarial menor do que a paga pela indústria em Campina Grande, como pode ser observado no Gráfico 3. Isto é, o setor industrial, ainda representa uma ocupação de remuneração maior que o setor de serviços e comércio, sendo assim, a importância da indústria para o município não se refere apenas a quantidade de postos de

trabalho criados, mas também e de forma distinta, pelo quanto se pode pagar. Isso nos dá alguns elementos para explicar porque o setor industrial e, sobretudo, o subsetor calçadista possui tanto poder sobre os trabalhadores.

GRÁFICO 3: Salário Médio Mensal em Reais por setor em Campina Grande-PB



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IBGE (2018) - Cadastro Central de Empresas, tabela 3421

Podemos dizer que o alto nível dos salários no setor industrial, deve-se em grande parte à produção da Alpargatas. Atualmente, Campina Grande³⁸ comanda o segundo maior polo de produção de calçados do Brasil, com uma produção estimada em 97 milhões de pares no ano de 2019³⁹, observando-se uma severa diminuição em sua produção quando comparada ao ano de 2018, em que foram produzidos 144,4 milhões de pares⁴⁰. Consideramos que essa queda na produção campinense tenha sido o principal fator de diminuição da produção da Paraíba, que perdeu cerca de 26,4% com relação ao ano de 2018, segundo a ABICALÇADOS (2018); (2019)⁴¹.

2.3.1. A expansão e exploração no mercado de trabalho da indústria calçadista

Essa importância que o ramo calçadista vem tomando na economia do município, implica em uma série de mudanças na estrutura organizacional e o no controle sobre a mão de obra local e regional. O aumento substancial dos empregos formais nesse setor e a remuneração oferecida pelas grandes industriais, ao que parece foram acompanhados

³⁸Esse Polo é constituído pelas seguintes cidades paraibanas: Campina Grande, Mogeiro, Araruna, Guarabira, Serra Redonda, Ingá, Alagoa Nova

³⁹ABICALÇADOS. Relatório setorial: Indústria de calçados do Brasil 2019. Associação Brasileira das Indústrias de Calçados. Novo Hamburgo: Abicalçados, 2019.

⁴⁰ Pretendemos analisar futuramente essa diminuição da produção.

⁴¹ABICALÇADOS. Relatório setorial: Indústria de calçados do Brasil 2018. Associação Brasileira das Indústrias de Calçados. Novo Hamburgo: Abicalçados, 2018.

pelo aumento da produção das grandes empresas e pela crescente flexibilização do trabalho e de subcontratação.

Essas mudanças se tornam mais evidentes a partir dos anos 1990. De acordo com os dados da RAIS/MTE, até 1990, não encontramos nenhuma empresa calçadista em Campina Grande que empregasse mais que 500 empregados formais, nos anos de 1992 e 1994 os dados já demonstram a existência de uma empresa com mais de 1000 trabalhadores (a Alpargatas), contudo no ano de 1995, não se registra a presença de nenhuma empresa com mais de 1000 trabalhadores formais. Ou seja, isso pode indicar que a Alpargatas desde o início de suas operações possuía uma flexibilidade considerável do emprego de mão de obra, apenas a partir dos anos 1996 é que se tornará constante a presença de ao menos uma empresa calçadista com mais de 1000 empregos formais no município. Dessa forma podemos inferir que a empresa adquire: a) uma maior constância na produção, ou b) um maior crescimento na sua produção que demandou ainda mais mão-de-obra da região.

Um movimento que deve ser observado, é o fato de os dados da RAIS -Relação Anual de Informações-, apenas se referirem as empresas com empregos formais. É possível que muitas empresas do subsetor calçadista no município tenham fechado, mas também é possível que muitas apenas tenham mudado o contingente de trabalhadores, modificado os regimes de trabalho, subcontratado em maior número, dessa forma os dados da RAIS podem esconder um processo de adequação desses capitais frente ao cenário econômico atual.

No tocante ao número de empresas calçadistas em seu total, observamos o aumento no número de estabelecimento de 19 em 1990, para 48 em 2019, correspondente à um considerável crescimento de 252,6% (Tabela 5).

TABELA 5: Número de estabelecimentos da indústria de calçados no Município de Campina Grande-PB por porte de empresa (1990 e 2019)

Ano	Porte da Empresa ⁴²				
	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
1990	14	3	2	0	19
1995	24	0	3	0	27
2000	28	10	0	1	39
2005	38	11	0	1	50
2010	53	20	1	2	76
2015	57	12	1	2	72

⁴² Microempresa: até 19 empregados; pequena empresa: de 20 até 99 empregados; média empresa: de 100 até 499 empregados; e grande empresa: acima de 500 empregados.

2019	39	7	0	2	48
------	----	---	---	---	----

Fonte: BRASIL, MTE/RAIS, 2021. Organização do autor, 2021

Observamos que entre os anos 1990 e 2019 houve um acréscimo de 25 microempresas desse subsetor, significando um aumento de 178,5%, enquanto as pequenas empresas passaram de 3, em 1990 para 12 no ano de 2015, implicando no aumento de 233,3%. Em contrapartida, as médias empresas passaram de 2 para nenhuma no mesmo período. Em 2019 verifica-se a existência de 2⁴³ grandes empresas que inexistiam até os anos 1990.

Ainda discutindo os dados sobre os números de estabelecimentos calçadistas, precisamos destacar que a diferença entre os anos de 2015 e 2019 merecem uma análise detalhada e um estudo mais aprofundado sobre esse curto período. Em 4 anos observamos um decréscimo de 18 microempresas (-31,57%), seguido de menos 5 pequenas empresas (-41,66%) e menos 1 empresa de médio porte. Ou seja, um total de 24 estabelecimentos em 2019 a menos que em 2015, correspondendo à uma diminuição de 33,3% no número de empresas do subsetor.

No que diz respeito ao número de empregos formais na indústria calçadista, observamos um crescimento proporcionalmente bem maior que o de estabelecimentos. Enquanto em 1990 haviam 782 vínculos empregatícios, no ano de 2019 esse número passa para 9.382, correspondendo a um aumento de cerca de 1100% (Tabela 6).

TABELA 6– Estoque de empregos formais na indústria de calçados no Município de Campina Grande-PB por porte de empresa (1990 e 2019)

Ano	Porte da Empresa ⁴⁴				
	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
1990	61	160	561	0	782
1995	112	0	651	0	763
2000	162	326	0	1896	2.387
2005	290	394	0	4.081	4.765
2010	316	740	112	6.816	7.984
2015	354	439	153	7;989	8.935
2019	279	291	0	8.812	9.382

Fonte: BRASIL, MTE/RAIS, 2021. Organização do autor, 2021

⁴³ Nesse caso a Alpargatas que ainda não empregava mais de 1000 trabalhadores e a TESS que veio a se instalar em 2009.

⁴⁴ Microempresa: até 19 empregados; pequena empresa: de 20 até 99 empregados; média empresa: de 100 até 499 empregados; e grande empresa: acima de 500 empregados.

Nesse período de 1990-2019, o número de empregados formalizados pelo Estado nas microempresas calçadistas aumenta na ordem de 218 (357,3%), seguido por o aumento de 131 trabalhadores empregados nas pequenas empresas, correspondente à 81,87% de trabalhadores a mais que em 1990. No entanto, as indústrias de médio porte decrescem de 561 trabalhadores em 1990 para nenhum trabalhador formal empregado em 2019. Por sua vez, os empregos formais nas empresas de grande porte passam de nenhum em 1990 para importantes 8.812 no ano de 2019.

Assim, verifica-se que o aumento no número de micro e pequenas empresas não correspondeu a um aumento tão significativo no número de empregos formais. Da mesma forma, as empresas de médio porte, demonstram uma oscilação na capacidade de reter empregos formais, como pode ser observado nos anos 2000, 2005 e 2019, o que também representaria uma ausência de seguridade para os trabalhadores. Por outro lado, o emprego formal nas empresas calçadistas de grande porte, são responsáveis por quase a totalidade dos empregos formais criados entre os 29 anos analisados. Como podemos observar, no ano de 2019 as empresas de grande porte, empregavam 93,92% de toda a mão de obra formalizada no setor calçadista do município.

Ou seja, a reestruturação produtiva, apesar de ter pautado em parte o crescimento das micro e pequenas empresas do subsetor e sua respectiva empregabilidade formal, teve um impacto muito maior nas empresas de grande porte, especialmente na Alpargatas S.A. Dessa forma, demonstra-se que a reestruturação produtiva e a desconcentração dessas empresas do Sudeste para o Nordeste, estava atrelada obviamente a intenção de aumentar progressivamente o emprego da mão de obra na produção.

Contudo, esses dados podem esconder a dinamicidade das MPEs instaladas em Campina Grande, muitas dessas empresas passam períodos sem empregar formalmente, ou mesmo deixam de empregar um contingente de trabalhadores suficientes para não se enquadrarem enquanto empresas de médio porte, mas quando em cenários econômicos mais propícios, ou em casos de aumento das demandas, essas empresas podem passar a empregar formalmente e mesmo aumentar o número desses empregos em determinados períodos. Na verdade, o fechamento dessas empresas é altíssimo, contudo, a facilidade de abertura ou reabertura dessas fábricas também, para termos uma dimensão, um importante estudo realizado sobre a indústria calçadista de pequeno capital, demonstrou que 37% dessas empresas haviam iniciado suas atividades à menos de 3 anos (ALMEIDA, 2011, p.88).

Não menos importante, é o fato de 74% dos trabalhadores estarem empregados à menos de 3 anos, enquanto apenas 26% estavam empregados na mesma empresa à mais de 4 anos (ALMEIDA, 2011, p.88). A rotatividade de trabalhadores demonstra outro traço da flexibilidade nas atividades de pequeno capital do ramo calçadista. Além do mais, 29% dos trabalhadores realizavam jornadas de trabalho diárias de mais de 10 horas, chegando à 13 horas. Esses fatores correspondem, à um elevado grau de precarização do trabalho.

Por esses motivos é comum haver a dissolução das empresas, como as empresas da marca local Karmélia, dividida atualmente em 1 micro e 1 pequena empresa, no entanto, em 2009 a empresa fornecia matéria-prima para 3 empresas não reconhecidas pelo Estado (ALMEIDA, 2011, p.82), demonstrando que essas empresas se adaptam rapidamente as novas condições.

No entanto, ao contrário das grandes empresas calçadistas as micro e pequenas empresas, sobretudo no aglomerado produtivo do José Pinheiro, contam com 88% de sua mão de obra com origem em Campina Grande (ALMEIDA, 2011, p.83), e com 63% de proprietários locais e que em geral também trabalham na produção.

Esse é outro elemento importante para entender essas atividades de pequeno capital, a mão de obra é em geral, localizada no próprio entorno das fábricas, ou mesmo de origem familiar. Denotando uma possibilidade de flexibilizar a produção em função da demanda. Em períodos de aumento da demanda, é possível empregar um vizinho, ou familiar, que podem ter outro tipo de ocupação, ou simplesmente nenhuma, para compor a mão de obra necessária.

Outro dado trazido por ALMEIDA (2011, p. 86), merece destaque, ao apontar que 83% dos trabalhadores das micro e pequenas empresas, não possuíam ensino médio e que 58% destes não possuíam sequer o ensino fundamental completo. Nesse sentido, as empresas não hegemônicas desse ramo, possuem uma dinâmica produtiva diferente das hegemônicas. Por exemplo, atualmente, possuir o diploma de ensino médio é um dos requisitos para trabalhar na Alpargatas S.A. Além do mais, a empresa incentiva os trabalhadores, principalmente aqueles que residem em cidades menores e que não tiveram acesso à educação básica completa, a retomarem os estudos. A explicação é que muito dos processos produtivos requerem um grau de instrução mais elevado.

CAPÍTULO 3: A ATUAL CONFIGURAÇÃO ESPACIAL E PRODUTIVA DO SISTEMA INDUSTRIAL LOCALIZADO DE CALÇADOS EM CAMPINA GRANDE (2020)

No entanto, a pequena indústria não morreu. Se a grande indústria reserva-se a produção do artigo corrente, de venda segura, ela deixa de bom grado a seu humilde rival a nova invenção. Ao lado da indústria sistemática, a indústria nascente e a indústria disseminada respondem às necessidades e não temem a concentração do capital que desdenha delas (RECLUS, O homem e a terra, 1905).

3.1 Considerações acerca do conceito de Sistema Industrial Localizado

O subsetor calçadista em Campina Grande, possui grande importância na economia urbana do município. Alguns autores buscaram analisá-lo a partir do conceito de Arranjo Produtivo Local como SANTOS e CÂNDIDO (2013); AQUINO e PINHEIRO (2006); LEMOS (2003); SANTOS (2009); ANDRADE (2011), entre outros. Podemos dizer que, em geral, as conclusões desses autores culminaram em propostas de intervenção e planejamento, orientadas para o rearranjo das relações entre os atores locais, com ênfase no papel do Estado como promotor de condições político-institucionais (um ambiente adequado) em um enfoque da “economia política do lugar e não do território” (HARVEY, 2005, p.173).

Nossa análise parte de dois pressupostos antagônicos a esse posicionamento. Em primeiro lugar, não entendemos que o subsetor calçadista de Campina Grande se configure enquanto um Arranjo Produtivo Local⁴⁵, como exporemos a seguir. Em segundo lugar, as condições econômicas existentes em Campina Grande e sua região estão em grande medida subordinadas as condições políticas e históricas do próprio território brasileiro, ou seja, as determinações do capitalismo dependente brasileiro e seus

⁴⁵Podemos conceituar um Arranjo Produtivo local, como “aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais” focados em uma atividade econômica específica, que “apresentam vínculos mesmo que incipientes” (CASSIOLATO; LASTRES, 2003, p.5). A constituição desses arranjos está ligada também a instituições de pesquisa, ensino, que contribuem para a coesão e o desenvolvimento desse mesmo. Em nossa pesquisa utilizaremos essa noção para facilitar a compreensão, visto que boa parte das pesquisas sobre as MPES (Médias e pequenas empresas) calçadistas, partem desse conceito.

desdobramentos na região Nordeste. Desse modo não compactuamos do pensamento otimista em relação a reorientação da produção nos termos propostos por vários autores que advogam pelo desenvolvimento local ou “endógeno”, independente de mudanças nacionais e globais. Apenas a criação de um ambiente institucional adequado não basta para promover o desenvolvimento econômico de determinado setor em uma cidade como Campina Grande.

Portanto, buscaremos nesse capítulo desenvolver uma análise que considere as relações de produção do subsetor calçadista e sua espacialização, procurando encontrar as relações entre o desenvolvimento local desse subsetor dentro dos marcos do desenvolvimento desigual (SMITH, 1988) do território brasileiro. Nesse sentido, optaremos por trabalhar com o conceito de Sistemas Industriais Localizados, enquanto uma definição mais próxima da realidade que se apresenta em Campina Grande, situando os novos marcos do regime de acumulação flexível⁴⁶, e da flexibilização dos modelos produtivos como mecanismos determinantes no desenvolvimento industrial e espacial de Campina Grande.

Nesse sentido, o subsetor calçadista em Campina Grande, pode ser entendido como um conjunto de empresas, com diferentes graus de investimentos e modelos produtivos, que coexistem produzindo um sistema de coordenação dos interesses desses capitalistas e atores políticos, portanto, um Sistema Industrial Localizado- SIL-. Para José Reis, esse sistema seria definido enquanto um adensamento espacial com capacidades produtivas relevantes, em que sua configuração estaria intimamente atrelada à vida local, (REIS, 2004), como é o caso de boa parte das empresas calçadistas de Campina Grande.

Podemos observar que a configuração desse subsetor em Campina Grande, se dá a partir da aglomeração de várias empresas em espaços organizados de maneira mais ou menos eficientes, em função da reprodução desses capitais. Nesses termos, o adensamento produtivo funciona como coordenador de interesses individuais, das relações salariais e inovações sociais, compensando à ausência de uma coordenação coletiva (REIS, 2004).

No entanto, observamos tensões entre os diferentes interesses dos diferentes capitais desse subsetor em Campina Grande. Apesar de alguns órgãos e instituições

⁴⁶ O regime de acumulação flexível é definido pelo confronto com a rigidez do regime de acumulação fordista. Em primeiro lugar esse processo se apoia na “flexibilidade dos processos de trabalho, dos produtos e padrões de consumo” (HARVEY, 1996, p.140), ou seja, carrega consigo, uma nova ideologia e um novo modo de vida.

funcionarem como agentes coordenadores do sistema produtivo, há pouca cooperação entre os pequenos capitalistas e entre esses com relação as grandes empresas, com relação, em especial, aos processos de inovação. Assim sendo, observamos que, diferente dos Arranjos Produtivos Locais, um Sistema Localizado Industrial pode vir a dispensar a “convergência em termos de desenvolvimento”, com a convergência entre todos os atores envolvidos, em detrimento apenas do proveito das condições de produção existentes, dispensando as vantagens das estratégias coletivas (SAMPAIO; PEREIRA JÚNIOR, 2019, p.5), assim como ocorre no subsetor calçadista de Campina Grande.

Como não há necessariamente convergência, o desenvolvimento desses sistemas industriais se estrutura a partir do padrão de acumulação local. Isso confere, uma amplitude ao conceito, pois, a constituição dos diferentes sistemas industriais localizados é atribuída ao processo de industrialização difusa e um desenvolvimento intermédio, do ponto de vista das relações de produção hegemônicas, sobretudo, de espaços não-metropolitanos (REIS, 2004).

Como já apresentamos anteriormente, Campina Grande é um município com 400 mil habitantes, com população urbana de 367.209 habitantes, representando 95,32 % do total, correspondendo a uma cidade do ponto de vista populacional, consideravelmente aglomerada e uma forma urbana contígua. As pequenas distâncias entre qualquer ponto da cidade apresentam um mercado urbano espacialmente interessante para as empresas capitalistas, sobretudo, industriais. Com isso, boa parte das unidades industriais estão espalhadas e o desenvolvimento industrial é relativamente difuso, com a ausência de indústrias motrizes, ou seja, de uma cadeia de produção que envolva uma série de outras indústrias, próprio aos espaços não-metropolitanos.

Dado a configuração espacial das indústrias, buscamos entender a especificidade da configuração industrial, especialmente do subsetor calçadista, em Campina Grande, a partir de alguns elementos explicativos e constitutivos dessa totalidade: 1) as condições gerais de produção em que se insere essa SIL calçadista; 2) nas formas de representação coletiva (se há cooperação, competição, ou disjunção entre os agentes) dessa SIL e, por fim, 3) nos nexos entre o padrão de acumulação local com as demais escalas da acumulação de capital.

Assim sendo, esse sistema produtivo localizado, tal como se apresenta em Campina Grande com a produção de calçados, está condicionado à maneira como os diferentes capitais utilizam-se das condições gerais de produção locais e, ao mesmo

tempo, criam nexos com mercados mais ou menos amplos e com as transformações no sistema produtivo.

3.1.1 A Conjunção entre o planejamento para o grande e o pequeno capital calçadista

A crise do modelo de organização e produção fordista, teve rebatimentos nas políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento local, em Campina Grande, que se embasaram nas teorias que consideravam os fatores endógenos para o desenvolvimento local. Logo, o planejamento urbano e industrial da cidade desde os anos 1990, mas principalmente a partir dos anos 2000, foi em certo grau influenciada pelo ideário neoliberal do desenvolvimento setorizado e da “competição interurbana” (HARVEY, 2005), ou da chamada “guerra dos lugares” (SANTOS, 1997).

O enfoque que antes era dado apenas a atração de grandes empresas, passou também a ser calcado no fomento e apoio ao pequeno capital, tendo como “carro chefe”, o ramo calçadista. Essa transformação guarda relações com a reorientação do planejamento territorial na região do Nordeste, que passa a pautar as condições de estruturação produtiva, financeira e comercial ao pequeno capital, (PEREIRA JÚNIOR, 2013, p.273⁴⁷). Nesse sentido, o planejamento estatal da Paraíba se adequa a essa nova lógica, com desdobramentos importantes no subsetor calçadista do estado, mas principalmente em Campina Grande.

Entre os anos 1995 e 2002, durante a gestão do governador José Maranhão (PMDB) instituiu-se no estado da Paraíba aquilo que foi chamado na época de “industrialização descentralizada” no estado. Abandonando um planejamento voltado para o desenvolvimento de polos industriais, localizados nos dois centros urbanos do estado (Campina Grande e João Pessoa), inicia-se uma política de incentivos a investimentos nos municípios de médias e pequenas populações.

Na prática, esse novo planejamento territorial priorizava a atração de novos investimentos, mas principalmente, a adequação das instituições, financiamentos e regras a nova concepção de produção de algumas empresas. Instituições como a CINEP (Companhia do Desenvolvimento da Paraíba) e os fundos, como o FAIN- Fundo de Apoio à industrialização da Paraíba e seus benefícios fiscais e o FUNDESP-Fundo de Industrialização do Estado da Paraíba — voltado ao financiamento para investimentos

⁴⁷ O autor se refere ao Estado do Ceará, contudo, como já demonstramos no Capítulo 2, esse processo também ocorre no Estado da Paraíba.

em capital fixo e de giro —, participaram nessa reformulação da política industrial do Estado. Aliado a isso, temos a consolidação dos processos de aprendizagem por instituições como o SENAI, que permitiram entre outras coisas o aumento da disciplina dos trabalhadores⁴⁸. Isso permitiu, tanto a expansão da produção de algumas empresas já consolidadas em Campina Grande, como era o caso da Alpargatas⁴⁹ e, ao mesmo tempo, a atração de novas empresas como a Coteminas S.A e a TESS, quanto a relativa expansão do pequeno capital, sobretudo, do ramo calçadista.

No governo subsequente (de 2003 a 2009) com Cássio Cunha Lima (PSDB), algumas políticas para o apoio das pequenas e microempresas calçadistas são efetivadas a partir de medidas como o Decreto nº 25.390 de 13/10/2004. Com esse decreto, passa a ser dispensado o tratamento tributário às indústrias de calçados, artigos de couro e similares, especialmente, aquelas que desempenhavam suas atividades em bases artesanais e com maquinários “rudimentares”. A intervenção do Estado voltava-se para criar as condições institucionais que propiciassem o desenvolvimento das atividades de pequeno capital, mas sem outros benefícios financiamento propriamente dito.

Desse modo, a possibilidade de estruturação setor calçadista fundava-se, especialmente em Campina Grande, tanto no fomento às empresas em bases fordistas, com a continuidade da política de atração e de apoio a permanência das grandes empresas calçadistas, quanto a tentativa de estruturação do que era considerado uma APL calçadista, com o incentivo indireto à expansão e apoio as pequenas empresas calçadistas, como demonstramos nos parágrafos anteriores, mas principalmente no capítulo 2.

Assim sendo, acreditava-se, assim como em outros Estados como o Ceará, que a eficiência do pequeno capital em um arranjo produtivo local, dependeria do trabalho artesanal autônomo e qualificado, do trabalho domiciliar e da integração entre processos produtivos e da cooperação entre as diferentes empresas (PEREIRA JÚNIOR, 2013, p.274), ou seja, não apenas a base material havia mudado com o novo padrão de acumulação local, como também a base imaterial de valores signos e do papel do Estado.

Nesse sentido, face ao crescente apoio oferecido as pequenas empresas, por meio das diferentes instituições de fomento, isenções fiscais e, sobretudo, ao novo processo

⁴⁸ Para entender melhor o papel de “adestramento” da mão de obra a partir do “Sistema S” veja FONTES (2010, p.222), esse sistema conta com: O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac).

⁴⁹ A Empresa passou a desconcentrar a sua produção para outros municípios do estado, em um processo de “terceirização interna”, se instalando no início dos anos 2000 em municípios como Esperança, Itabaiana, Pocinhos, e posteriormente em municípios como Mogeiro, Ingá, Serra Redonda, Guarabira e Araruna.

flexibilização do trabalho, ocorrem em Campina Grande, — onde já havia se constituído um SIL calçadista, desde os anos 1970 —, algumas transformações espaciais e produtivas essenciais para entendermos sua configuração atual. Observamos a consolidação do “aglomerado produtivo” (PEREIRA JÚNIOR, 2013, p. 234), (RICHARDSON, 1978, p. 3), na região leste da cidade de Campina Grande — que aqui chamamos de Aglomerado Industrial Calçadista Leste — e, posteriormente, por meio de uma intervenção estatal, a Pequena Zona Industrial de Calçados Oeste⁵⁰, localizada no bairro Bodocongó, compreendendo também parte do bairro Serrotão.

Desse modo, é importante, analisar a importância do apoio do Estado dentro dos marcos do planejamento setorializado, pautado na economia política do lugar, como um fator de reestruturação do SIL calçadista campinense e o processo de rearticulação entre as variadas instituições, órgãos e entidades de apoio a essa atividade⁵¹. Contudo, O SIL calçadista de Campina Grande se funda em um conjunto de interações espaciais⁵² heterogêneas, complementares ou até mesmo contraditórias. Ao analisarmos o sistema industrial localizado na cidade de Campina Grande, observamos a convivência de diferentes configurações produtivas e espaciais, com suas respectivas interações espaciais, determinadas pela aglomeração de diferentes empresas com processos produtivos similares, em espaços específicos. Essas aglomerações correspondem ao mesmo tempo na aglomeração de empresas com composições orgânicas de capitais, relações de trabalho e relações com o Estado diferentes e compõem dois subsistemas produtivos distintos.

⁵⁰ Utilizamos Pequena Zona Industrial de Calçados Oeste ao invés do nome oficial de “Polo calçadista Raimundo Souto, por entendermos que um polo tem relação com um recorte espacial mais amplo e envolve a existência de um complexo industrial, liderado por uma ou mais indústrias motrizes. É condicionado também a uma forte aglomeração de empresas em torno de uma região em função de uma relação insumo-produto. (SOUZA, 2005, p.88). Trata-se de uma zona industrial, dado sua criação a partir de um planejamento estatal mais ligado ao zoneamento urbano.

⁵¹ Ver capítulo 2.

⁵² Segundo CORRÊA (2016, p.132) “As interações espaciais constituem os meios pelos quais as formas espaciais articulam-se entre si, realizando as funções que os processos espaciais lhes atribuíram (...) As interações espaciais criam também sua própria forma espacial.”

3.1.2 Dois subsistemas produtivos: o grande e o pequeno Capital e as implicações geográficas na rotação do capital.

A estruturação espacial do subsetor calçadista em Campina Grande, está atrelada a forma como o capital orchestra no e a partir do espaço, os diferentes estratos de capital nessa mesma cidade. Diferentes modelos produtivos podem coexistir em uma mesma estrutura urbana, mesmo que representando processos produtivos diversos e distintas formas de acesso a força de trabalho e ao mercado consumidor. O Estado tem desempenhado um papel mediador e, ao mesmo tempo, ativo na produção do espaço produtivo, ao mesmo tempo que organiza o espaço de maneira mais ou menos eficiente a depender dos modelos produtivos de cada aglomerado, ou empresa individual.

O desenvolvimento das relações capitalistas de produção em Campina Grande, permitiram a organização paralela, complementar e concorrente de diferentes estratos de capitais no ramo calçadista. Nesse contexto, verifica-se que o pequeno capital se desenvolveu tanto a partir da influência das condições anteriores a instalação do grande capital calçadista, quanto se transformou a partir da inserção desse mesmo capital na cidade.

Esse processo foi responsável por um desenvolvimento socioespacial particular do Sistema Industrial Localizado em Campina Grande, que atualmente apresenta diferenças internas, sobretudo, no que tange ao seu padrão de acumulação local e de organização do espaço produtivo, coordenados pelo desenvolvimento concomitante dos dois modelos produtivos principais e relativamente independentes. Podemos distinguir esses modelos produtivos como: primeiro, um modelo de produção fordista, verticalizado, que internaliza processos de produção flexíveis, pautado nas inovações tecnológicas e no controle tecnológico da força de trabalho, comandado por duas grandes empresas, a Alpargatas S.A e a TESS. Segundo, um modelo de produção patriarcal⁵³ e ao mesmo tempo autônoma, pautado em bases semiartesaniais e trabalho domiciliar, mas também com um alto grau de flexibilidade, ligado às médias, pequenas e microempresas e a terceirização, onde a produção é em suma, subordinada a demanda.

O primeiro apresentando uma maior concentração por unidades produtivas de capitais e intensidade tecnológica e de inovação, o segundo com uma intensidade desses elementos bastante reduzida. Essa configuração espacial produtiva reflete justamente os

⁵³ Tipo de produção das pequenas firmas familiares (exploradoras), com fortes relações de parentesco e uma política da produção paroquial (HARVEY, 1996, p.147).

mecanismos atuais com que a força de trabalho é apropriada no regime de acumulação flexível, onde:

Em condições de acumulação flexível, parece que sistemas de trabalho alternativos podem existir lado a lado, no mesmo espaço, de uma maneira que permita que os empreendedores capitalistas escolham à vontade entre eles (HARVEY, 1996, p.175).

Desse modo, a coexistência desses dois modelos produtivos em um mesmo espaço, não representa uma contradição em si, pelo contrário, os mesmos possuem um ponto comum essencial, que diz respeito a forma como a flexibilização, a necessidade de inovar e o “empreendedorismo” (HARVEY, 1996), tem adentrado todas as organizações produtivas e no ideário da classe trabalhadora respectiva a cada uma dessas aglomerações e tipos de empresas. Isto implica dizer que o desenvolvimento do subsetor calçadista de Campina Grande, toma expressões internas diferentes nos marcos do regime de acumulação flexível. Disso decorre, um processo de reestruturação produtiva, em que ambos os modelos existentes nesse SIL, mantêm de maneira renovada algumas relações do fordismo periférico.

Portanto, o sistema produtivo calçadista de Campina Grande, não implica na substituição dos modelos produtivos anteriores e nem na diminuição da exploração da força de trabalho mas sim, na coexistência de formas mais ou menos independentes, mas não antagônicas. Podemos buscar uma explicação para isso, ao considerarmos uma das teses levantadas por Harvey, de que a crise do fordismo se deu por uma crise na sua forma espacial e temporal, ou seja, na sua rigidez espacial e na necessidade de aumento no tempo de giro do capital (HARVEY, 1996, p.184). Ocorre uma reestruturação e adaptação do modelo fordista das empresas Alpargatas e TESS as novas condições espaço-temporais existentes em Campina Grande, nesse caso, totalmente ligados as diminuições nos custos com o capital circulante, sobretudo os salários e tributos.

Nesse sentido, a necessidade de diminuição no tempo de giro do capital se apresenta enquanto um fator determinante no processo de produção dos dois subsistemas industriais calçadistas existentes em Campina Grande. Para Marx, o tempo de rotação, ou de giro, do capital, é resultante do tempo de circulação e de produção (MARX, 2014, p. 261), ou seja, desde o emprego do capital em meios de produção, até a produção, circulação e consumo das mercadorias, e mesmo a transformação do capital mercadoria

em capital dinheiro. Os capitalistas vão procurar, de várias formas, diminuir o tempo de circulação visando a acumulação ampliada do capital.

Portanto, precisam vencer as barreiras espaciais e temporais, para acelerarem a rotação dos capitais, o que torna imprescindível uma organização do espaço específica ao movimento espacial desse capital (HARVEY, 1996, p.209), entretanto, as barreiras existentes para os pequenos produtores não são as mesmas encontradas pela Alpargatas e TESS, como iremos demonstrar no Item 3.2. Obviamente o tempo de giro do capital, pode ser aumentado com a inovação técnica, a compra de maquinário, ou aceleração e intensificação dos processos de trabalho, de modo que permita a aceleração do tempo de giro do capital. Contudo, uma “organização do espaço eficiente” (HARVEY, 1996), é um fator, muitas vezes tão importante quanto aqueles ligados a produção propriamente dita. Como iremos observar, a proximidade ao mercado consumidor e aos fornecedores de insumos, propicia condições favoráveis para o aumento da taxa de lucro, principalmente das empresas de pequeno capital no subsetor de calçados de Campina Grande, uma vez que, por esse pequeno capital não conseguir “aniquilar o espaço pelo tempo” (HARVEY, 2005), tende a tentar aniquilar o tempo pelo espaço.

Assim sendo, é importante investigar de que modo esses diferentes subsistemas coexistem em um mesmo espaço considerando a produção, a circulação e o consumo na escala urbana como expressões correlatas da centralização do capital produtivo (SMITH, 1988, p.197). Ou seja, é a partir dessa escala e desse processo, que podemos observar a diferenciação do espaço em função da reprodução dos diferentes estratos de capitais desse subsetor. Por esse motivo, nos deteremos a observar a seguir os padrões espaciais dos diferentes ramos produtivos desse e a sua dinâmica e interação espacial.

3.2 As diferentes atividades do subsetor e suas correspondentes rotações e composições orgânicas de capitais

Como já apresentamos anteriormente, podemos verificar a existência de dois conjuntos de capitais nesse subsetor que se aproveitam de forma diferenciada da estrutura de transportes e de comunicação. O primeiro conjunto é conformado pelas empresas de grandes capitais: A TESS e principalmente a Alpargatas e o segundo o das pequenas empresas, em suma o capital local constituído por empresários de médias, pequenas e principalmente microempresas. Um ponto que distingue as taxas de lucro dessas empresas é a rotação de capital, principalmente, o seu aspecto ligado ao tempo de venda. Segundo

Marx, a distância entre o mercado e o local onde a mercadoria é vendida, incorre sempre como uma causa importante no tempo de venda, que por sua vez, também determina a velocidade de reconversão do dinheiro em capital produtivo. Para ele, em outras palavras, mesmo os avanços técnicos do ponto de vista dos transportes e da comunicação, não anulam essa barreira espacial (MARX, 2014, p.380, 383).

Nesse contexto, observamos a presença de empresas, com a estrutura produtiva pautada no baixo valor de seus produtos por unidade, dependentes de uma demanda local⁵⁴ e da facilidade de acesso à alguns mercados regionais, que por essa razão se instalam em Campina Grande. Esses fatores permitem uma rotação rápida de capital, compensando alguns custos de alocação e a baixa lucratividade por unidade produzida. Esses custos de alocação, dentre essas empresas não hegemônicas, ao que parece, são maiores para aquelas que buscaram se instalar na Pequena Zona Industrial calçadista do Bodocongó e aquelas Médias e Pequenas empresas instaladas na Zona Sul, próximas a Zona Industrial principal (Bairro Distrito Industrial).

Por outro lado, os próprios progressos técnicos deram condições de algumas empresas como a TESS e principalmente a Alpargatas atenderem a mercados cada vez mais distantes como é o global. O tempo relativo das operações dessas empresas é maior, em função do aumento no volume dos contratos e da escala da produção, repercutindo na própria esfera da produção⁵⁵. Desse modo, observemos a seguir alguns elementos que podem nos indicar a dinâmica da rotação do capital dessas empresas.

3.2.1 As empresas de fabricação de calçados sintéticos

Nesse grupo de empresas, de modo geral, compreende-se a fabricação de calçados de material de plástico. Podemos destacar, dentre as empresas localizadas em Campina Grande os principais produtos: calçados infantis, “Chinelos de EVA”, sapatilhas de material plástico.

A produção de 8 das 16 (50%) empresas, é destinada aos consumidores do território paraibano. Por sua vez, as vendas realizadas desses produtos para a região

⁵⁴ Esse tipo de empresa, “pela natureza de seu produto, orientam-se principalmente ao mercado local (...), desenvolvem-se em sua máxima dimensão em grandes centros populacionais.” Nesse sentido, “A rotação mais rápida do capital compensa aqui, em parte, o encarecimento de muitas condições da produção, dos terrenos onde se erguem as fábricas etc.” (MARX, 2014, p.382).

⁵⁵ Para entender melhor a relação entre o aumento da produção e o tempo de venda ver (MARX, 2014, p.383) sobre a relação entre o aumento no número de operações e as repercussões no tempo de circulação ver (MARX, 2014, p.384-5).

Nordeste, é feita por 6 empresas, ou seja, 37,5%. Apenas 2 empresas vendem seus produtos para todo o território brasileiro, ou seja, 12,5 % desse conjunto. Também chama a atenção para o fato de nenhuma empresa ter Campina Grande como mercado consumidor principal, o que não quer dizer que não vendam para o mercado local (TABELA 7).

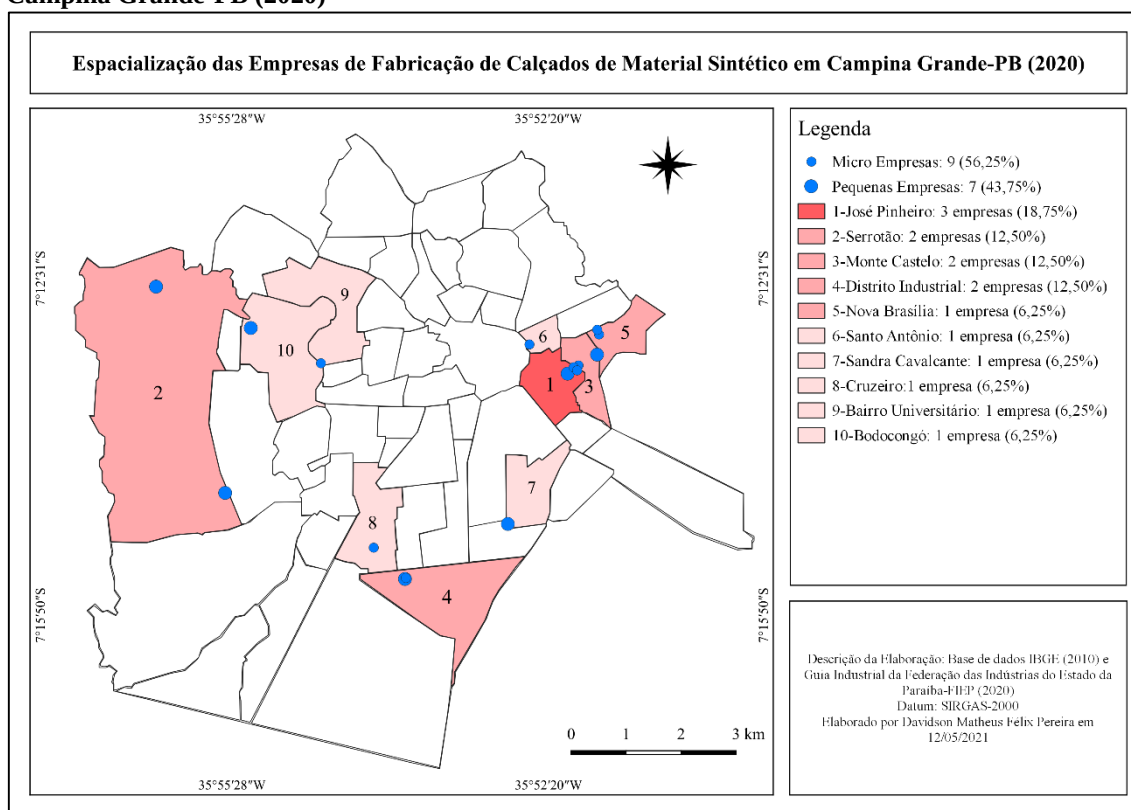
TABELA 7: Destino da Produção das empresas de fabricação de calçados sintéticos por número de empresas (2020)

	Destino da produção									
	Outras localidades no Brasil		Nordeste		Paraíba		Campina Grande		Total	
	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%
Número de Empresas	2	12,50	6	37,50	8	50,0	0	0	16	100

Fonte: Elaboração própria a partir de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro>
Acessado entre março e maio de 2020.

A estrutura dos investimentos desse subgrupo do subsetor calçadista é composta por empresas de baixa composição orgânica de capital. Das 16 empresas, 9 são micro porte (56,25%) e 7 empresas são de pequeno porte (43,75%), conforme pode ser observado no Mapa 3. Não foi encontrada a presença de nenhuma empresa de grande capital ou de médio porte desempenhando esse tipo de atividade.

MAPA 3: A Espacialização das Empresas de Fabricação de Calçados de Material Sintético⁵⁶ em Campina Grande-PB (2020)



Fonte: Elaboração própria a partir de base cartográfica do IBGE (2010) e de informações do Guia Industrial das Indústrias do Estado da Paraíba -FIEP (2020), in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro> Acessado entre março e maio de 2020.

A distribuição espacial das empresas que desempenham esse tipo específico de atividade é dada em maior parte na região leste da cidade, onde ocorre uma maior aglomeração das empresas, mas também, próximo a zona industrial principal da cidade de forma mais difusa e na região oeste de forma ainda mais difusa que nas anteriores. Um ponto importante sobre os efeitos do processo produtivo na espacialização dessas atividades, é o fato de provavelmente a produção de calçados sintéticos ser mais independente das outras atividades desse subsetor, dado que boa parte é feita a partir da transformação de plástico em sandálias, não apresentando muitos componentes por unidade.

O bairro que possui a maior concentração de empresas é o José Pinheiro, com 3 empresas instaladas (18,75%), seguido pelos demais bairros com a presença de 2 empresas cada, ou seja, 12,5%, são eles: Monte Castelo vizinho ao José Pinheiro, Serrotão

⁵⁶ Geralmente empresas de fabricação de calçados de material plástico (como sapatilhas, calçados infantis, etc.)

na zona Oeste e por fim, pelo bairro Distrito Industrial, na fração sul da cidade. Os demais bairros correspondem as 6 empresas restantes (37,5%), com a presença de apenas uma empresa (MAPA 3).

3.2.2 As empresas de fabricação de partes para calçados de qualquer material

Esse subconjunto do ramo calçadista campinense, corresponde a uma parte importante do sistema industrial localizado com apenas 9 empresas. A sua importância se dá pelo fornecimento de partes de calçados para outras empresas do ramo. Nesse subconjunto encontramos a produção de componentes de calçados como: componentes para sandálias do modelo rasteira, utilizando sobretudo, PVC, como é o caso de uma fábrica de componentes para calçados⁵⁷ e empresas de produção de solados, com base em poliuretanos, polímero termoplástico e etc. Boa parte dessa produção serve tanto à produção de tênis, quando de sandálias femininas de salto e de solado para tênis.

O destino das vendas de maior parte das empresas dessa subclasse é a Paraíba, considerando que 5 das 9 dessas, vendem seus produtos para esse mercado consumidor, o que significa 55,5% do total de empresas. Em segundo lugar, 3 das 9 empresas tem como destino principal dos seus produtos ao mercado consumidor local (Campina Grande), ou seja, 33,3%. Por fim, apenas uma das empresas tem como mercado consumidor principal o Nordeste, o que corresponde à 11,11%. Nenhuma dessas empresas abarca o mercado nacional (TABELA 8).

Nesse sentido, observasse que essa classe de atividades produtivas, em Campina Grande, atende principalmente o mercado paraibano, com destaque para a cidade de Campina Grande.

TABELA 8: Destino da Produção das empresas de Fabricação de Partes Para Calçados de Qualquer Material por Número de Empresas (2020)

	Destino da produção									
	Outras localidades no Brasil		Nordeste		Paraíba		Campina Grande		Total	
	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%
Número de Empresas	0	0,0	1	11,11	5	55,5	3	33,33	9	100

⁵⁷A produção dessa empresa localizada em Nova Brasília, é voltada principalmente para as fábricas de produção de calçados femininos localizados em grande parte no bairro José Pinheiro e Monte Castelo. Entrevista realizada por telefone em 12/05/2021.

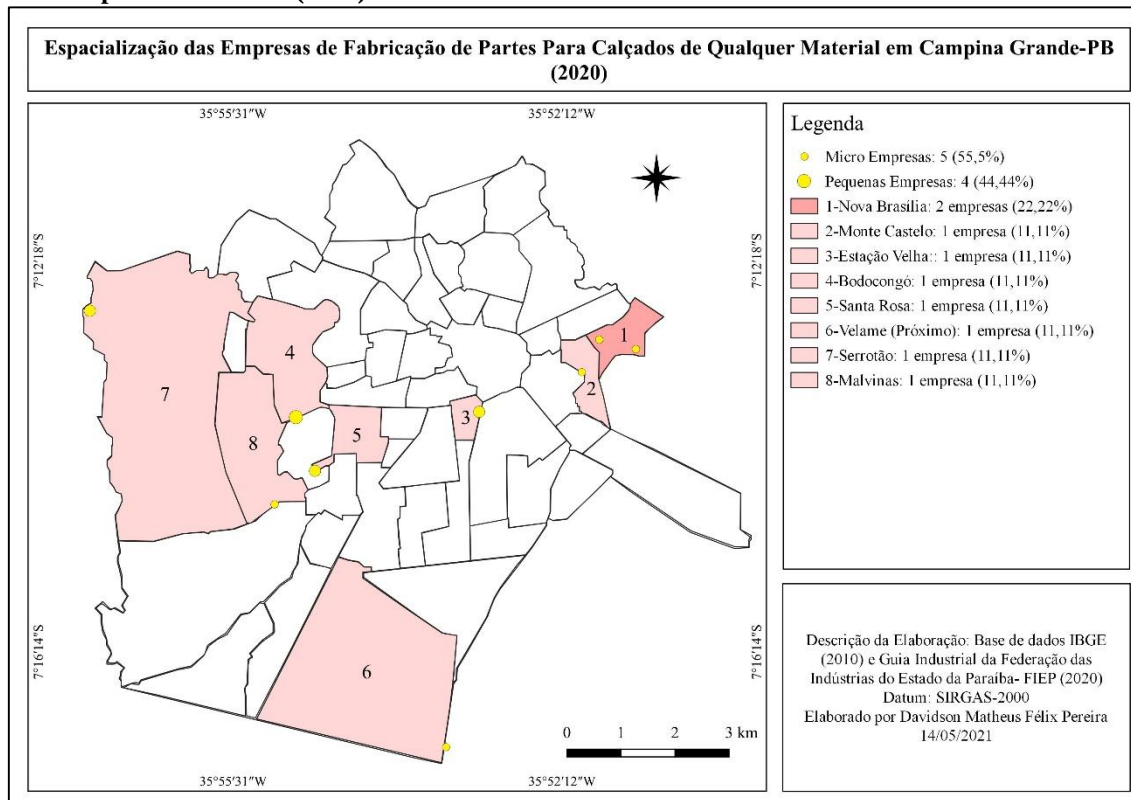
Fonte: Elaboração própria a partir de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro>
Acessado entre março e maio de 2020.

O grau de investimentos nesse sub-ramo produtivo é baixíssimo. Composto sobretudo por pequenos empresários em regimes de contrato autônomos, onde 5 empresas do total são de micro porte (55, 55%) e 4 delas de pequeno porte (44, 4%).

A distribuição dessas empresas no espaço urbano de Campina Grande se dá em um padrão espacial semelhante àquele das empresas de calçados sintéticos. Desse modo, apresenta-se uma aglomeração principalmente na Zona Leste da cidade e em menor grau na Zona Oeste.

Onde a maior concentração ocorre no Bairro de Nova Brasília, com 2 empresas (22,22% do total). O restante das empresas estão distribuídas de forma relativamente difusa, apresentando uma empresa por bairro (11,11% cada), a saber: Nova Brasília, Monte Castelo, Estação Velha, Bodocongó, Santa Rosa, Velame, Serrotão e Malvinas (MAPA 4).

MAPA 4: Espacialização das Empresas de Fabricação de Partes Para Calçados de Qualquer Material em Campina Grande-PB (2020)



Fonte: Elaboração própria a partir de base cartográfica do IBGE (2010) e de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba -FIEP (2020), in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro>

Acessado entre março e maio de 2020.

3.2.3 As empresas de fabricação de calçados de couro

As empresas de fabricação de calçados de couro representam o segundo compartimento mais importante do sistema industrial localizado de calçados em Campina Grande com 31 empresas. A produção é pautada principalmente em tênis, botas de segurança, chuteiras, sandálias rasteiras e de salto femininas, calçados infantis, sapatos entre outras, sendo todos de couro ou tendo o couro como componente principal.

A produção dessas empresas, está em grande medida, atrelada ao consumo do mercado regional e local. Para termos dimensão, 19 dessas empresas tem como mercado consumidor o estado da Paraíba com 62% de todas as empresas; 5 empresas destinam sua produção para a região Nordeste (17,5%); o mercado local é o principal destino da venda de 5 das empresas (17,5%); e apenas 2 empresas destinam sua produção para todo o Brasil, o que corresponde à apenas 3,44% do total (TABELA 9).

TABELA 9: Destino da Produção das empresas de Fabricação de Calçados de Couro por Número de Empresas (2020)

	Destino da produção									
	Outras localidades no Brasil		Nordeste		Paraíba		Campina Grande		Total	
	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%
Número de Empresas	2	3,44	5	17,25	19	62,0	5	17,25%	31	100

Fonte: Elaboração própria a partir de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro>
Acessado entre março e maio de 2020.

Nesse subconjunto de empresas calçadistas, encontramos uma estrutura distinta das anteriores, que diz respeito, a dois fatores: O primeiro, a um maior grau de investimentos, o segundo tem a ver com a presença de empresas que terceirizam sua produção, evidenciando o que já destacamos da diversidade de formas de organização quando apontamos ser um SIL

Uma dessas empresas é a Indústria de Calçados Hawai Master Ltda., estava instalada desde os anos 1994 no bairro José Pinheiro e transferiu sua produção para o Pólo calçadista Manoel Raimundo Souto, no Bodocongó, ou seja, para a pequena zona industrial calçadista do Bodocongó. A empresa em questão, possui uma produção padronizada e calcada no *Just in Time*, por outro lado, desde sua instalação no José

Pinheiro, terceiriza parte de sua produção - sapatilhas e sandálias femininas-, o que permite uma diversificação maior de sua cartela de produtos. Atualmente tem cerca de 60 trabalhadores no chão da fábrica⁵⁸ sendo considerada uma empresa de pequeno porte.

Nesse sentido, fica evidente que as deseconomias externas, também induzem a uma descentralização da produção (RICHARDSON, 1978, p.24) de algumas empresas desse subsetor. Em uma abordagem geral, podemos dizer que a ausência de condições gerais de produção para a reprodução de alguns capitais desse subsetor, induziu parte dos pequenos capitalistas a se deslocarem e a pressionarem o município e o estado a criarem as condições de produção adequadas, ou seja, a pequena zona industrial calçadista no bairro Bodocongó.

Ainda referente a espacialização dessas empresas, importa ressaltar a existência de 2 empresas de couro, uma de pequeno porte que destina sua produção para o sudeste e outra de médio porte, ambas estão localizadas na BR-104, próximas Zona Industrial Principal da Cidade, no bairro Liberdade. Fora do padrão de aglomeração das empresas no polo calçadista da cidade no Bodocongó.

No entanto, a produção dessa empresa, assim como praticamente de todo esse subsetor em Campina Grande, é pautada no “efeito imitação”, o que não quer dizer que não há inovação na linha de produção e na organização de trabalho. Por outro lado, as empresas de grande capital criam constantemente novas linhas de produto, o que significa a criação de novos desejos (HARVEY, 1996, p.103), e essas empresas de menor capital, acompanham as transformações no padrão da moda.

Outro aspecto importante acerca da terceirização, é o fato de que boa parte da produção das MPEs se comprou produtos pré-fabricados de empresas instaladas na cidade que produzem componentes de calçados.

Como dissemos anteriormente, nesse subsistema produtivo, encontramos um maior grau de composição orgânica de capital em algumas empresas, em comparação aos 2 subconjuntos mencionados anteriormente (calçados de plástico e partes de calçados). Contudo, há também a forte presença de empresas com baixíssimas composições orgânicas de capital, o que denota uma maior complexidade no tipo de investimentos e processos produtivos.

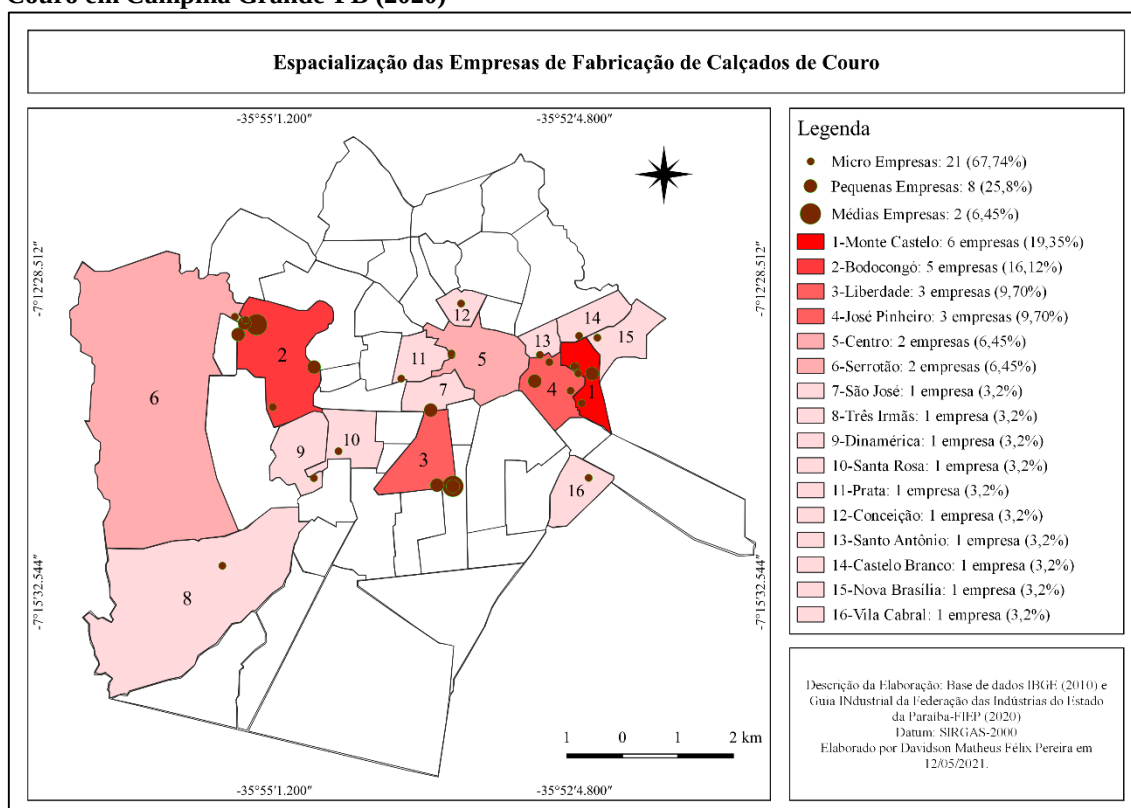
⁵⁸ CALÇADOS Hawai. Disponível em: https://www.calcadoshawai.com.br/our_story, Acessado em: 31/05/2021.

Esse subconjunto conta com 21 microempresas, o que corresponde à 67, 74% do total de empresas; seguido por 8 empresas de pequeno porte (25,8% do total) e 2 empresas de médio porte (6, 45%) das empresas desse subconjunto (MAPA 3). O menor quantitativo de empresas de pequeno porte e a maior presença de empresas de micro porte, pode indicar um maior nível de terceirização e subcontratação, nesse subconjunto, além do mais, indica que a possibilidade de aglomeração é bem maior, dado a menor necessidade de consumo de espaço.

A organização espacial desse subconjunto, também possui um padrão relativamente parecido aos presentes nos dois subconjuntos analisados anteriormente. Verificamos a maior concentração espacial de estabelecimentos na Zona Leste da cidade e uma aglomeração importante na Zona Oeste. Além dessas aglomerações principais, encontramos também uma proximidade, apesar de mais difusa, na região central da cidade, se estendendo a parte Sul. Contudo, não observamos a presença de nenhuma empresa desse subconjunto na Zona Industrial Principal da cidade. Quanto à localização das médias empresas, uma delas localiza-se no bairro Bodocongó, no Pólo Calçadista Manoel Raimundo Souto (Pequena Zona Industrial Calçadista do Bodocongó).

As maiores concentrações de empresas estão situadas nos bairros Monte Castelo, com 6 empresas (19,35%), seguido pelo Bodocongó com 5 empresas (16,12%), Liberdade e José Pinheiro, respectivamente com 3 empresas (9,7%) e o Centro junto ao Serrotão com 2 empresas (6,45%) respectivamente. Por fim, os bairros que apresentam apenas uma empresa instalada são: São José, Três Irmãs, Dinamérica, Santa Rosa, Prata, Conceição Santo Antônio, Castelo Branco, Nova Brasília e Vila Cabral, como pode ser visto no Mapa 5.

MAPA 5 :Espacialização das Empresas de Fabricação de Calçados de Fabricação de Calçados de Couro em Campina Grande-PB (2020)



Fonte: Elaboração própria a partir de base cartográfica do IBGE (2010) e de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba -FIEP (2020), in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro> Acessado entre março e maio de 2020.

3.2.4 As empresas de fabricação de calçados de materiais diversos⁵⁹

Esse subconjunto das empresas calçadistas é o mais relevante do ponto de vista do montante da produção. Contabiliza 31 empresas no total, a mesma quantidade do compartimento de empresas de produção de calçados de couro. Nessa classe de atividades, compreende-se a produção de calçados de madeira, tecidos e fibras, e calçados de borracha e de outros materiais para segurança pessoal e profissional⁶⁰.

Nessa classe de empresas, encontramos microempresas que produzem uma grande variedade de produtos: tênis, sapatênis e chuteiras de réplicas de marcas famosas, utilizando materiais de borracha, fibra entre outros. Outras empresas importantes,

⁵⁹De acordo com a CNAE 2.0 essa classe de atividades é definida enquanto Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente. IBGE. **Comissão Nacional de Classificação**. 2021. Consultado em <https://concla.ibge.gov.br/busca-online-cnae.html?view=classe&tipo=cnae&versao=6&classe=15394> Acessado em 14/06/2021.

⁶⁰ IBGE. **Comissão Nacional de Classificação**. 2021. Consultado em <https://concla.ibge.gov.br/busca-online-cnae.html?view=classe&tipo=cnae&versao=6&classe=15394> Acessado em 01/06/2021

produzem sandálias femininas rasteiras de borracha, modelos “Scarpin”, sapatilhas, todas de material predominantemente de borracha. Outra linha de produto é a produção de “chinelos” de borracha e Chinelos personalizados.

A Paraíba é o mercado consumidor da maior parte das empresas dessa subclasse, 17 das 31 empresas, vendem principalmente para o território paraibano como um todo e correspondem à 54,83% do total de empresas. O Nordeste é o segundo maior mercado consumidor dessa subclasse, contando com 7 empresas que declaram tê-lo como principal destino das vendas, ou seja, 22,58% das empresas. O destino das vendas de 5 (16,12%) empresas é direcionado à várias localidades brasileiras. Uma das empresas declara vender principalmente para o município de Campina Grande (3,22%) e uma empresa (3,22%) não informou o destino de suas vendas (Tabela 10).

TABELA 10: Destino da Produção das empresas de Fabricação de Calçados de Qualquer Material não Especificado Anteriormente por número de empresas (2020)

	Destino da produção											
	Outras localidades no Brasil		Nordeste		Paraíba		Campina Grande		Não Informado		Total	
	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%
Número de Empresas	5	16,12	7	22,58	17	54,83	1	3,22	1	3,22	31	100

Fonte: Elaboração própria a partir de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro>
Acessado entre março e maio de 2020.

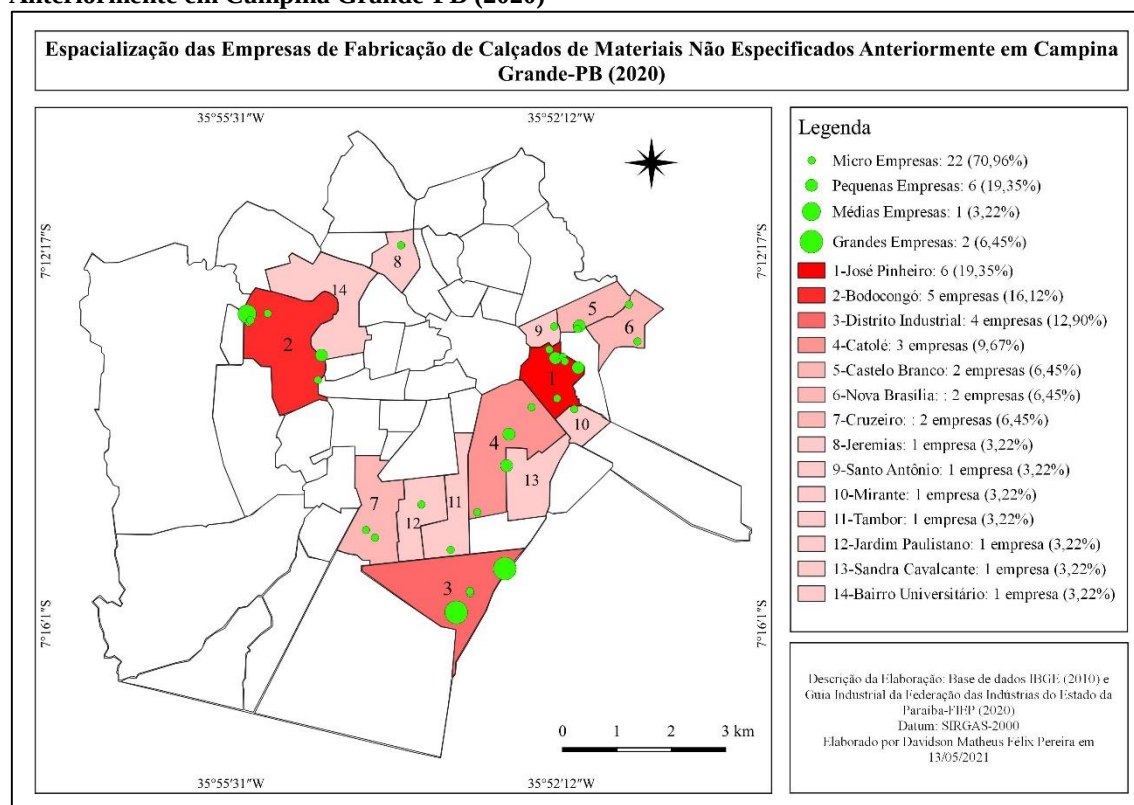
Percebe-se que o mercado consumidor principal de boa parte das empresas é o local e regional. No entanto, a análise desses dados não corresponde ao montante da produção dessa classe, visto que o total de calçados produzidos por essa subclasse é quase que totalmente feito por 2 empresas, que por sua vez destinam sua produção para outras localidades no Brasil, e uma delas, destina uma parte importante para exportação, como será explicitado no Item 3.3.

Desse modo, a própria estrutura produtiva (as diferentes rotações e composições orgânicas de capital nessa classe) demonstra uma diferença importante entre empresas com grande capital e as do pequeno capital. Portanto, encontramos nesse subconjunto do subsetor calçadista, micro, pequenas, médias e grandes empresas, distribuídas entre: 22 empresas de micro porte, 6 empresas de pequeno porte, 1 empresa de médio porte e 2 empresas de grande porte, correspondendo respectivamente à 70,96%, 19,35%, 3,22% e 6,45% do total de empresas.

Sendo assim, essa subclasse de empresas é a única do subsetor que apresenta empresas de grande porte no município. Por outro lado, é também a que mais possui microempresas, demonstrando uma grande heterogeneidade do ponto de vista da composição orgânica de capitais.

A organização espacial dessas empresas guarda relações com os diferentes estratos do capital. Além disso, também se dá a partir de um alto grau de aglomeração. Observamos que as maiores concentrações dessa classe, se dão nos bairros: José Pinheiro, com 6 empresas (19,35%), Bodocongó com 5 (16,12%), Distrito Industrial com 4 empresas (12,9%) e Catolé com 3 empresas (9,67%). Os bairros com uma média taxa de concentração são: Castelo Branco, Nova Brasília e Cruzeiro, que comportam 2 empresas cada e correspondem cada um à 6,45% das empresas da cidade. Por fim existem 7 bairros que possuem uma baixa concentração de empresas, comportam apenas uma empresa, que são: Jeremias, Santo Antônio, Mirante, Tambor, Jardim Paulistano, Sandra Cavalcante e Bairro Universitário, cada um contendo 3,22% do total de empresas na cidade como pode ser visto abaixo no Mapa 6.

MAPA 6: Espacialização das Empresas de Fabricação de Calçados de Materiais Não Especificados Anteriormente em Campina Grande-PB (2020)



Fonte: Elaboração própria a partir de base cartográfica do IBGE (2010) e de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba -FIEP (2020), in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder=>

[cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro.](#) Acessado entre março e maio de 2020.

Podemos perceber alguns padrões espaciais na organização dos capitais desse subconjunto de empresas. Em primeiro lugar, tem-se uma forte aglomeração no bairro José Pinheiro, mas que se conecta com empresas localizadas no Santo Antônio, Vila Cabral e Catolé e em menor grau com os bairros Castelo Branco e Nova Brasília. Outras empresas principalmente de micro porte, se distribuem próximas ao Distrito Industrial como as empresas dos bairros Cruzeiro, Jardim Paulistano, Tambor e a parte sul do Catolé, provavelmente, aproveitando-se da proximidade com a BR-104, esse aspecto será discutido melhor no subitem posterior. O terceiro padrão espacial a ser observado se dá na parte Oeste do bairro Bodocongó, com a presença de uma empresa de médio porte, bastante próximo a 3 empresas de micro porte. O último padrão é o mais distintivo, e diz respeito a concentração das empresas de grande capital, que se localizam no bairro Distrito Industrial da cidade, ou seja, na zona industrial principal da cidade, conforme já demonstrado no Mapa 6.

3.2.5 As empresas de fabricação de tênis de qualquer material

O pequeno quantitativo de empresas dessa classe merece apenas menção, existem 2 empresas que produzem esse tipo de produto. Uma das empresas é de microporte, localizada no bairro Pedregal e destina sua produção ao mercado nordestino, enquanto a outra empresa é de pequeno porte, localizada no bairro Bodocongó e tem como destino todo o estado da Paraíba, ambas empresas produzem chuteiras.

3.3 Configuração Produtiva do SIL: Rotação do Capital, Organização e Produção do Espaço Produtivo Calçadista

Analisando o subsetor calçadista de Campina Grande, observamos que em sua totalidade ele apresenta uma baixa composição orgânica de capital na maioria das pequenas, médias e microempresas. Por outro lado, há também, uma grande concentração de capital em apenas duas empresas.

As empresas apresentam, no geral, baixa composição orgânica de capital como já mencionamos no capítulo 2. Das 89 empresas desse ramo calçadista, 87 delas se enquadram nesse perfil de baixo investimento (MPEs), ou seja, 97,75% do total de

empresas do subsetor. Como também já discutimos, essas empresas apresentam uma baixa rotatividade de capital, mas um rápido tempo de curso das mercadorias, em função de sua proximidade com o mercado consumidor, como podemos observar analisando os dados do destino principal das vendas por empresa.

Do total dessas 87 empresas, 9 empresas tem como destino principal o próprio município de Campina Grande, isto é, 10,33% do total de empresas. Em seguida, apresentam-se as empresas que destinam sua produção principalmente para o território paraibano, contabilizando 50 empresas, que representam mais da metade das empresas, ou seja, 57,47% de todas as empresas de pequeno capital. A seguir, temos as empresas que possuem como mercado consumidor principal a região Nordeste, contabilizando 20 empresas que representam 22,98% do total de empresas de pequeno capital. Por fim, as empresas que destinam suas vendas principalmente para o território brasileiro somam um total de 7 e representam apenas 8,04% do total de todas essas empresas não hegemônicas (Tabela 11).

TABELA 11: Destino Principal das Vendas das Médias, Pequenas e Micro Empresas de Calçados

	Destino Principal											
	Outras localidades no Brasil		Nordeste		Paraíba		Campina Grande		Não Inf.		Total	
	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%	N.A	%
Micro	3	3,44	14	16,09	33	37,93	7	8,04	1	1,14	58	100
Pequena	3	3,44	5	5,74	16	18,39	2	2,29	0	0,0	26	100
Média	1	1,14	1	1,14	1	1,14	0	0,0	0	0,0	3	100
Total	7	8,04	20	22,98	50	57,47	9	10,33	1	1,14	87	100

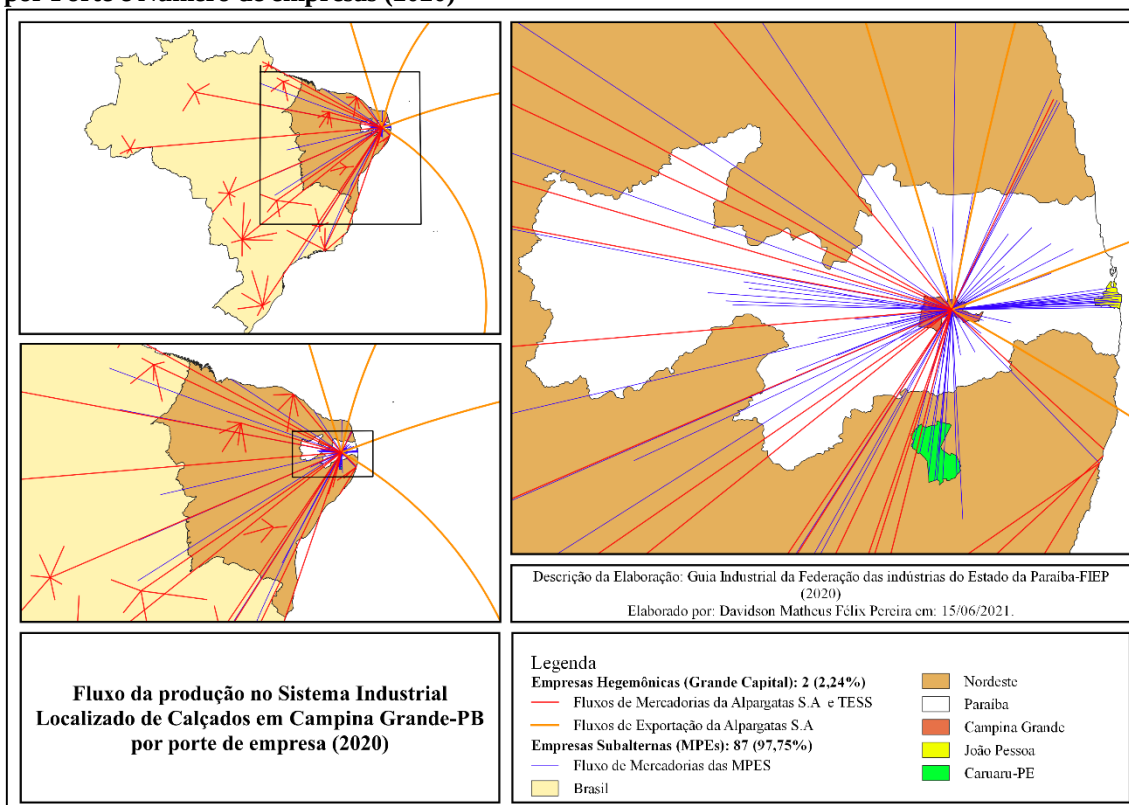
Fonte: Elaboração própria a partir de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro>
Acessado entre março e maio de 2020.

Desse modo, percebemos que o pequeno capital do subsetor calçadista tem um circuito de consumo relativamente restrito, o processo de reprodução de seus capitais é condicionado à venda de produtos sobretudo, de baixo valor agregado, com um tempo de venda bastante acelerado, dado as facilidades de acesso entre seu mercado consumidor e o local da produção. Analisando os dados em outros termos, temos uma outra dimensão dessa configuração produtiva: somando as empresas que vendem apenas para Campina Grande e aquelas que vendem para outros municípios do estado da Paraíba, observamos que essas correspondem à cerca de 67,8% do total de empresas. Ou seja, se considerarmos por exemplo, um dos mercados consumidores potenciais que é a capital João Pessoa,

perceberemos a proximidade entre o local da produção e de consumo, dado que o tempo de viagem médio de carro ou ônibus entre essa capital e Campina Grande é de 1 hora e meia.

Se agregarmos todas as empresas que destinam sua produção para a região Nordeste, incluindo as que destinam sua produção especificamente para Campina Grande e Paraíba, temos o quantitativo de 90,78% de empresas. Assim sendo, ao observarmos a distribuição espacial das vendas por empresa do Sistema Industrial Localizado, verificamos como o tempo de curso das vendas é bastante curto, em relação a quase totalidade das empresas desse ramo (Figura 1).

FIGURA 1: Espacialização dos Fluxos de vendas das Empresas calçadistas em Campina Grande-PB por Porte e Número de empresas (2020)⁶¹



Fonte: Elaboração própria a partir de base cartográfica do IBGE (2010) e de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba -FIEP (2020), in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro> Acessado entre março e maio de 2020.

⁶¹ Para a elaboração do cartograma definimos os fluxos das empresas subalternas, considerando cada seta como o fluxo de uma empresa individual (totalizando 87 fluxos), ou seja, cada linha representa a produção de uma empresa. Já para a definição das empresas hegemônicas, distribuímos os fluxos em função das principais capitais do Brasil, dado que a produção dessas empresas é muito maior, permitindo assim uma visualização mais próxima da realidade. Obs. duas empresas subalternas exportam, uma pequena e uma microempresa, optamos por não representá-las em função da baixa representatividade dessa produção.

A partir da análise dos dados e de entrevistas com alguns produtores locais, devemos considerar que boa parte da produção destinada a região Nordeste, tem como destino mais específico, em geral, cidades dos municípios de Pernambuco e Rio Grande do Norte. A cidade de Caruaru-PB⁶², por exemplo, é atualmente um dos maiores centros consumidores desses produtos e sua distância para a cidade de Campina Grande, é de apenas 142km, praticamente a mesma daquela entre Campina Grande-PB e João Pessoa. Desse modo, podemos dizer que a rotação do capital é bastante condicionada ao tempo de curso, ou seja ao acesso do mercado, compensando o lento tempo de produção.

Por sua vez, a dinâmica espacial da produção das grandes empresas é diferente do restante das empresas do subsetor. Essas correspondem apenas à 2,24% das empresas do subsetor porém com grande produção. A TESS, produz cerca de 7 milhões de pares de sandálias por ano, (no ano de 2017)⁶³. Já a unidade fabril da Alpargatas, tem capacidade para produzir cerca de 220 milhões de pares/ano, e é a única empresa calçadista que exporta no município de Campina Grande, representando 93% de todos os produtos exportados do município em 2020, com o valor de U\$ 51,2 milhões,⁶⁴ o que convertido no ano de 2020 correspondia à R\$ 246,4 milhões.

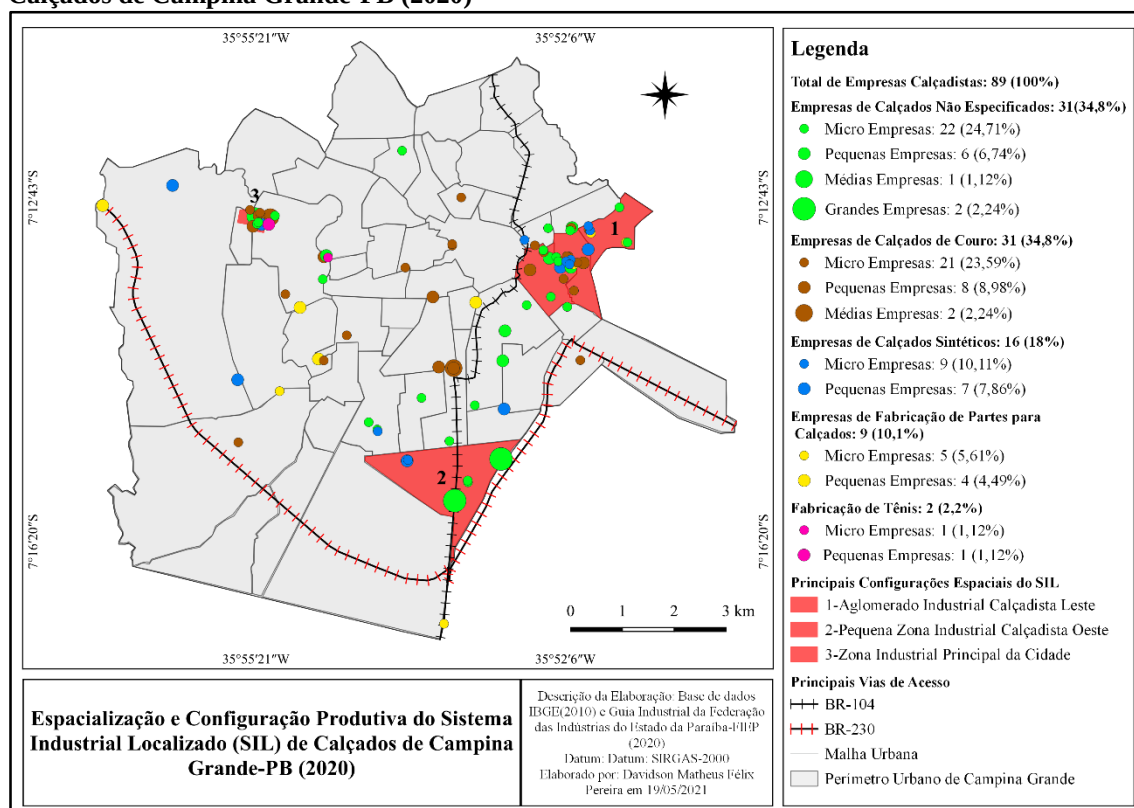
Portanto, como enfatizamos, no início do item, esse setor possui dois conjuntos de capitais distintos, com composições orgânicas e rotações de capitais distintas. Para termos dimensão, o subsetor contém 58 micro empresas, que representam 65,16% do total, seguido por 26 empresas de pequeno porte, representando 29,21% do total. Enquanto isso, o mesmo ramo calçadista conta com 3 empresas de porte médio, ou seja, apenas 3,37% e por fim, 2 empresas de grande capital, representando apenas 2,24 % do total de empresas (Mapa 5).

⁶² Durante a pandemia o fechamento de algumas lojas em Caruaru impactou diretamente na produção das pequenas e microempresas de Campina Grande.

⁶³ AMPLIAÇÃO de Indústria da Tess em Campina Grande vai gerar 400 empregos. 19 de dezembro de 2017. Disponível em: <http://www.cinep.pb.gov.br/portal/?p=3721#:~:text=A%20Tess%2C%20instalada%20em%20Campina,pares%20de%20cal%C3%A7ados%20por%20ano>. Acessado em: 03/06/2021

⁶⁴ COMEX VIS (org.). Campina Grande - PB: Exportações, importações e balança comercial. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>. Acesso em: 04/06/2021.

Mapa 7: Espacialização e Configuração Produtiva do Sistema Industrial Localizado (SIL) de Calçados de Campina Grande-PB (2020)



Fonte: Elaboração própria a partir de base cartográfica do IBGE (2010) e de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba -FIEP (2020), in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro> Acessado entre março e maio de 2020.

Boa parte das empresas desse subsetor, se apresentam de forma difusa por quase todo o espaço urbano, especialmente as pequenas e microempresas do ramo de couro, assim como as empresas de fabricação de partes para calçados. Outro padrão espacial mais secundário, mas também importante, é a presença de micro e pequenas empresas de produção de calçados de borracha e material plástico, entre as BRs 104 e 230, entre a zona leste e sul da cidade. Essas empresas localizam-se justamente na intersecção entre a Zona Industrial principal da cidade e o Aglomerado Industrial Calçadista Leste.

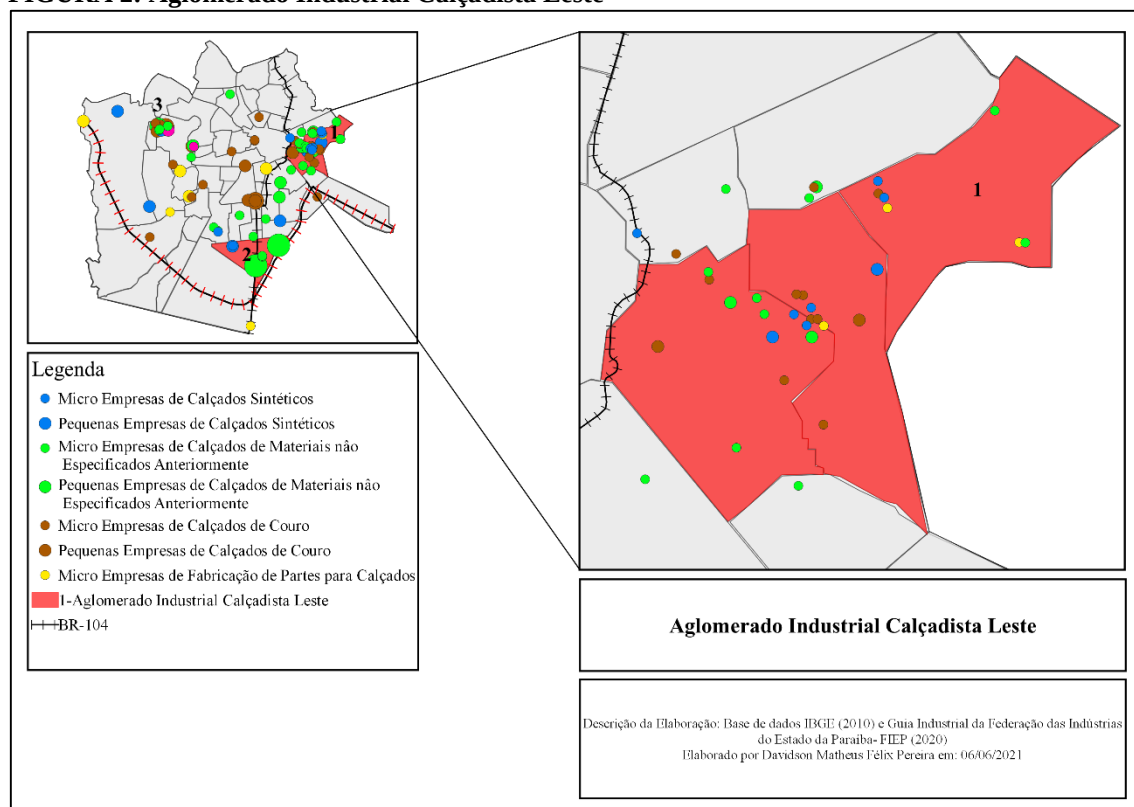
Contudo, encontramos 3 padrões socioespaciais de aglomeração principais no espaço urbano que correspondem às principais configurações produtivas e espaciais dos dois subsistemas industriais do Sistema Industrial Localizado. 1) Um subsistema de baixo investimento capital, com a produção pulverizada em várias empresas de micro pequeno e em menor grau de médio porte, com a produção pautada em grande parte por processos produtivos mais rudimentares, semiartesanais, com a presença de trabalho domiciliar e com alto emprego de mão de obra local. 2) Um subsistema em bases fordistas, e com alto

grau de investimentos de capitais, orientado em parte para exportação e produção de calçados com alto valor agregado.

O primeiro subsistema é estruturado a partir de várias empresas distribuídas por quase todo o espaço urbano de Campina Grande, mas que se concentram em duas aglomerações principais. A sua estruturação também se dá, a partir dessa distribuição entre 5 tipos de atividades que podem ser complementares, ou mais autônomas com relação a configuração produtiva do subsetor como um todo, apresentando um certo grau de cooperação e competição. Analisemos em primeiro lugar a espacialização e estrutura produtiva do subsistema das empresas de pequeno capital, que possui duas configurações geográficas principais: Aglomerado Industrial Calçadista Leste e a Pequena Zona Industrial Calçadista Oeste.

3.3.1 A espacialização do subsistema de baixa composição orgânica de capitais

A primeira configuração espacial desse subsistema seria o que aqui chamamos de “Aglomerado Industrial Calçadista Leste” (Figura 2), que compreende pequenas e microempresas de calçados, mais especificamente: micro e pequenas empresas de fabricação de calçados de materiais diversos, micro e pequenas empresas de calçados sintéticos, micro e pequenas empresas de calçados de couro e microempresas de fabricação de partes de calçados. Esse aglomerado se situa nos bairros Nova Brasília, Monte Castelo e José Pinheiro, sendo esse último o bairro que mais concentra empresas e, onde historicamente se iniciou a instalação das empresas desse aglomerado. A opção pela definição enquanto aglomerado industrial, se dá pela forma relativamente espontânea, no sentido, de não ter partido de uma intervenção estatal, desse desenvolvimento local e pelo fato de não haver uma cooperação produtiva maior e nem processos de inovação importantes, para conceituar de outra maneira.

FIGURA 2: Aglomerado Industrial Calçadista Leste

Fonte: Elaboração própria a partir de base cartográfica do IBGE (2010) e de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba - FIEP (2020), in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro> Acessado entre março e maio de 2020.

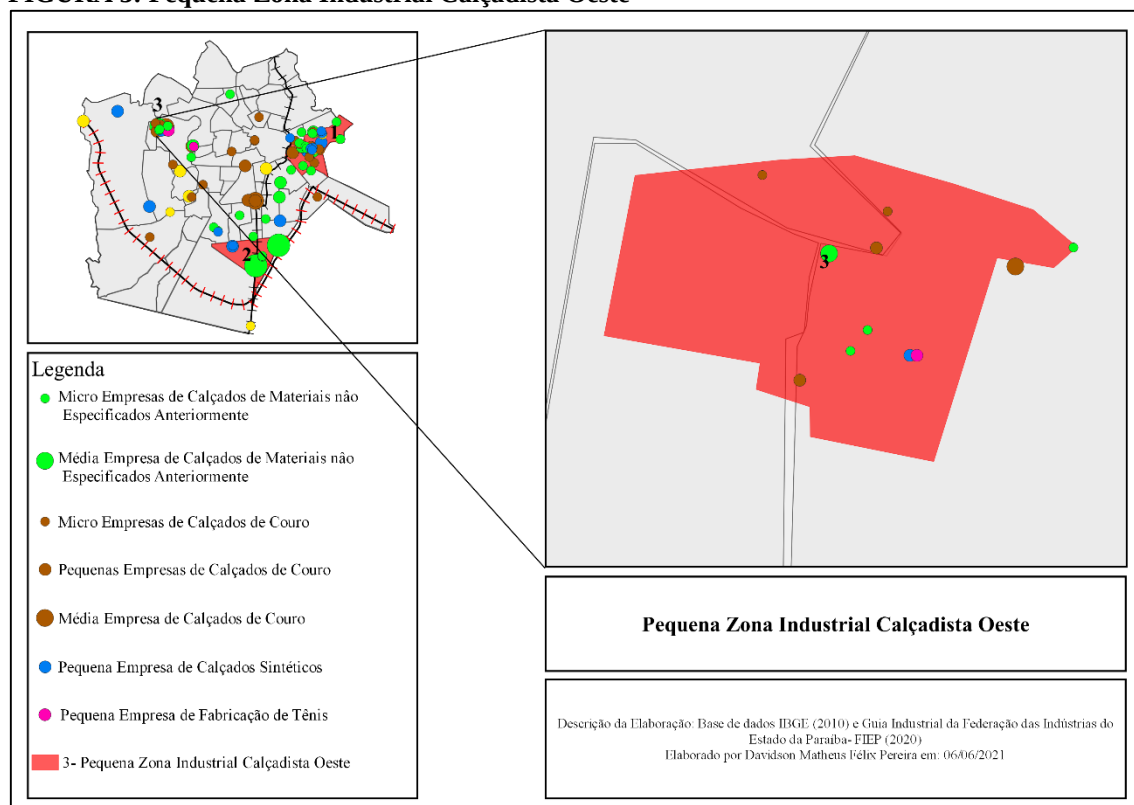
Poderíamos considerar também a proximidade que esse aglomerado possui com algumas empresas dos bairros Santo Antônio e Nova Brasília, contudo, ao que tudo indica, as interações espaciais existentes nesse espaço são mais intensas nesses três bairros já citados. O Bairro José pinheiro e o Monte Castelo apresentam uma concentração importante, em torno de várias empresas de calçados de material plástico, de borracha e de couro, que se situam próximos a uma empresa de fabricação de partes de calçados, demonstrando como essas diferentes atividades, mesmo utilizando processos produtivos e insumos diferentes, buscam organizar-se espacialmente de maneira aglomerada e possuem nexos produtivos importantes.

Nesse aglomerado, ainda é importante ressaltar a presença de várias lojas de venda de insumos, como fivelas para calçados, cola, couro, etc. Ou seja, a aglomeração também se dá em função da proximidade com alguns fornecedores, sobretudo dos produtores autônomos, nas fábricas de quintal. Por sua vez, o bairro Nova Brasília, apresenta a aglomeração de outras empresas em torno de uma empresa de fabricação de partes para calçados.

Esse aglomerado portanto, é caracterizado como o de maior concentração de empresas de calçados da cidade, mas ao mesmo tempo, representa a mais baixa composição orgânica de capital e uma rotatividade de capital totalmente atrelada ao mercado consumidor local e regional. A proximidade dessas empresas à BR-104 se apresenta como um grande fator de acessibilidade aos mercados do estado do Rio Grande do Norte, mas também à cidades como Caruaru em Pernambuco.

O segundo aglomerado, aqui classificado enquanto “Pequena Zona Industrial Calçadista Oeste” (Figura 3), é resultante de um processo de intervenção estatal, ou seja, de um planejamento industrial⁶⁵ e, de um planejamento urbano atrelado ao zoneamento urbano da cidade. Como já discutimos no capítulo 2, em meados dos anos 2000, foi construído o Pólo calçadista Manoel Raimundo Souto. Essa área passou a concentrar algumas empresas, principalmente aquelas situadas no aglomerado de indústrias calçadistas leste. Outro fator aglutinador na organização desse espaço, foi a instalação do CTCC -Centro de Formação Profissional do Couro e do Calçado Albano Franco-. Desse modo, a maior parte das empresas que buscaram se localizar nessa área, eram de confecção de calçados de couro, mas também, aquelas empresas que buscavam expandir sua produção e precisavam de mais espaço.

⁶⁵ Não entraremos no mérito da efetividade do mesmo.

FIGURA 3: Pequena Zona Industrial Calçadista Oeste

Fonte: Elaboração própria a partir de base cartográfica do IBGE (2010) e de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba - FIEP (2020), in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder-cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro> Acessado entre março e maio de 2020.

Aqui, já observamos a existência de uma empresa de porte médio de couro e uma de porte médio de calçados de borracha. Não se encontra instalada nenhuma empresa de fabricação de componentes para calçados. Nessa zona industrial, diferente do aglomerado Leste, as empresas não estão condicionadas aos pequenos fornecedores. Dessa maneira, parece haver uma maior organização interna da produção dessas empresas. Encontramos também a presença de uma média empresa de calçados de materiais diversos⁶⁶, que malgrado não estar classificada como de produção de calçados de couro, é uma empresa que utiliza insumos de couro. A empresa em questão é a Indústria de Couros Profissionais da Paraíba, que produz botinas para uso ocupacional. No tocante a média empresa de produção de calçados de couro, essa na verdade é a associação dos Produtores de Calçados do Polo Calçadista Manoel Raimundo de Souto. Ou seja, essa empresa, na verdade, se define como um conjunto de dezenas de pequenos e micro produtores.

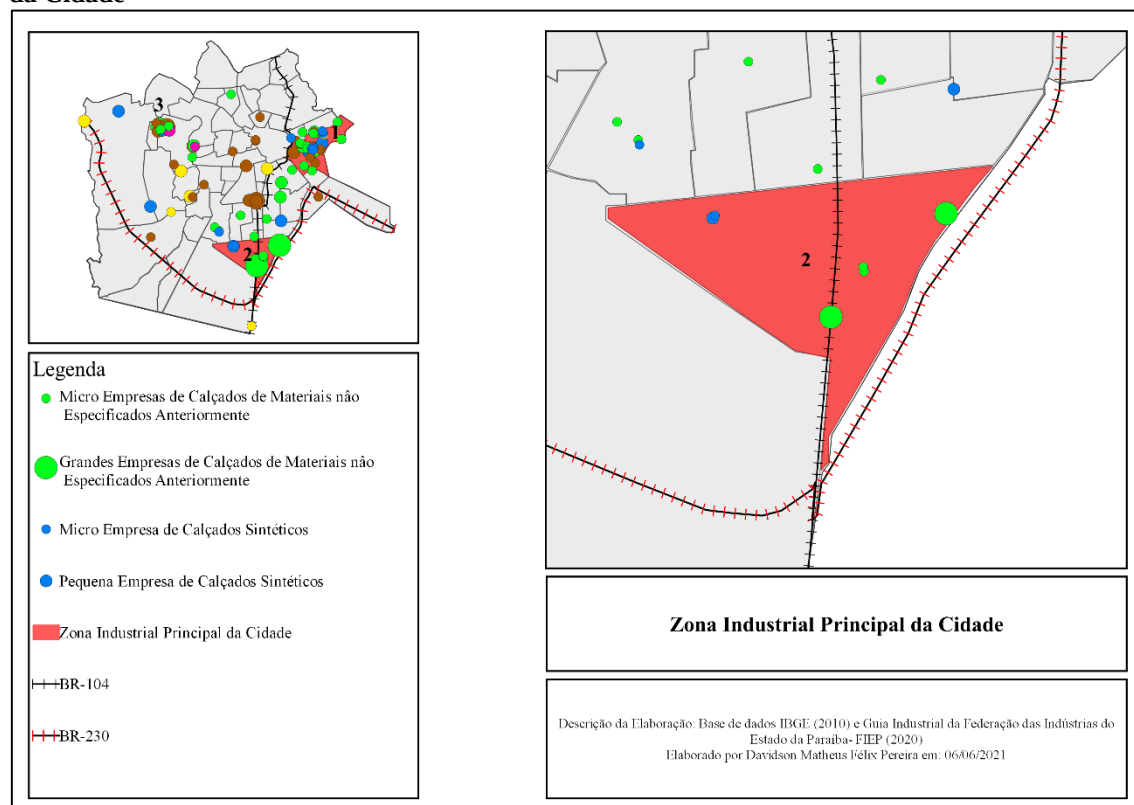
⁶⁶ De acordo com a tabela CNAE 2.0 essas empresas são classificadas como empresas de calçados de materiais não especificados anteriormente. Contudo, optamos pela denominação de “materiais diversos”.

3.3.2 A espacialização do subsistema de alta composição de capitais

Nesse momento, analisaremos a configuração espacial e produtiva do subsistema industrial do grande capital do subsetor calçadista. Como já dito anteriormente, esse subsistema é caracterizado por uma alta composição orgânica de capital, uma alta rotatividade de capital, pautado principalmente na velocidade de sua produção. O modelo produtivo adotado por essas empresas é de base fordista, dado sua grande produção, mas com processos produtivos altamente flexibilizados, especialmente, no tocante a polivalência dos trabalhadores e a alta rotatividade de mão de obra e subcontratação.

Esse subsistema localizado, se concentra em apenas uma configuração espacial produtiva da cidade, que aqui denominamos de “Zona Industrial Principal da Cidade” (Figura 4), assim como a pequena Zona Industrial Calçadista Oeste, essa zona industrial principal, é resultante de um planejamento estatal. Institucionalmente, essa área corresponde ao bairro Distrito Industrial, criado nos anos 1963 para comportar as grandes empresas que viriam a se instalar na cidade.

FIGURA 4: Aglomerado Industrial das Grandes empresas Calçadistas na Zona Industrial Principal da Cidade



Fonte: Elaboração própria a partir de base cartográfica do IBGE (2010) e de informações do Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba - FIEP (2020), in: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholder->

[cidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholder-cnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro](#) Acessado entre março e maio de 2020.

Apesar de serem apenas duas, o que define essa configuração é a alta concentração de capital tanto da Alpargatas como da TESS. Ambas, produzem calçados de borracha, sobretudo, sandálias com um alto valor agregado, referente a processos constantes de inovação na produção. A situação geográfica dessa configuração está muito atrelada a proximidade com as duas vias principais de acesso da cidade, as Rodovias BR-104 e BR-230. Desse modo, esse espaço oferece condições gerais de produção, relativamente necessárias a reprodução desses capitais individuais. No entanto, além dessas grandes empresas, outras quatro pequenas e microempresas que produzem calçados de material plástico e de borracha também estão instaladas nesse mesmo espaço, possivelmente aproveitando-se das economias externas geradas por essas grandes empresas.

3.4. Considerações preliminares sobre o SIL calçadista: Organização espacial e o controle sobre a força de trabalho

O que observamos é que o tempo de rotação de capital pode ser determinado pelo tempo de curso de venda, mas também pela rapidez com que o capital circulante é reinvestido e o trabalho é aplicado. Essas duas dinâmicas se apresentam dessa forma: 1) uma mais relacionada a alta composição orgânica de capital das grandes empresas calçadistas com uma rápida rotação de capital atrelada ao alto grau de investimento em capital circulante, 2) outra relacionada a uma baixa composição orgânica de capital, à proximidade do mercado, correspondente as pequenas empresas, com uma rotação de capital ligada ao rápido curso da venda. Importa destacar que tanto as empresas com baixas composições orgânicas de capital quanto aquelas com alta, precisam acelerar a rotação do seu capital para permanecerem competitivas no mercado, no entanto, a forma como fazem isso correspondem a dinâmicas espaciais, produtivas e ritmos de acumulação diferentes.

O que isso nos diz da realidade concreta dos espaços regionais periféricos? O que nos diz a respeito da realidade concreta do SIL de Campina Grande, ou em palavras mais precisas, da produção industrial na cidade e da exploração da força de trabalho? Ora, se tomarmos como premissa a existência de dois subsistemas, um de baixa composição orgânica de capital e o outro de alta composição orgânica de capital, teremos que:

a) No subsistema de pequena composição orgânica de capital, a possibilidade de aumentar o mercado consumidor para áreas mais distantes, estaria condicionado ao aumento nos custos com a circulação de capital. Para compensar esses custos, as empresas precisariam aumentar o investimento em capital fixo (máquinas instalações) e aumentar o investimento em capital circulante (matéria prima, salários, etc.), mas como fazer isso em uma região onde justamente as condições de acumulação não permitem e onde o capital está concentrado nas mãos de poucos empresários? Ora, as pequenas empresas, só permanecem em grande parte porque dependem de consumidores de baixa renda, ou seja, da população de baixa renda localizados na própria região.

Por isso, os arranjos produtivos, pensados em outras regiões, com relações capitalistas mais desenvolvidas não se aplica à Campina Grande. Isso explica a forma como a rotatividade do capital se dá nesse subsistema industrial, condicionada à dois fatores estruturantes: 1) uma organização espacial eficiente, que permite um acesso ao mercado local e regional, bem como uma rápida circulação da mercadoria e uma reconversão em capital monetário bastante acelerada. 2) O segundo ponto definitivo está relacionado ao aumento da exploração do trabalho por meio de uma diminuição drástica dos salários, e pela intensificação do trabalho com aumento da produtividade. Essa estrutura acaba sendo pautada na produção de mercadorias de baixo valor agregado, daí a alta competição entre os pequenos capitalistas e a impossibilidade de cooperação entre os mesmos. Nesse sentido, pensar um arranjo produtivo local para Campina Grande, sem um devido planejamento que envolva outras escalas e uma política pública adequada, é desconsiderar questões estruturais importantes.

b) No subsistema de alta composição orgânica de capitais, o distintivo é a capacidade de aumento constante das taxas de lucro, a partir do aumento progressivo de capital fixo e circulante; da organização e controle tecnológico da força de trabalho e portanto, um aumento da produção. Nesse subsistema, o mercado de trabalho local, é aproveitado como um todo, a capacidade de absorver a mão de obra da região é muito maior. Essa dinâmica, permite as empresas, principalmente a Alpargatas, utilizar uma alta rotatividade da mão de obra à custos relativamente baixos. O importante nesse subsistema não é a proximidade com o mercado consumidor, mas sim, a proximidade do mercado de trabalho, dado que uma parte significativa da produção é exportada para o mercado externo. Esse ponto influi diretamente na rotatividade de capital, apesar de não parecer.

Os custos com a mão de obra, inclusive com o rápido transporte dos trabalhadores, influi na rotação do capital dessas empresas de duas formas: 1) permitem a intensificação

do trabalho, dado a maior produtividade dos trabalhadores, em função da diminuição do tempo de deslocamento. 2) Os baixos custos com a força de trabalho, implicam em uma maior taxa de lucro e, portanto, uma maior capacidade de reinvestimento em capital fixo e circulante, desse modo, aumenta-se a produção e a própria taxa de lucro. Além da intensificação de uso de máquinas e equipamentos que propiciam aumento da produtividade e consequentemente maior exploração da força de trabalho.

Um outro elemento determinante que deve ser ressaltado, são os subsídios e isenções fiscais oferecidas a essas grandes empresas e uma mão de obra qualificada para a produção propriamente dita. Por esses motivos, pelo contingente de capitais, essas empresas são capazes de criarem as suas próprias condições gerais de produção, atraindo fornecedores de insumos e comprando serviços de transporte dos seus trabalhadores. Contudo, mesmo dentro desse subsistema, observa-se que a Alpargatas que opera a mais tempo na cidade, possui um poder de organização do espaço maior que a TESS, sendo essa segunda, uma empresa que já se instala na cidade em proveito das condições gerais de produção geradas e da própria cultura do trabalho previamente criada.

Dessa análise concluímos previamente que, em primeiro lugar, devemos considerar que as atividades industriais ligadas a demanda da cidade e região, normalmente estão mais ligadas ao centro da cidade (RICHARDSON, 1978, p.23), esse fato, ocorre com o aglomerado produtivo calçadista do José Pinheiro, além do tamanho dos estabelecimentos ser mais contíguo, com a forte presença de trabalho doméstico e de “fábricas de quintal”, isso permite que essa produção se dê mesmo em áreas com o zoneamento urbano destinado a habitação e de forte densidade urbana.

É importante observar a persistência das economias externas, ou economias de aglomeração, geradas pela concentração de capitais similares nos diferentes arranjos. Isso significa, que boa parte das empresas que possuíam coeficientes de capitais similares, fornecedores e consumidores em comum, permaneceram no aglomerado do José Pinheiro. Por outro lado, as outras empresas calçadistas, principalmente aquelas ligadas a produção de calçados de couro, passaram a se concentrar na Pequena Zona Industrial do Bodocongó.

Essa alta densidade de pequenos capitais, ao que tudo indica, no tocante ao setor industrial, está atrelada ao que VERNON (1960) apud RICHARDSON (1978, p.27) definiu como “indústrias de economia externa” e se reproduz no espaço a partir de uma lógica totalmente diferente daquela das empresas hegemônicas.

Enquanto as primeiras se estruturam a partir das economias externas geradas pela proximidade dessas pequenas empresas, as empresas hegemônicas, possuem a possibilidade de criarem condições gerais de produção, ou seja, criarem sua própria organização eficiente do espaço, ou na terminologia econômica convencional, de “internalizar economias externas” (RICHARDSON, 1978, p.27). Essa dinâmica fica evidente no caso da Alpargatas São Paulo, que possui uma produção altamente verticalizada, ou seja, realiza as diferentes etapas da produção em uma mesma empresa.

Obviamente essas diferentes densidades de capitais, se apresentam concretamente imbricadas à “densidade social” principalmente ao observarmos como a densidade social condiciona as atividades em determinados espaços, como por exemplo, o grande contingente de trabalhadores no bairro José Pinheiro, a proximidade ao centro e a um mercado consumidor, permite a reprodução do pequeno capital calçadista. Enquanto isso, a Alpargatas, em função de sua relativa distância a certos bolsões de mão de obra, contrata serviço de transporte privado para os trabalhadores, ou seja, cria suas próprias condições gerais de produção, através da diminuição nos custos da reprodução da força de trabalho. Obviamente o transporte do trabalhador é parte da reprodução da força de trabalho.

Assim, um aspecto deve ser ressaltado sobre a permanência de algumas empresas no Aglomerado Produtivo do José Pinheiro. Em primeiro lugar, mesmo as fábricas de couro, de pequeno porte, precisam de um quantitativo de capital para poderem converter suas estruturas de produção. Outro fator a ser ressaltado, são os laços históricos que esses pequenos capitalistas continuam a possuir com o lugar, ou seja, a “tradição”, em que estão inseridos, devido a ligação familiar e os vínculos com a vizinhança.

Um exemplo ilustrativo para pensarmos a importância desses fatores históricos e das interações espaciais entre o pequeno capital e a vizinhança foi a vivenciada com a pandemia. O acesso dos trabalhadores à Pequena Zona Industrial Calçadista do Bodocongó ficou comprometida por um bom tempo na cidade, dado a diminuição do fluxo de transporte coletivo, enquanto isso, no Aglomerado Produtivo Calçadista do José Pinheiro esse constrangimento pode ter sido menor, dado a proximidade com relação a mão de obra que se desloca a pé ou por bicicleta.

Contudo, apesar da reconfiguração do subsistema não hegemônico como um todo, ou seja, sua divisão em dois espaços, um ao leste e outro a oeste da cidade, esses ainda estão interligados, a partir dos seus fornecedores, das instituições de fomento, da cultura empresarial e do trabalho e daquelas empresas terceirizadas que participam da produção

de ambos aglomerados e zonas. Enquanto em relação aos dois subsistemas um hegemônico e o outro subalterno, esses se integram na medida em que verificamos a influência que as grandes empresas possuem na determinação do preço da força de trabalho no mercado de trabalho calçadista local, ou seja, em alguma medida o subsistema não hegemônico é controlado pelo hegemônico.

Nesse sentido, apesar de não ser necessário uma cooperação produtiva e comercial entre os agentes, sua reprodução se dá através da necessidade de uma coordenação entre os interesses dos agentes locais, frente a determinados efeitos externos (SAMPAIO; PEREIRA JÚNIOR, 2019, p.6), como as transformações no mercado, mudanças na relação com o Estado, ou mercado de trabalho. No Sistema Industrial Localizado de Calçados de Campina Grande, observamos a pertinência de órgãos e instituições como SEBRAE e FIEP, o CTCC que promovem cursos, feiras e palestras para apresentarem aos pequenos produtores as novas tendências do mercado, da moda e os novos processos produtivos. Por esse motivo, esse capital produtivo em Campina Grande, se reproduz na medida em que se liga aos fluxos externos, as mudanças tecnológicas, e transformações do mercado, caso contrário, as limitações internas do sistema, poderiam vir a desestruturá-lo.

Contudo, o processo de inovação não se dá de modo homogêneo, as empresas não hegemônicas, tendem a inovarem muito menos e a manterem alguns processos produtivos pautados em preceitos “tradicionais”. Por outro lado, as grandes empresas, muitas vezes nem mesmo precisam se articular com os órgãos locais para inovarem nesse sentido, visto que a P&D muitas vezes é realizada de forma interna as próprias empresas na cidade, ou mesmo ocorrer nas próprias sedes dessas empresas instaladas no Sudeste. Nesse sentido, precisamos compreender de que forma esses arranjo geográfico é produzido em Campina Grande.

Portanto, é importante entender, que a dinâmica espacial do pequeno capital (seja, sua localização, acesso ao mercado, condições gerais de produção), é diferente daquela do grande capital. Seja como for, independente da configuração espacial, ambos espaços, com seus respectivos modelos produtivos, estão condicionados ao circuito do capital, ou seja, ao seu processo de valorização e de reprodução das relações sociais de produção capitalistas, que implica sempre na exploração da força de trabalho e por meio dessa, na extração de mais-valor. As empresas hegemônicas possuem estratégias diferentes para manterem sempre crescentes as suas taxas de lucro quando correlacionadas com as microempresas.

Ao analisarmos especificamente o subsistema do grande capital calçadista, averiguamos que a flexibilização no modelo fordista utilizado pelas duas grandes empresas dessa cidade, ajusta-se a uma forma particular de se utilizar a mão de obra e também, a uma organização específica da produção. Aqui tomando de exemplo a Alpargatas, percebemos a capacidade que essa empresa possui em contratar um contingente considerável de mão de obra terceirizada na cidade de Campina Grande e sua região, ao mesmo tempo que mantêm uma base de trabalhadores formais. Em 2017, dos 7000 trabalhadores empregados pela mesma, apenas cerca de 20% (2.130) possuíam seguridade empregatícia (FERREIRA, 2018, p.131). Nesses termos, a rotatividade da mão de obra nessa empresa é alta (FERREIRA, 2018, p.149). Há também a contratação de pequenas e microempresas que realizam pequena parte da produção.

Outro aspecto notável dessa dimensão, confere ao fato de a Alpargatas realizar alguns acordos coletivos, com o sindicato dos trabalhadores calçadistas, como aquele de instituição de uma quarta turma “de forma ininterrupta, sem revezamento de horário de escala de trabalho de seis dias com dois dias de folgas consecutivas” (ALVES, 2011, p.304) no ano de 2004. Durante o período de crise do ano de 2008, a empresa suspendeu temporariamente o regime da quarta turma, demitindo mais de 1 mil empregados (ALVES, 2011, p.305), repercutindo diretamente na economia do município. Essa capacidade de demitir e readmitir e o poder sobre os sindicatos locais, representa um aspecto da flexibilização do trabalho nesse modelo de produção fordista.

Os sindicatos calçadistas da região possuem uma relação de poder assimétrica frente a Alpargatas. A empresa define seus interesses ao diminuir a contratação de novos empregados, aumentar as horas de trabalho, implicando em um maior processo de flexibilização da jornada de trabalho. Assim, se intensifica a jornada de trabalho dos operários, aumentando os casos de acidentes e doenças ocupacionais. Além do mais, diminui-se o número de postos de trabalhos, que seria uma contrapartida aos incentivos fiscais dados pelo estado (ALVES, 2011, p.304).

Com relação aos acordos coletivos, uma estratégia elaborada pela empresa para aumentar suas taxas de lucro, foi o acordo coletivo realizado visando a concessão de abonos à título de participação nos resultados e nos lucros, acordos celebrados em 2009 e em 2011. (ALVES, 2011, p. 291) Esses acordos, permitem entre outras coisas, o aumento da competitividade entre os trabalhadores e evidentemente o aumento da extração de mais valia absoluta, relacionada ao aumento da produtividade.

Assim, o controle da mão de obra, que se dá, sobretudo, a partir de uma organização produtiva hierarquizada e racionalizada tecnicamente, permite uma grande flexibilidade da produção e capacidade de se adequar a demanda. O alto número de acidentes de trabalho e a intensificação do trabalho, gerando a exaustão do trabalhador e a demissão, por meio de várias estratégias, aumenta consideravelmente a rotatividade da mão de obra dessa empresa.

Por outro lado, o pequeno capital industrial desse subsetor, se comporta de outra forma. A rotação da mão de obra está mais ligada ao controle familiar e local da força de trabalho, por meio de pequenos capitalistas locais, muitas vezes com vínculos familiares.

O problema nesse sistema, não se restringe apenas aos trabalhadores precarizados, mas também, aos próprios pequenos capitalistas, que muitas vezes também trabalham na produção fabril. São pequenos empresários que muitas vezes trabalham com a família sem condições de estabelecerem reclamações trabalhistas que sequer existem formalmente. No caso das microempresas, além de contarem com o trabalho do proprietário e/ou da família, também subcontratam outros trabalhadores. Há sempre um processo real de valorização do capital tanto pelo trabalho realizado pelo proprietário como pelos que vendem a sua força de trabalho, ou seja, são múltiplas formas de produzir.

Embora não seja específico de Campina Grande, as formas de produção e as relações de trabalho se mesclam mesmo durante o período do fordismo periférico e se tornam mais visíveis na acumulação flexível. Nos sistemas produtivos flexíveis a grande indústria encomenda e compra a produção de pequenas indústrias artesanais. Além disso há também os que são “autônomos”, trabalham por conta própria. Estas formas não são excludentes, mas é importante lembrar que as microempresas, os autônomos estão subordinados à grande empresa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema industrial localizado de calçados é um produto de um processo particular de industrialização em Campina Grande. O desenvolvimento desse subsetor na cidade, se atrela diretamente ao desenvolvimento do capital produtivo como um todo no espaço urbano.

As condições gerais de produção criadas nos anos, 1930 e 1940 com o subsetor têxtil e subsequentemente nos anos 1960 e 1970, geradas pela indústria metal mecânica, permitiram o desenvolvimento do grande capital calçadista. No entanto, o pequeno capital

também se utilizará das economias geradas pelo grande capital. Nesse mesmo processo uma força de trabalho especializada na produção de calçados começara a se constituir, imprimindo um novo conteúdo à cidade.

Todos esses elementos confluíram para o aumento progressivo do poder do capital da Alpargatas com relação aos trabalhadores dessa região. A relativa mobilidade que os trabalhadores possuíam entre os anos 1970 e 1980, no auge da industrialização campinense, contrasta com o que vem ocorrendo desde meados de 1980, quando a Alpargatas se instala no município. A mobilidade do trabalhador na cidade diminui, em paralelo à diminuição dos postos de trabalho em diferentes empresas. Em que a implantação de indústrias de modelo fordista na cidade, tem representado um aumento no número de empregos, de forma concentrada em poucas indústrias, diminuindo o poder dos sindicatos e conferindo um poder à essas empresas sobre os seus empregados.

Esse modelo produtivo também conferiu um aumento considerável da produção, que culminou, associado a outros processos, na amplificação da produção do espaço produtivo da cidade, especialmente, a partir da reestruturação produtiva ocorrida nos anos 1990. Onde observa-se a instalação da Coteminas S.A a reorientação da produção da Alpargatas para exportação. Essa expansão da produção e organização eficiente do espaço, vieram acompanhadas de uma crescente flexibilização do trabalho, da constituição de uma nova ideia de trabalhador campinense e de uma nova cultura do trabalho industrial.

Nesse mesmo período, verifica-se o desenvolvimento de algumas pequenas zonas industriais na alça sudoeste da cidade, acompanhado de um processo de industrialização do vetor da BR-230. Isto é, abre-se caminho para produção do espaço industrial, produção essa, que se dá de forma difusa e paralela ao processo de urbanização na Alça-Sudoeste, mas que se intensifica a partir do final dos anos 2000.

A presente pesquisa aponta que a industrialização deve ser encarada como um processo complementar à urbanização de Campina Grande, e indica uma mudança de conteúdo no desenvolvimento industrial e sua espacialização a partir dos anos 1990. O aumento da população urbana, subsidiou a crescente necessidade de força de trabalho por parte das empresas hegemônicas, como a Alpargatas. Ao mesmo tempo, o processo industrial das grandes empresas abriu espaço para o desenvolvimento de outras atividades industriais, como as pequenas indústrias de produtos plásticos, de movelaria, construção civil, entre outras tantas.

Isso nos informa um aspecto que muitas vezes parece estar separado da produção do espaço urbano industrial. A despeito da ligação da produção propriamente dita com a produção da habitação, das infraestruturas, dos equipamentos urbanos e das instituições de ensino, que muitas vezes são analisadas separadamente, porém o conjunto dessa produção no espaço constitui as condições de reprodução da vida e, portanto, da força de trabalho na cidade capitalista.

Do mesmo modo, não se pode pensar em reprodução da vida sem entender como se dá a reprodução das relações de produção. Toda a reestruturação que decorre em Campina Grande e, o subsequente crescimento da produção, confere demandas crescentes de trabalho vivo, rebatendo diretamente no crescimento do emprego industrial.

Esse processo nos evidencia a importância do capital produtivo na cidade atualmente. Quando analisamos a realidade econômica em Campina Grande, podemos observar a correlação direta entre os vários ‘departamentos econômicos’ de uma cidade. O salário pago no departamento industrial, conseqüentemente circula na cidade em um tempo relativamente longo, sendo direcionado ao comércio local, às pequenas construções, aos serviços de educação, à própria pequena indústria.

Portanto, a reestruturação produtiva que vem ocorrendo na cidade, atrelou-se a sua reestruturação econômica, ou seja, a reestruturação de todos os setores do município, através do aumento da urbanização e da renda global na cidade, implicando progressivamente no crescimento urbano e econômico e, ao mesmo tempo, no agravamento das contradições sociais nessa mesma.

Desse modo, a indústria em uma cidade como Campina Grande, ainda é responsável por impulsionar o crescimento econômico, a urbanização e a infraestruturação do espaço, apesar de também ser beneficiada pelo Estado que fica sempre a cargo de prover a infraestrutura e os equipamentos coletivos.

Nesse sentido, o nosso estudo indica que o processo de desconcentração do capital produtivo no Brasil, é algo que pode estar mais relacionado aos espaços metropolitanos, nos quais as condições gerais de produção passam crescentemente a se voltarem para departamentos que não estão relacionados a produção propriamente dita. Isso se dá em função da própria concentração e, principalmente, da centralização de capital, conduzindo a desconcentração produtiva quase que invariavelmente. Por outro lado, em cidades como Campina Grande, onde a centralização de capitais não tem essa mesma dimensão, a alta oferta de força de trabalho pouco qualificada, forçosamente interessa aos capitais que buscam essas condições gerais de produção. Nesse sentido, o processo de

desconcentração industrial em algumas cidades brasileiras, se relaciona dialeticamente a industrialização de outras.

Entretanto, as condições técnicas e a configuração sóciogeográfica periférica dessa cidade, com relação a boa parte do território nacional, condiciona um padrão de desenvolvimento industrial específico, que pode ter desdobramentos importantes para entendermos o próprio padrão de urbanização dessa cidade. Em primeiro lugar, as indústrias que buscam se localizar em Campina Grande, são indústrias que empregam muita mão de obra e aplicam um processo de trabalho intensivo manualmente; essas indústrias tendem a ser menos dinâmicas, por essa mesma característica. Nesse sentido, os processos de produção normalmente são internalizados, não havendo uma cadeia produtiva implicada.

Em segundo lugar, como essas indústrias são altamente verticalizadas e pouco terceirizam sua produção, o capital produtivo, o capital fixo e as unidades produtivas acabam se concentrando espacialmente em áreas específicas da cidade, áreas que possuem uma oferta de grandes terrenos, com uma infraestrutura adequada à logística e uma centralidade com relação a mão de obra. Deste modo, essas unidades produtivas tomam uma forma geográfica da produção altamente concentrada e verticalizada. Essas condições são as preferidas por empresas como a Alpargatas S.A, Coteminas e TESS que se instalaram em Campina Grande.

Dessa forma, não encontramos o padrão de desenvolvimento industrial em um molde urbano regional, relativamente fragmentado em unidades produtivas pulverizadas em arranjos urbano regionais complexos, como se verifica nas metrópoles brasileiras (LENCIONE, 1998; 2006). Pelo contrário, em uma cidade não metropolitana, como Campina Grande, a oferta e o custo de mão de obra é a condição geral de produção essencial para o desenvolvimento dessas atividades. Em decorrência dessa conjunção de fatores, o espaço urbano passa a se ajustar, e a ser produzido em função dos interesses desse grande capital.

Como podemos observar, a cidade de Campina Grande é espacialmente “compacta”, menos dispersa, ou seja, seu espaço é contíguo, as habitações e os trabalhadores se amontoam cada vez mais, mesmo quando percebemos a periferização do espaço urbano campinense. Essa configuração espacial, produz uma crescente oferta de mão de obra espacialmente posicionada em função dos interesses do grande capital industrial da cidade. Isso nos permite visualizar a permanência da relação entre a industrialização e urbanização nos espaços não-metropolitanos contemporâneos.

A concretude desse processo em Campina Grande nos demonstra a forma como a dinâmica de acumulação do capital se expressa no espaço, consumindo e reproduzindo-o de forma desigual. Ao mesmo tempo observa-se uma diferenciação espacial na zona industrial de Campina Grande, estruturando aglomerados industriais compostos por diferentes capitais, diversos interesses, formas de produzir e trabalhar. Toda essa dinâmica vem tomando outros contornos e demonstrando a importância de um estudo futuro mais aprofundado.

Portanto, as transformações no espaço urbano dessa cidade, parecem ter relações diretas com a expansão do grande capital industrial na cidade, e ao mesmo tempo com a reestruturação produtiva, especialmente do ramo calçadista. Assim, toda a criação de economias externas, permitiram, tanto a alocação de indústrias de outros segmentos no espaço industrial campinense, quanto a expansão do espaço industrial da cidade de Campina Grande para a cidade de Queimadas-PB.

O desenvolvimento industrial nesse espaço, tem se dado paralelamente à urbanização da zona sul e sudoeste, a partir da produção de habitações na Alça Sudoeste da cidade, do complexo habitacional Aluizio Campos, como demonstra a pesquisa de (SILVA, 2020). Esses processos se relacionam ao capital produtivo, na medida em que representam os marcos do modelo produtivo fordista enrustado em uma cidade não metropolitana, capitaneados por empresas como a Alpargatas, Coteminas e TESS. E são coordenados em parte, pelo interesse desses capitais em diminuir os custos de transporte com a força de trabalho e, dessa maneira, os custos com a própria produção. Portanto, o capital industrial tem o poder econômico e, ao mesmo tempo político, para definir a forma urbana, mesmo aquela do espaço habitacional destinado aos trabalhadores.

Um outro aspecto sobre a forma espacial da industrialização merece atenção. Como dizíamos, o desenvolvimento industrial na região de Campina Grande toma uma forma concentrada em sua cidade. Contudo, a demanda crescente por mão de obra por parte das grandes indústrias, tem implicado no aumento do emprego de mão de obra residente em outros municípios, principalmente Queimadas. Essa dinâmica espacial, ao que tudo indica, pode ter contribuído para a gênese de um aglomerado urbano regional, visto que a concentração dessas relações sociais de produção na cidade de Campina Grande, tem sido retroalimentada pelas sinergias sociais produzidas em sua região circunvizinha. Essa é uma hipótese que pode vir a ser melhor entendida em futuras pesquisas.

Para entender esse processo de estruturação do aglomerado urbano regional, é imprescindível entendermos a importância desse capital produtivo na geração de emprego e renda, na criação dos nexos através dos movimentos pendulares e na produção de habitações nos espaços de intersecção entre os dois municípios. A Alpargatas pode ser considerada o agente capitalista principal desse processo e, um estudo detido sobre essa dimensão poderia apontar elementos importantes para entendermos esse processo em sua complexidade.

Um dos elementos dessa reestruturação urbano-regional está calcado num processo em curso de conturbação entre a cidade de Campina Grande e Queimadas. Em primeiro lugar, Queimadas se define como o maior bolsão de mão-de-obra do aglomerado regional juntamente com os municípios de: Massaranduba, Lagoa Seca, Puxinanã, e Campina Grande que compõem o arranjo populacional de Campina Grande/PB, entretanto, a proximidade geográfica entre Queimadas e Campina e o contingente populacional dessa primeira e a concentração de capitais nessa segunda, se imbricam em um processo de valorização e produção do espaço que tem integrado os dois municípios.

Por esse motivo é desse município que advém uma grande quantidade de trabalhadores da Alpargatas S.A. E não devemos subestimar os efeitos dessa empregabilidade para a (re) estruturação urbano-regional: A Alpargatas em Campina Grande, emprega mais de 8000 trabalhadores. Para termos uma dimensão, Queimadas tem cerca de 43. 179 habitantes (IBGE, 2018), ou seja, se considerarmos que cerca da metade dos trabalhadores advém de Queimadas, isso representa um montante considerável de renda direcionada a esse município, proveniente dos salários recebidos pelos trabalhadores que trabalham para essa empresa.

Esse contexto, nos leva a entender que o capital se aproveita e simultaneamente produz essa condição, onde os trabalhadores passam a se encontrar aprisionados a essa forma e estrutura espacial. Portanto, a contiguidade da cidade, apesar de ser historicamente uma condição de reprodução da vida, também condiciona a vida a formas específicas de existência, nesse caso de dominação. No modo de produção capitalista, o mercado de trabalho circunscrito nos limites dessa, permite que as diferentes frações do capital dividam a força de trabalho para aumentar a exploração.

Assim tanto a Alpargatas quanto a TESS se aproveitam da reduzida mobilidade do trabalhador, isto é, se não existem tantos empregos com esse nível de remuneração, logo, essas empresas acabam sendo a única opção para muitos trabalhadores de Campina Grande e região. Acreditamos, que a forma como a mão de obra é contratada pelas duas

empresas, revela um aspecto importante das estratégias utilizadas pelas empresas de grande capital para a superexploração da força de trabalho no ramo calçadista brasileiro.

Em vista disso, devemos observar tanto a divisão técnica do trabalho, quanto o “mercado de trabalho urbano”⁶⁷ (CLARCK, 1991, p.53). A Alpargatas, em Campina Grande, dado o seu modelo fordista de produção, gerava e ainda gera extenuação de um número gigante de trabalhadores, sendo a empresa que mais possui processos na Justiça do Trabalho da Paraíba⁶⁸. Contudo, na medida que a TESS, se instala na cidade, cria-se uma relação de complementariedade entre as duas empresas quanto à contratação da força de trabalho.

Observa-se uma diferenciação de salários dentro do setor produtivo de calçados. A Alpargatas S.A oferece salários maiores se comparado a TESS. Disso decorre alguns desdobramentos importantes. Em primeiro lugar, uma parte dos trabalhadores que não conseguem suportar as condições de trabalho da Alpargatas, são direcionados a vender a sua força de trabalho para a TESS.

Em segundo lugar, o crescente aumento da rotatividade da mão de obra na Alpargatas, dispensa regularmente um contingente de trabalhadores, que também podem ser reaproveitados pela TESS. Na verdade, essa técnica espacial de dominação pode ter se intensificado após a reforma trabalhista do ano de 2017, onde aumentou-se o número de demissões e contratações, diminuindo ainda mais a estabilidade do trabalhador calçadista na grande indústria. Essa relação possui uma dimensão complementar, justamente pelo aprendizado e docilização gerado na organização produtiva, que permite que a TESS se aproveite de uma mão já qualificada e dócil.

Em terceiro lugar, devemos considerar que não há necessariamente um antagonismo entre as empresas com relação ao interesse sobre o mercado de trabalho, visto que, a Alpargatas em função do montante de capital e de suas estratégias espaciais, pode facilmente absorver uma mão de obra disponível na região circunvizinha. Com isso,

⁶⁷ Segundo Clarck, os estudos sobre a cidade precisam extrapolar a delimitação legal/ governamental, visto que a mobilidade e descentralização do emprego expandiram seus limites funcionais. Portanto, ao invés de uma definição física e administrativa convencional, seria mais adequado utilizarmos a definição de região funcional urbana ou mercado de trabalho urbano, que assimilaria não só a população circunscrita na cidade, mas também sua população circunvizinha (CLARCK, 1991, p.53).

⁶⁸ Só no ano de 2019 a empresa sofreu 793 ações trabalhistas. COMÉRCIO Teve maior Número de Ações Trabalhistas em 2019. Portal Correio. 22/01/2019 Acessado em 20/04/2021. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/comercio-varejista-acoes-trabalhistas-2019/#:~:text=A%20empresa%20com%20o%20maior,%2FA%2C%20com%20743%20a%C3%A7%C3%B5es.>

a presença da TESS, pode ter implicado na expansão geográfica do mercado de trabalho direcionado a essas atividades.

Em quarto lugar, a diminuição nos custos da mão de obra da TESS, muito provavelmente está atrelado ao fato de a Alpargatas utilizar sobretudo, uma mão de obra masculina. Nessas circunstâncias, a mão de obra feminina disponível na cidade apresenta uma maior oferta por menores custos e, como bem sabemos, a divisão sexual do trabalho no capitalismo, implica de maneira geral, em menor remuneração para as mulheres. Portanto, a TESS aproveita-se da redução nos custos com trabalhadores, ao empregar mão de obra feminina. Dessa forma, o alto emprego de mão de obra masculina da Alpargatas, e o excedente de um mercado de trabalho feminino servem de condições gerais de produção específicas, para a TESS.⁶⁹

Essa última dimensão tem repercussões mais importante na zona urbana de Campina Grande, visto que a TESS contrata mais trabalhadores residentes na cidade de Campina Grande. O que o presente estudo indica, é que há uma divisão espacial do trabalho entre as diferentes empresas, e que, ao mesmo tempo transformaram o mercado de trabalho do subsetor calçadista e redefiniram em certa medida esse mesmo, na medida que os trabalhadores passaram a ter uma relativa maior mobilidade do trabalho, apesar de não ter diminuído a exploração. Acreditamos que esse fenômeno mereceria um estudo mais detido.

Além disso, também podemos verificar a existência de uma certa tensão entre a política local das grandes empresas calçadistas quanto a relação sindical e ao piso salarial. Enquanto a Alpargatas estabelece o piso salarial dos trabalhadores no Estado e, é a única empresa do município que contribui com o sindicato patronal dos calçadistas e o sindicato laboral, essa mesma acaba tendo um maior poder de decisão nesse quesito. A sua representatividade e o seu poder político, conferem a essa empresa o poder de estipular o piso salarial do ramo, por meio do controle absoluto de ambos os sindicatos. Nesse sentido, a TESS, apesar de ser uma empresa de grande capital, dentro do Sistema Industrial Localizado calçadista, se apresenta em posição subordinada à Alpargatas, assim como todas as demais empresas do SIL.

⁶⁹ Segundo Stall: "As considerações sobre a oferta de mão-de-obra não abarcam apenas a existência física da força de trabalho. O tipo da mão-de-obra é também importante, sua estrutura etária e por sexos, o nível de capacidade industrial e assim por diante. (...) Dessa forma, uma área com indústrias que empreguem grande percentagem de homens poderá muito bem ser um lugar favorável para estabelecer uma indústria que empregue principalmente mão-de-obra feminina." (STALL, 1976, p.94).

Por sua vez, as empresas não hegemônicas desse ramo possuem outra dinâmica de contratação. Enquanto as grandes empresas podem pagar o piso salarial do ramo, uma parte considerável das micro e pequenas empresas, possuem uma flexibilidade de contrato muito maior, na verdade, na maioria das vezes nem existem contratos. Isso se agrava cada vez mais com a crescente competição intercapitalista, compelindo os pequenos capitalistas a manterem suas taxas de lucro às custas do aumento da exploração do trabalho.

Contudo, a flexibilização nesse subsistema subalterno não se dá apenas na produção propriamente dita de cada pequena unidade produtiva. Em Campina Grande, verificamos essa dinâmica se dando através de uma reestruturação espacial do Sistema Industrial Localizado de Calçados, especialmente, através da construção da pequena zona industrial de calçados do Bodocongó. Essa dinâmica, se atrela a uma necessidade de reorganização espacial da produção e uma maior divisão nos processos produtivos, ou seja, de uma organização eficiente do espaço para tal atividade. Isso se dá a partir de um rearranjo do aglomerado de empresas, principalmente aquelas de produção de calçados de couro. Esse novo padrão da divisão espacial do trabalho nas pequenas e microempresas passa a se definir crescentemente a partir de uma desintegração vertical, especialmente, após os anos 1990 e parece guardar relações com a necessidade de reestruturar a produção em bases mais flexíveis.

Deste modo, a própria existência das pequenas fábricas de produção de partes para calçados, representa um aspecto notável da terceirização nesse subsetor, evidenciando uma das dimensões da reestruturação produtiva, e demonstram parte da lógica de produção do Sistema Industrial Localizado de calçados de Campina Grande.

Outro aspecto de flexibilização da produção está atrelado em Campina Grande a necessidade de os produtores modificarem rapidamente a sua produção de acordo com as novas tendências da moda, para poderem manter-se competitivos com a adoção de novas tecnologias nos processos de produção, além da inserção de novas técnicas organizacionais, mesmo por parte das empresas de pequenos capitais.

Sendo assim, entendemos que o desenvolvimento endógeno, pautado no desenvolvimento de estruturas produtivas formadas por micro, pequenas empresas em Campina Grande, trazem um desenvolvimento, porém é necessário indagar sobre o tipo de desenvolvimento e, sobre quem arca com os problemas decorrentes. Esse estudo, nos demonstra que o desenvolvimento endógeno, não pode contornar os atuais mecanismos de exploração que vem sendo postos no capitalismo atual. Se faz necessário entendermos

o padrão de acumulação atual para podermos encontrar outras soluções, que perpassem transformações na estrutura produtiva nacional como um todo.

Devemos entender a reestruturação do capitalismo (SOJA, 1993) como uma nova fase de acumulação e de crescimento da exploração da força de trabalho. Logo, a forma como se dão os processos de trabalho e o desenvolvimento das forças produtivas no ramo calçadista, apenas denunciam a dimensão do aumento da exploração do trabalho e da produção de cidades e configurações espaciais produtivas que permitem a dominação. Sendo elementos correspondentes dessa fase da acumulação flexível e atual política neoliberal.

Como pudemos ver, o subsistema industrial subalternizado desse ramo é subordinado ao subsistema hegemônico capitaneado pelas empresas hegemônicas como a TESS, mas principalmente, a Alpargatas. Assim, conforma-se um subsistema industrial hegemônico de alta concentração de capitais e processos de inovação, de grande intensidade tecnológica. E outro subsistema, subalterno; de baixa concentração de capitais por unidades; com pouco, ou precários processos de inovação e com baixa intensidade tecnológica.

Ambos subsistemas industriais, estão associados a uma coordenação relativa de um arranjo político-institucional local, que forma um circuito produtivo heterogêneo e uma configuração espacial da produção desigual. Desse modo, os Sistemas Industriais Localizados devem ser entendidos de forma relacional em consideração as relações de poder que constituem os mesmos, assim como, devem ter suas políticas locais de ordenamento orquestradas a partir do entendimento das condições sociais e espaciais particulares.

Esse mesmo desenvolvimento endógeno é barrado por questões históricas e estruturais nos marcos das relações de produção no capitalismo brasileiro. Observamos que a estrutura do SIL calçadista campinense é pautada por uma organização espacial eficiente para o grande capital, mas com uma organização cooperativa ineficiente, tanto entre as pequenas empresas, em função da competição, quanto entre essas, com relação as grandes empresas.

Portanto, o desenvolvimento desse SIL calçadista, representa um fenômeno notável de penetração das relações sociais de produção capitalistas na cidade de Campina Grande. Ao mesmo tempo, demonstra também a correlação e coexistência de relações de produção tipicamente capitalistas com aquelas não tipicamente capitalistas em um mesmo ramo produtivo de uma mesma cidade.

Por fim, uma última consideração acerca da dimensão da pequena indústria, o nosso estudo nos demonstra a importância que as pequenas indústrias possuem no abastecimento local e regional, especialmente das classes trabalhadoras sejam urbanas ou rurais, além do mais também evidenciam a capacidade de se produzir com pouco capital e à baixos custos, o que ainda pode apontar para um melhor aproveitamento da capacidade produtiva em uma cidade ou um país. Alguns elementos de nossa análise nos demonstram a validade das análises do geógrafo anarquista Piotr Kropotkin, (KROPOTKIN, 1978, p. 186-7) sobre as dificuldades enfrentadas entre as pequenas indústrias no sistema capitalista.

Assim, em concordância com parte de suas análises sobre o capitalismo industrial do século XIX, podemos dizer que as pequenas indústrias continuam a existir, mas através de uma constante “mortalidade”. Esse fato, não possui relação direta com a produção em pequena escala, mas sim, porque diferente da grande indústria, as primeiras não conseguem se desvencilhar dos compradores, intermediários, atacadistas e das empresas que terceirizam seus serviços. Isto é, enquanto a grande indústria pode concentrar vários ramos produtivos internalizados na mesma fábrica, e ao mesmo tempo negociar diretamente com os compradores, fornecedores, exportadores, a pequena indústria, apenas pode concentrar uma atividade em pequena escala. Essa dinâmica dentro de uma economia de mercado e na lógica da propriedade privada da terra e do assalariamento, torna as pequenas produções pouco competitivas, pela baixa lucratividade e ao mesmo tempo altamente exploratórias.

Contudo, isso não quer dizer que a produção em pequenas fábricas seja essencialmente pouco produtiva e super exploradora por essência, essa atual condição se dá pelo modo de produção atual e sua correspondente forma política. Portanto, a questão que torna a pequena indústria “inviável” não é no plano da produção, mas sim, do capitalismo e seu inevitável monopólio do capital nas mãos de poucos. Nesse sentido, a pequena indústria não é necessariamente pouco produtiva, o que a torna menos produtiva é o regime de competição e seu pequeno poder de barganha em comparação as grandes empresas.

Desse modo, a análise dessas relações de produção, nos ajudam a pensar de forma crítica a organização espacial da produção no sistema capitalista. A propriedade privada se torna nesse sistema a substância principal das formas espaciais dessas relações de produção. Essa produção se dá de forma segmentada e desigual, onde algumas empresas e espaços passam a concentrar capitais, capacidade técnicas e poder político sobre o

Estado e a sociedade. Desse modo, a riqueza social apropriada privadamente, impede uma real socialização das forças produtivas como o maquinário, as terras, o conhecimento. Sendo o Estado um mediador, regulador e garantidor dessa norma jurídica e forma social, assim como, do próprio mercado e das relações de sociais de produção.

Isso explica em grande parte, a impossibilidade de pequenas empresas, de trabalhadores autônomos organizarem sua produção cooperativamente. Além do mais, essa configuração obriga os mesmos, principalmente na periferia econômica do território brasileiro, a venderem a sua força de trabalho em condições degradantes. Desse modo a descentralização da produção no capitalismo não representou de forma alguma, ganhos para a classe trabalhadora, nem mesmo para uma organização socioespacial mais justa. Pelo contrário, essa descentralização produtiva via de regra, foi acompanhada pela desregulamentação das relações de trabalho por parte do Estado brasileiro, do aumento da subcontratação e terceirização e de precariedade na reprodução da vida.

Contudo, a organização da produção centralizada como ainda é comum em modelos produtivos de base fordista-taylorista no Brasil, também não correspondem a uma organização espacial da produção que garanta uma produção que corresponda as necessidades sociais, inclusive daqueles trabalhadores inseridos nessas relações de produção.

Esse estudo pode nos levar a refletir que a descentralização produtiva, só pode ser positiva enquanto um processo que leve a uma justiça socioterritorial, se vier acompanhada de uma descentralização do capital, ou em outras palavras da socialização da riqueza social produzida pelos trabalhadores brasileiros e o controle dos mesmos da produção e da organização autônoma do espaço produtivo. Isso tem que ver também com uma transformação no padrão de acumulação atual e da forma como a produção vem se dando na cidade e no campo.

REFERÊNCIAS

ABICALÇADOS. **Relatório setorial: Indústria de calçados do Brasil 2019**. Associação Brasileira das Indústrias de Calçados. Novo Hamburgo: Abicalçados, 2019. Disponível em: <http://abicalcados.com.br/publicacoes/relatorio-anual>. Acessado em 12/07/2021.

ABICALÇADOS. **Relatório setorial: Indústria de calçados do Brasil 2018**. Associação Brasileira das Indústrias de Calçados. Novo Hamburgo: Abicalçados, 2018. Disponível em: <http://abicalcados.com.br/publicacoes/relatorio-anual>. Acessado em 12/07/2021.

ALMEIDA, Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de. **Relações socioespaciais no contexto das indústrias de calçados informais de Campina Grande-PB- Dissertação** (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ALPARGATAS, Relatório Anual e Social, 2004. Disponível em: <http://alpargatas.riweb.com.br/relatorio/2004/files/assets/basic-html/page1.html>

ALPARGATAS. Relatório Da Administração, 2012. Disponível em: <https://ri.alpargatas.com.br/Download.aspx?Arquivo=45u8eGlPvM/6ECWGff2z+g==&IdCanal=Dr4/2EUxsw/SsU/edOLI/w==>

ALPARGATAS. Relatório da Administração, 2011. (Acesso em 30/03/2020)
<https://ri.alpargatas.com.br/Download.aspx?Arquivo=45u8eGlPvM/6ECWGff2z+g==&IdCanal=Dr4/2EUxsw/SsU/edOLI/w==>

ALPARGATAS S.A Demonstrações Financeiras 2010. Em:
<https://ri.alpargatas.com.br/listgroup.aspx?idCanal=Dr4/2EUxsw/SsU/edOLI/w==>
_____.2012
_____.2014
_____.2016
_____.2019a.

ALPARGATAS S.A Formulário de Referência, 2019b.

ALVES, J. S. **As negociações coletivas de trabalho frente à reestruturação produtiva: um estudo do polo coureiro-calçadista paraibano a partir dos anos 1990**. João Pessoa: UFPB, 2011. 330 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ALVES, Leonardo da Silva. **Os Incentivos Fiscais e a Indústria de Campina Grande de 1960 a 2011**. (p. 83-90) In: Campina Grande Hoje e Amanhã. Antonio Guedes Rangel Junior; Cidoval Moraes de Sousa. 2. ed. - Campina Grande: EDUEPB, 2013.

ANDRADE, Elisabeth de Oliveira. **Arranjos Produtivos Locais, capital social organizacional e desenvolvimento local: Um estudo de caso no APL Coureiro-Calçadista de Campina Grande-PB**. 2011. 117f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 3º Ed. São Paulo:Editora Brasiliense, 1973.

ANDRADE, Elisabeth de Oliveira. **Arranjos Produtivos Locais, capital social organizacional e desenvolvimento local: Um estudo de caso no APL Coureiro-Calçadista de Campina Grande-PB**. 2011. 117f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

AQUINO; PINHEIRO (Orgs.), **Programa de Desenvolvimento de Distritos Industriais: Uma Experiência de Internacionalização de APLs/** Carlos Aquino e Eliane Pinheiro (Organizadores). - Brasília: SEBRAE, 2006.

BARROS; ATHIAS. **Salário mínimo, Bolsa Família e desempenho relativo recente da economia do Nordeste**. Revista de Economia Política, vol. 33, nº 1 (130), pp. 179-199, janeiro-março/2013.

BESA, Borracha Esponjosa S/A Indústria e Comércio. **Balanço Geral e Demonstração da Conta de Lucros e Perdas**. Campina Grande, 1972.

BRANDÃO, C. A. **Território & desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

BRANDÃO. **Espaços da Destituição e as Políticas Urbanas e Regionais no Brasil: uma visão panorâmica**. Nova Economia, v.26 n. Especial. 2016, p. 1097-1132.

BORELLI, F. C.; HEMIAS, M.W.; DIAS, P. **Casos de Ensino em Administração: Sandálias Kenner. RAC, Rio de Janeiro**, v. 16, n. 1, pp. 157-171, jan./fev. 2012 in: <https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/920>.

BOTELHO, A. **Do fordismo à produção flexível: a produção do espaço num contexto de mudança das estratégias de acumulação de capital**. 1 v. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2000.

CARDOSO, Maria Francisca Thereza. C. **Campina Grande e sua Função como Capital Regional**. In: Revista Brasileira de Geografia. Volume 25, Número 04. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, out./dez. 1963. p.415-451.

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. **Para Além da Pedra e Cal: Discursos e Imagens de Campina Grande (1970 a 2000)** – Campina Grande, EDUEPB, 2017.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. **O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas**. In: LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M. L. (Org.). Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local. Rio de Janeiro: Relume Dumará; UFRJ/Instituto de Economia, 2003. Cap. 1, p. 21-34.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Processos, Formas E Interações Espaciais**. R. Bras. Geogr., Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 127-134, jan./jun. 2016.

DAMIANI, Amélia Luísa. **A metrópole e a indústria: reflexões sobre uma urbanização crítica**. Terra Livre, São Paulo, n.15, p.21-37, 2000.

HIRSCH, J. **¿Qué significa estado? Reflexiones acerca de la teoría del estado capitalista**. Curitiba, Revista de Sociologia Política, n 24, junho de 2005.

FIEP, FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DA PARAÍBA. **Guia Industrial do Estado da Paraíba- 2020**. Campina Grande, 2020. Acessado em: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/>.

FERREIRA, Marcos Antonio da Silva. **Corporação e Geografia: A organização territorial e produtiva do grupo Alpargatas S.A na Paraíba**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. Tradução Carlos Szlak. Coordenação Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

HARVEY, David. **Os Limites do Capital**. Tradução Magda Lopes. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2013.

HARVEY, David. **17 Contradições e o Fim do Capitalismo**. Tradução Rogério Bettoni. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

IBGE. **Censo Industrial de 1960: Paraíba-Pernambuco-Alagoas**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1966. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7100>

IBGE. **Censo Industrial de 1970: Paraíba**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1974. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7101>.

IBGE. **Censo Industrial de 1980: Paraíba**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1984. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/103/ci_1980_v3_t2_n11_pb.pdf.

IBGE. **Cadastro Central de Empresas. Tabela 3421**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3421>.

IBGE. **Cadastro Central de Empresas. Tabela 6449**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020, Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6449#notas-tabela>

IPEA, **Pessoal ocupado-Comércio**, Fonte: IBGE. (2011) Acessado em 22/09/2020, Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>.

JESSOP, Robert. **El Futuro del Estado capitalista**. Traducción: Antonio De Cabo Y Aniza Garcia. Editora: CATARATA. Madrid, 2008.

KROPOTKIN, Piort. **Campos, Fábricas y Talleres**. (1ªed. 1909). Madrid: Júcar, 1978.

KROPOTKIN, Piort. **A Conquista do Pão**; Tradução: Cesar Falcão – Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

KROPOTKIN, Piotr. **Para que Servem os Progresso da Indústria**. Publicado originalmente em: Les Temps Nouveaux, nº 17, 22 de agosto de 1908. Republicado em coletânea: Socialismo, Intermezzo Editorial. 2021.

LEMONS, Cristina. **Arranjos produtivos locais no Brasil: o caso do arranjo coureiro-calçadista de Campina Grande (PB)**. Parcerias Estratégicas - Número 17 - Set/2003.

LENCIONI, Sandra. **Reestruturação: uma noção fundamental para o estudo das transformações e dinâmicas metropolitanas**. Anais. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras/Universidad de Buenos Aires, 1997.

LENCIONI, Sandra. **Mudanças na metrópole de São Paulo (Brasil) E Transformações Industriais**. Revista do Departamento de Geografia n.12, p. 27-42, 1998.

LENCIONI, Sandra. **Regiões metropolitanas do Brasil. Radiografia da dinâmica recente do emprego industrial e da remuneração do trabalhador**. En publicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006.

LENCIONI, Sandra. **Condições gerais de produção: um conceito a ser recuperado para a compreensão das desigualdades de desenvolvimento regional**. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (07). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24507.htm>> [ISSN: 1138-9788]

LENCIONI, S. Estado de São Paulo: **lugar de concentração da inovação e da intensidade tecnológica da indústria brasileira**. In: SPOSITO, E. (Org.) O novo mapa da indústria no início do século XXI. São Paulo: Ed. Unesp Digital, 2015.

LEFEBVRE, **Estructuralismo y política**. Traducción de Luis Alberto Rutz. Editorial La Pleyade. Buenos Aires, 1973.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LIPIETZ Alain. **Fordismo, Fordismo Periférico E Metropolização**, Ensaio FEE, Porto Alegre, 303-335, 1989.

LIPIETZ Alain. **As Relações Capital-Trabalho No Limiar do Século XXI**. Ensaio FEE, Porto Alegre, 12(1) :101-130, 1991.

LIPIETZ, Alain. **O mundo do pós-fordismo: Indicadores Econômicos**. FEE, Porto Alegre, v.24, n.4, p.79-130 fev., 1997.

MAIA D. S.; CARDOSO C. A.; ALONSO S. F.; BEZERRA R. S. **Campina Grande :Dinâmica Econômica e Reestruturação urbana. Permanências e Transformações.** In :Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Campina Grande e Londrina/ Denise Elias, Maria Encarnação Beltrão Spósito, Beatriz Ribeiro Soares organizadoras. 1 ed – São Paulo: Outras Expressões, 2013

MARCIANO, José Monteiro. **A política como negócio de família: os herdeiros e a força dos capitais no jogo político das elites na Paraíba (1985-2015).** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande – PB, 2016.

MARX, Karl, 1818-1883. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política;** supervisão editorial Mario Duayer; tradução Mario Duayer, Nélcio Schneider (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). – São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. O Capital, livro II: **o processo de circulação do capital.** São Paulo: Boitempo, 2014.

MASSEY, Doreen. **Uneven Development: Social Change and Spatial Divisions of Labour,** p.86-114 in: Space, Place, And Gender. Third Impression, Universit of Minnesota Press Minneapolis, 2001.

OLIVEIRA, Maria José Silva. **Do Discurso Dos Planos Ao Plano Discurso: PDLI – Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Campina Grande 1970-1976,** Dissertação (mestrado)_ , Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU), Recife UFPE, 2005.

OLIVEIRA; NETO. **Indústria Calçadista, emprego, Qualificação e Ação Pública em Campina Grande,** (p.59-84). In: Campina Grande em Debate: A Condição Urbana da Periferia pela Lente do Trabalho e das Políticas Públicas, Roberto Vêras de Oliveira (Org.) Campina Grande: EDUEPB; EDUFCG, 2009.

OLIVEIRA; RODRIGUES (Orgs.). **Memorial FIEP: Seis Décadas de ações Transformadoras/Maria José Silva Oliveira José Edmilson Rodrigues (orgs.) –** Campina Grande. Gráfica Marcone, 2009. 226p.

PEREIRA, Davidson Matheus F. **A feira sudoeste e o circuito inferior da economia urbana no bairro Três Irmãs, Campina Grande-PB.** Monografia (Licenciatura em Geografia) - UFCG, Centro de Humanidades, 2018.

PEREIRA, William Eufrásio Nunes. **Reestruturação do Setor Industrial de Campina Grande–PB a partir dos anos 1990.** – Natal: EDUFRN, 2016.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. **Território E Economia Política - Uma Abordagem A Partir Do Novo Processo De Industrialização No Ceará.** 1. ed. São Paulo: Editora da UNESP/Selo Cultura Acadêmica, 2013. v. 1. 397p.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. **A indústria de calçados no Brasil diante da reestruturação territorial e produtiva.** In: O novo mapa da indústria no início do século

XXI [recurso eletrônico] / organização Eliseu Savério Sposito. – 1. ed. – São Paulo: Editora da Unesp Digital, 2015a.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. **Globalização e reestruturação da indústria de calçados no Brasil**. In: Encontro Nacional da ANPEGE, 11.: 2015, Presidente Prudente. Anais... Presidente Prudente: 2015b. p. 4798-4810.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. **Geografia industrial e inovação Uma análise a partir da noção de configuração espacial produtiva**. In: Geografia da inovação: território, redes e finanças / organizado por GOMES M. T. S., TUNES R. H., OLIVEIRA F. G. de. - Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson; SAMPAIO, José Eudázio Honório. **Convergências E Contradições Do Novo Mapa Da Indústria De Calçados No Brasil**. Entre Lugar, v. 11, p. 75-100, 2020.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar**, Brasil: 1890-1930. 4ª Ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Na procura do Lugar o encontro da Identidade. As ocupações de Terra em Osasco-São Paulo**. 1988. 417 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

REIS, José. **Estado, Mercado e Comunidade: A economia portuguesa e a governação contemporânea**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 70, p. 81-100, 2004. Disponível em: <http://rccs.revues.org/1050>, Acessado em: 31/05/2021.

RICHARDSON, Harry. W. **Economia Urbana**; tradução de Flávio Wanderley Lara. Rio de Janeiro, Interciência, 1978.

SANTOS, A. E. A. dos; CÂNDIDO, G. A. **Estruturas de governança em arranjos produtivos locais: uma aplicação no arranjo calçadista no município de Campina Grande-PB**. In: Encontro da ANPAD, 37, 2013, Rio de Janeiro, RJ. Anais... Rio de Janeiro, p. 1-16, 2013.

SANTOS, Freire do Monte Santos. **Arranjo produtivo local sustentável: o caso do setor de calçados de Campina Grande/PB 2009**. 184f. (Dissertação de Mestrado em Recursos Naturais), Programa de Pós-graduação em Recursos Naturais, Centro de Tecnologias e Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba – Brasil, 2009.

SANTOS, Lorena Louise Silva. **Análise das operações produtivas de uma empresa de Manufatura de calçados à luz da teoria das restrições**. 56 f. Relatório de Estágio Supervisionado (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2010.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: Os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**/ Milton Santos tradução de Myrna T. Rego Viana – Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo. Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método** – 4ª Ed. São Paulo, Nobel. 1997a.

SANTOS, Milton. **A Periferia Está no Pólo : O caso de Lima Perú** . In: Economia Espacial: Críticas e Alternativas. São Paulo: Edusp. 2003. p. 75-125.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira** – 5, d., 3. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SAMPAIO, José Eudázio Honório; PEREIRA JÚNIOR, Edilson. **O sistema industrial localizado de calçados de Franca (SP) e sua nova configuração urbano regional.** Espaço e Economia, v. 14, p. 1-18, 2019.

SILVA, Allisson Batista da. **Análise dos Ajustes Espaciais em Campina Grande-PB: A formação e o desenvolvimento do Distrito Industrial do Ligeiro.** Artigo (graduação) curso de Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande-PB, 2011.

SILVA, I.E.E. **A Produção Capitalista Do Espaço Urbano e a Política Habitacional em Campina Grande- PB: O Complexo Aluizio Campos.** (Dissertação), Programa de Pós Graduação em Geografia, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba-UFPB, João Pessoa, 2020.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual: natureza, capital e a produção do espaço.** Trad. Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOJA, Edward w. **Geografias Pós-modernas: A Reafirmação do Espaço na Teoria Social;** tradução [da 2ª ed. Inglesa], Vera Ribeiroº revisão técnica, Bertha Becker, Lia Machado, -- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1993.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Teoria Dos Pólos, Regiões Inteligentes e Sistemas Regionais de Inovação.** In: Análise. Porto Alegre, v. 16, n. 1, PP.87-112, Jan./Jul., 2005.

WALLIG NORDESTE, S.A. Indústria e Comércio. **Projeto apresentado a Sudene para a instalação de uma fábrica de fogões a gás em Campina Grande-Paraíba,** Campina Grande, 1963.